



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE - PROCISA

PAÔLA KESSY DE SOUZA BELO

TORNANDO-SE LIVRE: ENTRE A HOMOSSEXUALIDADE E A PRÁTICA
RELIGIOSA

Boa Vista, RR

2019

PAÔLA KESSY DE SOUZA BELO

TORNANDO-SE LIVRE: ENTRE A HOMOSSEXUALIDADE E A PRÁTICA
RELIGIOSA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde na Universidade Federal de Roraima, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Saúde. Área de Concentração: Diversidade Sociocultural, Cidades e Modelos de Atenção à Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Joelma Ana Gutiérrez Espíndula.

Boa Vista, RR
2019

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

B452t Belo, Paôla Kessy de Souza.

Tornando-se livre : entre a homossexualidade e a prática religiosa / Paôla Kessy de Souza Belo. – Boa Vista, 2019.
106 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Joelma Ana Gutiérrez Espíndula.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima,
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde.

1 – Homossexualidade. 2 – Religiosidade. 3 – Estratégias de enfrentamento. 4 – Saúde mental. I – Título. II – Espíndula, Joelma Ana Gutiérrez (orientadora).

CDU – 613.86:316.346.2

PAÔLA KESSY DE SOUZA BELO

TORNANDO-SE LIVRE: ENTRE A HOMOSSEXUALIDADE E A PRÁTICA
RELIGIOSA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde na Universidade Federal de Roraima, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Saúde. Área de Concentração: Diversidade Sociocultural, Cidades e Modelos de Atenção à Saúde. Defendida em 12 de Fevereiro de 2019 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Joelma Ana Gutiérrez Espíndula
Orientadora /Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde - UFRR

Prof. Dr. Marcos Antônio Pellegrini
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde - UFRR

Prof. Dr. Flávio Corsini Lório
Centro de Educação - UFRR

Dedico esse trabalho, a todos os homossexuais brasileiros, especialmente, aqueles que se encontra em conflito com a sexualidade e prática religiosa.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora pelas horas de trabalho, atenção e por acolher a mim e ao meu tema com muito zelo;

Aos colaboradores desta pesquisa que se dispuseram a compartilhar suas vivências de forma riquíssima;

A todos os professores do PROCISA que colaboraram com minha formação e enriqueceram essa pesquisa;

A todos os servidores e estagiários do PROCISA e me acolheram ao longo desses dois anos de formação;

A minha colega de profissão, de mestrado e de orientação, Maria Andrelina, por compartilhar comigo o desafio de escrever uma pesquisa fenomenológica, e por me amparar nos momentos de agonia, ansiedade e alegria;

Aos meus colegas de mestrado, principalmente Thiago Martins e Lincoln Valença, por cada hora de estudo, pela troca de experiência, de estímulo e risadas;

A minha querida Mãe por ser a principal incentivadora da minha vida acadêmica e por me ensinar a ser uma mulher forte, sonhadora e batalhadora;

Ao meu pai por transformar cada momento em único e valioso;

A minha amada avó, Maria da Penha, que me ensinou a amar e ser humana;

Aos meus irmãos, Paloma Belo, Ricardo Belo e Ana Flávia Belo por compartilhar os melhores e os piores momentos da minha vida;

Ao meu namorado, Ithalo de Castro, pelo apoio incondicional, pelo amor, companheirismo e por compartilhar a vida;

As minhas amigas, Samara Araújo, Perla Martins, Priscila Brito e Rejane Magalhães por me escolherem como irmã da vida;

Por fim, a Deus por me proporcionar a vida e força para enfrentar obstáculos a cada dia.

Esse termo “seja livre” é muito comum nas igrejas evangélicas, porque ser livre é se libertar de tudo que há nesse mundo e ser um cristão santo, viver na santidade. E para mim, ser livre não é mais isso. Ser livre é não carregar culpa. Ser livre é não ter medo de andar pela rua. Ser livre é não ter vergonha de si mesmo, é não ter vergonha de Deus, não ter vergonha de se ajoelhar e conversar com Deus por ser homossexual, isso é ser livre.

(Lucas, colaborador da pesquisa)

RESUMO

A temática deste estudo está imbricada as noções de saúde mental de homossexuais com prática religiosa devido ao conflito de identidade. Sabe-se da relação conturbada entre as entidades religiosas e a população LGBTI+. Uma relação banhada pelo preconceito ocasionado pela divergência de crenças que atravessam a história da humanidade até os dias atuais. Logo os objetivos desta pesquisa foram: compreender as vivências de ser gay com prática religiosa e identificar as estratégias de enfrentamento para os conflitos de gays que têm prática religiosa, a partir do método fenomenológico proposto por Amedeo Giorgi. Os resultados alcançados demonstram três estruturas gerais para a vivência gay com prática religiosa compostas por sete constituintes essenciais: Percepção e vivência do conflito interno; Vivência de sofrimento desencadeado por crenças religiosas; Vivências familiares e a homossexualidade; Ser gay e a homofobia; Vivência gay frente a prática religiosa e o contato com Deus; Tornando-se livre: estratégias percebidas; e Ressignificações. Os relatos demonstram que a vivência do homossexual com prática religiosa decorre inicialmente por conflito interno desencadeado por crenças religiosas, vivência da homofobia nos meios religioso, familiar e social como também por vivência da homofobia internalizada. Foram identificadas como estratégias de enfrentamento para o conflito: o individualismo religioso, a migração religiosa, a mudança de percepção sobre Deus; o conhecimento e autoconhecimento; e rede de apoio composta por apoio de familiares, de amigos, apoio amoroso e apoio religioso e espiritual. As experiências se mostram de maneira singular e subjetiva, porém de forma comum a todos os colaboradores o conflito não foi apagado ao serem elaborados, foram resignificados. As estratégias sugeriram facilitar o processo de resignificações que representaram nova forma de perceber a homossexualidade, religiosidade e espiritualidade, e também de combater a homofobia. Acredita-se que os objetivos foram alcançados e sanados frente as vivências dos colaboradores, com o auxílio metodológico fenomenológico. Conclui-se que as estratégias fazem parte do processo de liberdade que é complementado pelas resignificações que os homossexuais concretizam de todas as suas vivências, ampliando-se como pessoa humana, gay e para alguns como cristãos. Infere que as resignificações permitem que gays possam aprender a lidar dia a dia com a homofobia assumindo uma postura harmoniosa, coerente, saudável e sólida.

Palavras-chave: Homossexualidade; Religiosidade; Estratégias de enfrentamento; Saúde mental;

ABSTRACT

The theme of this study is to inbricated the notions of mental health of homosexuals with religious practice due to the conflict of identity. It is known of the troubled relationship between the religious entities and the LGBTI + population. A relationship bathed by prejudice caused by the divergence of beliefs that permeates the history of mankind to the present day. Soon the objectives of this research were: to understand the experiences of being gay with religious practice and to identify coping strategies for the conflicts of gays who have religious practice, based on the phenomenological method proposed by Amedeo Giorgi. The results achieved demonstrate three general structures for the gay experience with religious practice composed of seven essential constituents: Perception and experience of internal conflict; Experience of suffering triggered by religious beliefs; Family Experiences and homosexuality; Being Gay and homophobia; Gay Experience in the face of religious practice and contact with God; Becoming free: perceived strategies; and Resignitions. The reports show that the experience of homosexual with religious practice stems initially from internal conflict triggered by religious beliefs, the experience of homophobia in the religious, family and social means, as well as by the experience of homophobia Internalized. They were identified as coping strategies for the conflict: religious individualism, religious migration, change of perception about God; Knowledge and self-knowledge; and support network consisting of support from relatives, friends, loving support and religious and spiritual support. The experiences are shown in a singular and subjective way, but in a common way to all collaborators the conflict was not erased when they were elaborated, they were resignified. The strategies suggested facilitating the process of resignitions that represented the new way of perceiving homosexuality, religiosity and spirituality, and also of combating homophobia. It is Believed that the objectives are achieved and remedied in the face of the collaborators' experiences, with the phenomenological methodological assistance. It is Concluded that the strategies are part of the process of freedom that is complemented by the resignitions that homosexuals realize of all their experiences, expanding as a human person, gay and for some as Christians. It infers that the resignitions allow gays to learn how to cope with homophobia by assuming a harmonious, coherent, healthy and solid posture.

Keywords: Homosexuality; Religiosity; Coping Strategies; Mental Health;

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Relações entre as Constituintes	69
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Critérios de elegibilidade	40
Quadro 02 - Colaboradores da pesquisa	40
Quadro 03 - Estrutura da Vivência para Lucas, Miguel e Levi	47
Quadro 04 - Estrutura da Vivência para Mateus e Davi	47
Quadro 05 - Estrutura da Vivência para Pedro, Enrique e Gabriel	487
Quadro 06 - Variações empíricas da Constituinte - Percepção e vivência do conflito interno	93
Quadro 07 - Variações empíricas da Constituinte - Vivência do sofrimento apoiado em crenças religiosas	94
Quadro 08 - Variações empíricas da Constituinte - Vivências familiares e a homossexualidade	95
Quadro 09 - Variações empíricas da Constituinte - O ser gay e a homofobia	96
Quadro 10 - Variações empíricas da Constituinte - Vivência gay frente a prática religiosa e o contato com Deus	97
Quadro 11 - Variações empíricas da Constituinte - Tornando-se livre: estratégias percebidas	99
Quadro 12 - Variações empíricas da Constituinte - Ressignificações	100

LISTA ABREVEATURAS E SIGLAS

ABP.	Associação Brasileira de Psiquiatria
APA.	Associação Americana de Psiquiatria
CID.	Classificação Internacional de Doenças e Problemas relacionados a Saúde
CFP.	Conselho Federal de Psicologia
DSM.	Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais
LGBTI+.	Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transexual e Intersexual
OMS.	Organização Mundial da Saúde
UFRR.	Universidade Federal de Roraima
TCLE.	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 ALGUNS CONCEITOS INTRODUTÓRIOS	15
2.2 ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DE HOMOSSEXUAIS	17
2.2.1 Desenvolvimento Humano e Identidade Homossexual	17
2.2.2 Sociedade, Cultura e Homossexualidade	21
2.2.3 Religião e Homossexualidade	22
2.2.4 Família e Homossexualidade	25
2.2.5 Preconceito como promotor de sofrimento emocional	27
2.3 SAÚDE MENTAL, RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE	29
2.3.1 Pesquisas científicas da temática: Saúde mental, Religião e Homossexualidade	31
3 METODOLOGIA	35
3.1 PESQUISA QUALITATIVA E FENOMENOLÓGICA	35
3.2 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO: FENOMENOLOGIA	37
3.3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	39
3.3.1 Colaboradores da Pesquisa	39
3.3.2 Aspectos Éticos	42
3.3.3 Procedimentos de Coleta de Dados	42
3.3.4 Procedimentos de Análise de Dados: Método Fenomenológico Psicológico de Amedeo Giorgi	44
4 RESULTADOS	46
4.1 DESCRIÇÃO E SÍNTESE DAS ESTRUTURAS GERAIS E UNIVERSAIS DOS SIGNIFICADOS PSICOLÓGICOS DA EXPERIÊNCIA	46
4.2 ANÁLISE PÓS-ESTRUTURAL DAS VIVÊNCIAS DOS HOMOSSEXUAIS COM PRÁTICAS RELIGIOSAS	48
4.2.1 Constituintes essenciais	48
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	68
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICES	86
APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	86
APÊNDICE II - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	87
APÊNDICE III - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO MIGUEL (C7)	88
APÊNDICE IV – QUADROS DE VARIAÇÕES EMPIRÍCAS DAS CONSTITUINTES	93
ANEXOS	103
ANEXO I - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA UFRR SOBRE A NOTIFICAÇÃO DO SUB-PROJETO VINCULADO AO PROJETO GUARDA-CHUVA	103

1 INTRODUÇÃO

À temática deste estudo estão imbricadas as noções de saúde mental de homossexuais com prática religiosa devido ao conflito de identidade, elencando assim a necessidade de pesquisar as estratégias possíveis de elaboração a partir das vivências concretas e das percepções dos próprios sujeitos.

A sexualidade, em particular a homossexualidade masculina, sempre foi uma fonte de interesse para meus questionamentos. Durante o curso de psicologia dedicava os trabalhos e pesquisas de tema livre para compreender mais os homossexuais e as suas relações com a sexualidade, logo meu trabalho de conclusão de curso investigou a formação da identidade homossexual. Durante toda pesquisa meu interesse e paixão pela temática aumentou ainda mais.

Nas entrevistas da minha monografia percebi que alguns dos participantes passaram pelo conflito entre a identidade sexual e religiosa, e ficou claro para mim, que o sofrimento destes era mais intenso que dos homossexuais não religiosos. Em meus estudos (BELO, 2016; BELO et al., 2017) identifiquei que a homossexualidade é pouco pesquisada no Brasil, considerando seus protagonistas como centralidade, principalmente a religiosidade destes. Então, me propus a tomar esse novo enfoque como investigação para minha Dissertação com o objetivo de compreender as vivências de ser gay com prática religiosa e identificar as estratégias de enfrentamento para os conflitos desses. Pois, sabe-se da relação conturbada entre as entidades religiosas e a população LGBTI+. Uma relação marcada pelo preconceito ocasionado pela divergência de crenças que atravessam a história da humanidade até os dias atuais. As interpretações de doutrinas e dogmas das comunidades religiosas tradicionais orientadas por mandamentos bíblicos consideram uma incompatibilidade entre as relações homossexuais e prática religiosa. Dentro desse contexto, podemos encontrar pessoas com interesse afetivo, amoroso e sexual destinado ao mesmo sexo e praticante das atividades religiosas. E neste aspecto, questiona-se, é possível que homossexuais com práticas religiosas possam manter o bem-estar emocional diante da percepção das suas identidades?

Como a comunidade científica psicológica, voltada para a saúde e o bem-estar humano, pode-se fechar os olhos para essa discussão? Homossexuais, estes, estão atrelados a grande decisão de reprimir os seus desejos e permanecer ligado à igreja ou

de viver as experiências que realmente produzem satisfação emocional, afetiva e sexual e desfazer seus laços religiosos?

De acordo com a literatura científica encontrada sobre os conflitos de identidade sexual e prática religiosa, essa relação pode acarretar problemas emocionais e transtornos mentais (PEREIRA e LEAL, 2005b; GHORAYEB, 2007). De modo geral, as identidades sexuais estigmatizadas estão mais propensas ao suicídio e ao Transtorno Depressivo Maior (CEARÁ e DALGALARRONDO, 2010; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2014) do que as identidades sexuais não estigmatizadas, considerando então a comunidade gay vulnerável. Devido a problemas emocionais e a vulnerabilidade social da identidade homossexual adotou-se as seguintes questões norteadoras:

- *Como é a experiência de ser homossexual?*
- *Como se mostram as estratégias de enfrentamento da pessoa gay com prática religiosa?*

Sendo escolhida a metodologia fenomenológica para respondê-las. A contribuição da fenomenologia no quesito metodológico nos auxilia a encontrar o ponto de partida que começou pela experiência concreta vivida pelo sujeito para buscar essas respostas, que seria voltar às coisas mesmas (a experiência vivida pelo outro), não apenas as descrições, mas buscar a essência do vivido. As respostas alcançadas a partir da essência do mundo vivido permitiu a escuta, o acolhimento e o manejo do conflito, subsidiando o trabalho realizado na clínica psicológica e psiquiátrica, assim como permitiu favorecer a aceitação e melhor qualidade de vida para homossexuais religiosos.

Além do mais, acredita-se que essa pesquisa permitiu estimular a produção científica na temática, visto a defasagem, possibilitando novas incógnitas e assim possam criar reflexões de base sólida no trato dos conflitos com interferência na saúde mental. Diante disso, considera-se um tema com relevância social para ser estudada e discutida com profissionais psicólogos e outros profissionais da saúde e saúde mental.

Na primeira parte do estudo encontraremos apanhado teórico dos Conceitos Introdutórios utilizados na pesquisa, seguido pelos Aspectos Psicossociais de gays e Saúde mental, Religião e Homossexualidade. Na segunda parte, aborda-se a metodologia utilizada, abarcando o referencial teórico metodológico da pesquisa qualitativa e fenomenológica e a trajetória metodológica. Posteriormente, percebem-se os resultados alcançados, os quais demonstraram três estruturas gerais e universais

(estrutura A, B e C) para a vivência gay com prática religiosa compostas por sete constituintes essenciais que se relacionam e se complementam, sendo elas: Percepção e vivência do conflito interno; Vivência de sofrimento desencadeado por crenças religiosas; Vivências familiares e a homossexualidade; Ser gay e a homofobia; Vivência gay frente a prática religiosa e o contato com Deus; Tornando-se livre: estratégias percebidas; e Resignificações. Foram identificadas como estratégias de enfrentamento para o conflito: o individualismo religioso, a migração religiosa, a mudança de percepção sobre Deus; o conhecimento e autoconhecimento; e rede de apoio composta por apoio de familiares, de amigos, apoio amoroso e apoio religioso e espiritual. As experiências se mostraram de maneira singular e subjetiva, porém de forma comum a todos os colaboradores o conflito não foi apagado ao serem elaborados, foram ressignificados. As estratégias sugeriram facilitar o processo de ressignificações que representaram nova forma de perceber a homossexualidade, religiosidade e espiritualidade, e também de combater a homofobia.

Em um quarto momento adentra-se os resultados com o diálogo com a literatura, que se revelaram, principalmente, achados similares como por exemplo, a perceber a migração religiosa (SILVA, 2016) e o individualismo religioso (GHORAYEB, 2007; CEARÁ, (2009; RIBEIRO e SCORSOLINI-COMIN, 2017) como estratégias, além das ressignificações também encontradas nos estudos de Silva (2016) e de Busin (2008) complementando com pontuações sobre a resiliência dos colaboradores

Por fim, nota-se as considerações finais da presente pesquisa no intuito de não concluí-las, mas de instigar maiores investigações acerca da vivência gay, da saúde mental e da prática religiosa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ALGUNS CONCEITOS INTRODUTÓRIOS

Apesar de a homossexualidade ser bastante discutida em diversas polaridades, ainda há confusão em alguns termos, portanto é necessária a diferenciação de alguns conceitos para entender alguns pontos de delimitação desse projeto de pesquisa e adentramos na temática.

Esmiuçar o conceito de *Orientação sexual* é de extrema necessidade para fins da pesquisa em tela. De acordo com Papalia e Feldman (2013), orientação sexual refere-se ao direcionamento do interesse afetivo, amoroso e sexual, podendo ser focada a indivíduos do mesmo sexo (homossexualidade), do sexo oposto (heterossexualidade) e de ambos os sexos (bissexualidade).

Conforme a obra de Levounis et al. (2014) intitulado: “O livro de casos Clínicos GLBT”, organizado por psiquiatras, psicólogos, professores universitários, descrevem casos clínicos específicos da população LGBTI+ e acrescentam que a orientação sexual geralmente é percebida como imutável, estável e dificilmente é controlada.

A princípio, *homossexualidade* e *homoafetividade* podem parecer termos equivalentes, sinônimos. Entretanto, há diferenças essenciais entre essas duas palavras. Homossexualidade é uma expressão mais antiga para designar pessoas que se sentem atraídos por pessoas do mesmo sexo biológico (BESSON, 2015), recebeu popularidade nos últimos anos, substituindo o termo *homossexualismo*, intensamente ligado à noção de patologia e, no vocabulário religioso, à noção de pecado. Hoje, a homossexualidade é compreendida, pelo menos nos ambiente científico e acadêmico, como uma variação normal da sexualidade, como a heterossexualidade (SANTOS, 2008).

A homoafetividade é um termo mais recente, aceito por volta do final dos anos 90, e remete uma forma menos estereotipada de representar as relações homossexuais. Está intrinsecamente associada ao significado da afetividade envolvida nos relacionamentos homossexuais, portanto, os afetos são enfatizados em contraposição as práticas sexuais, em valorização da relação a dois. Entretanto, considera-se que o vocábulo está também imbricado a marginalização das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo (SANTOS, 2008).

No Brasil, o termo mais utilizado para representar homossexuais é *Gay* (para homossexual masculino) e *Lésbica* (para homossexual feminino) (LÓPEZ SÁNCHEZ, 2009). Conforme Levounis et al.(2014) a expressão em inglês *Gay* pode ser utilizada para homens e mulheres homossexuais, contudo as mulheres se identificam mais com a palavra *Lésbica*. É interessante dizer que embora a expressão “Gay” tenha sido utilizada a priori para diminuir homossexuais, estes a adotaram amplamente sem o sentido pejorativo e ofensivo (SANTOS, 2008).

A partir desses conceitos, entende-se que a orientação sexual não está relacionada ao gênero. A heterossexualidade, homossexualidade e a bissexualidade estão intimamente associadas a sexualidade do ser humano, isso significa dizer que a pessoa não apresenta desconforto com seu gênero biológico, portanto não podemos confundir identidade sexual com identidade de gênero (DALGALARRONDO, 2008a).

Quando fala-se em *Identidade de gênero*, está em discussão o modo como a pessoa se percebe, se sente e se reconhece. A identidade de gênero pode não corresponder ao sexo biológico. Nesse caso o transexual e a travesti representa essa não correspondência, o primeiro em relação ao gênero biológico e a segunda a representação social. Portanto, a orientação sexual da pessoa não é o foco. Na transexualidade pode ocorrer o tratamento hormonal e fazer a cirurgia de designação de sexo (LEVOUNIS et al., 2014; DALGALARRONDO, 2008a). Enquanto a travesti, não há o desejo de mudança de sexo, pois se apresenta socialmente nas características do sexo oposto (OMS, 1993).

Contudo, não nos ateremos à identidade de gênero, e sim a *Identidade sexual*, que não é sinônimo de orientação sexual, também conhecido como *Identidade de Orientação Sexual*. Este é um conceito muito mais amplo e com muitas variáveis. Besson (2015) considera em seu livro “Homossexuais católicos: como sair do impasse” que a identidade sexual se constrói a partir de um processo de desenvolvimento pessoal, e social. Complementando, Levounis et al. (2014), leva em consideração a cultura e a linguagem, como representação dos sentimentos e comportamentos sexuais. Portanto, tem-se a identidade homossexual, a forma como a pessoa enquanto homossexual se representa socialmente.

Será discutido com mais profundidade a identidade homossexual no próximo capítulo (5.2.1), neste momento precisa-se compreender a diferença entre orientação sexual e identidade sexual. Ainda que uma pessoa tenha a orientação sexual

homossexual, sua identidade homossexual é algo que está em construção, ao passo que adota a identidade heterossexual. Ocorre da mesma forma quando falamos de *Comportamento sexual*, que seria as práticas sexuais desenvolvidas. Sabe-se que existem pessoas de orientação homossexual que se comportam como heterossexuais, tendo atividades sexuais com o sexo oposto. Então, ter práticas heterossexuais não garante que a orientação sexual dessa pessoa seja hétero (LEVOUNIS et al., 2014). O desejo sexual não necessariamente é levado em conta nos comportamentos sexuais. Dessa maneira, uma pessoa pode ter uma orientação sexual, que não corresponde a sua identidade sexual e tampouco com seus comportamentos sexuais.

Por fim, vale ressaltar que o foco dessa pesquisa é a orientação sexual homossexual masculina, a identidade sexual homossexual, a saúde mental e a prática religiosa.

2.2 ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DE HOMOSSEXUAIS

Existem inúmeros fatores a serem discutidos neste momento do referencial teórico, fatores do desenvolvimento humano, familiar, social, cultural e religioso. Embora a apresentação destes seja individual, é necessário analisá-los a partir das relações uns com os outros, numa totalidade para realmente compreender os aspectos psicossociais envolvidos no contexto da pessoa gay.

2.2.1 Desenvolvimento Humano e Identidade Homossexual

Erick Erikson, psicanalista alemão, trouxe grandes contribuições para as teorias do Desenvolvimento Humano. Iremos nos apropriar especificamente de dois dos oito estágios psicossociais descritos por este estimado autor, estágios esses que podemos fazer ponderações maiores com a homossexualidade.

Na teoria de Erikson, especificamente na fase da adolescência, o grande entorno é o estabelecimento de identidade. O autor impôs um dilema “identidade X confusão de identidade (papéis)”, na qual o adolescente precisa refletir sua identidade ressignificando a infância e correspondendo a puberdade, estabelecendo os papéis que agora necessita assumir. Erikson acreditava que esse momento era voltado para compreender e construir a identidade sexual e identidade ocupacional (BEE, 2003).

Papalia e Feldman (2013) corroboram que além da definição da identidade sexual e ocupacional, Erikson também acreditava que a formação identitária era

concluída quando era estabelecido um terceiro fator, a adesão aos valores as quais pretendem vive-los. Para os autores, a construção satisfatória dessa fase proporciona qualidade a fidelidade, que corresponde a percepção de integração com amigos e ou pessoa amada, além de identificar com ideologia, valores, grupos, religião e movimento político. Entretanto, o risco nessa fase, segundo a teoria de Erikson, é o estado de confusão de identidade e incerteza que pode ser desencadeado e até mesmo agravado (BEE, 2003; PAPALIA e FELDMAN, 2013). Papalia e Feldman (2013) consideram inclusive que isso pode atrasar significativamente a maturação psicológica do indivíduo, mas salientam que algum grau de confusão é normal e que o estabelecimento da identidade não se conclui por total na adolescência, pois perduram por toda vida, afinal a própria teoria de Erikson envolve todas as fases do desenvolvimento humano.

O outro estágio de Erick Erikson que pode contribuir para analisar a homossexualidade é início da fase adulta (19 a 25 anos), pois se considera que ainda persistem algumas incógnitas acerca da identidade sexual. O teórico definiu como dilema para essa fase “intimidade X isolamento” que corrobora a necessidade de envolver-se afetivamente e amorosamente em relacionamentos verdadeiros (BEE, 2003). Seria então, estabelecer a intimidade com o outro, construir experiências de base sólida.

O impasse dessa fase seria a possibilidade de jovens adultos caírem no isolamento por não conseguirem estabelecer compromissos profundos. Embora acreditasse ser necessário isolar-se momentaneamente para refletir sobre a vida (PAPALIA e FELDMAN, 2013).

Relacionando o estágio do início da fase adulta com a orientação e identidade homossexual, pode-se considerar que o homossexual está mais propenso a cair no isolamento, visto a dificuldade de estabelecer relacionamentos verdadeiros e profundos, considerando aqui, por exemplo, o empecilho que esse grupo tem em reconhecer seus relacionamentos diante da sociedade.

A formação da identidade sexual e o estabelecimento de relacionamentos sólidos são duas tarefas difíceis que o homossexual precisa passar para atingir sua maturação enquanto pessoa. É claro que essa dificuldade é estabelecida pelo contexto em que o homossexual está inserido, a relação com a sociedade, com a família, e com a religião.

É perceptível que Erikson atribuiu a construção da identidade um papel importante na sua teoria e conseqüentemente no desenvolvimento da pessoa humana, assim como diversos teóricos. Por isso iremos discutir um pouco sobre identidade.

Uma gama de estudiosos conceituam e definem identidade, inclusive é um conceito bastante difundido e corroborado na psicologia. Para Erikson, identidade é “uma concepção coerente do self, constituída por projetos, valores e crenças com os quais a pessoa está solidamente comprometida” (PAPALIA e FELDMAN, 2013, p. 422). Kern e Silva (2009) afirmam que identidade seria um agrupamento de características pessoais específicas, embora haja alguns autores que também digam que essas características e concepções precisam ser assumidas socialmente, afirmando, aliás, que identidades são rótulos (TROIDEN, 1984; NUNAN, 2003 apud PEREIRA et al., 2006; PEREIRA e LEAL, 2005b).

É interessante abordar que Kern e Silva (2009) descrevem dois tipos de identidade, a identidade atribuída e identidade construída. Pode-se então utilizar a identidade homossexual para exemplificar esses tipos de identidade que os autores se referem. A homossexualidade possui uma identidade estigmatizante, que fora atribuída socialmente, e a relação que se faz entre a homossexualidade e a falta de moral é uma identidade atribuída. A identidade construída é aquela que o homossexual adquire com suas conquistas realizadas e em reconhecimento de si e como direito de ser e existir, como por exemplo, a exclusão da Homossexualidade do CID-10.

O homossexual que procura estabelecer sua identidade além de estar sujeito a complicações naturais da fase (seja na adolescência ou início da fase adulta), está também submetido aos impasses de construir e assumir uma identidade minoritária (BEE, 2003). É interessante inferir que o heterossexual não passa por processo de afirmação da sua identidade sexual e quiçá a tentativa de calá-la ou reprimi-la, nesta diferença, o homossexual muitas vezes cria múltiplas identidades para atender suas necessidades, sejam pessoais ou sociais (BESSON, 2015). Pode-se afirmar com base nessas ponderações que o homossexual leve um tempo maior para definir sua identidade sexual do que o heterossexual.

Besson (2015) traz uma afirmação que estar de acordo com o entendimento da formação contínua da identidade sexual que é corroborada na ideia de Erikson. O autor retrata que identidade sexual resulta da combinação do inato e do adquirido, sendo um extenso processo no desenvolvimento pessoal, portanto, a identidade sexual da pessoa

não está determinada no momento do nascimento, torna-se homossexual, heterossexual ou bissexual, considerando todos os aspectos do ser humano e seu desenvolvimento.

Shively e Dececco (1977/1993) apud Pereira e Leal (2005b) desenvolveram um modelo identidade homossexual. Para os autores a formação da identidade pode ser demonstrada em quatro trajetórias diferentes, porém não iremos nos prender as trajetórias e sim as etapas que podem ocorrer nas mesmas. O modelo descreve 7 etapas, sendo elas: a) (in) compatibilidade na compreensão dos papéis sexuais sociais, b) reconhecimento da diferença, c) confusão identitária, d) tolerância identitária, e) aceitação privada da identidade, f) aceitação privada e integrada da identidade e g) abertura total. As etapas não seguem uma ordem, cada trajetória terá uma ordem diferente. Porém podemos concluir que em geral os homossexuais passam por essas etapas com fluidez ou podendo estagnar, a depender do curso do processo que corresponde a qualidade das relações desse homossexual com ele mesmo, com seu meio familiar e social.

Os impasses que podem se estabelecer consegue muitas vezes levar o homossexual a adotar comportamentos sexuais e identidades não coerentes com sua orientação sexual. Isso significa dizer que a orientação sexual é conhecida e negligenciada por razões pessoais ou por motivação de cunho social. Besson (2015) afirma que a orientação sexual pode ser reprimida ou negada por um tempo considerável, entretanto, o desejo pode tomar força e ressurgir numa intensidade difícil de ser controlada.

Dessa maneira, percebemos a influência do contexto na percepção interna própria da pessoa. Forghieri (2002) propõe em seu livro “Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas” um Enfoque Fenomenológico da Personalidade. A autora aborda que a construção da identidade está imbricada as experiências que são vivenciadas no mundo, logo, não há identidade sem experiência no mundo. Conhecer a si mesmo, se dá na relação com o outro e na relação com o mundo. Assim, é conhecer onde o outro se encontra e se percebe no mundo da vida.

Levar em consideração o olhar fenomenológico de Forghieri (2002) é compreender que por mais cruel que seja esse mundo, essas experiências fazem parte da construção do ser enquanto pessoa. Então, a identidade atribuída da homossexualidade de alguma maneira vai ser entrelaçada com a identidade construída.

Assim, entende-se que há possibilidade de concretização ou não da formação da identidade homossexual coerente a orientação sexual, e essa depende dos aspectos psicossociais envolvidos no contexto da pessoa que se identifica homossexual, por isso, iremos nos apropriar um pouco mais desses aspectos.

2.2.2 Sociedade, Cultura e Homossexualidade

A fenomenologia, em especial Angela Ales Bello, traz contribuições significativas sobre comunidade e faz a diferenciação de sociedade que clareia algumas relações da homossexualidade com a sociedade. Para Ales Bello (2015, p. 98) sociedade seria a “união de pessoas para uma finalidade racional. Nela cada um é considerado por aquilo que serve à sociedade num certo momento, ou seja, não como pessoa”, não enfoca o compartilhamento de vínculo entre os membros de uma sociedade. Desse modo, não há a consideração da pessoa humana numa sociedade, mas sim de sua servidão objetiva. Essas considerações permitem afirmar que o homossexual além de ser desvalorizado pela sociedade como pessoa humana, também não é percebido como útil para contribuir na finalidade comum, muito possivelmente essa falta de percepção se dê justamente pela ausência de humanização na sociedade.

Diferentemente de comunidade, que para Ales Bello (2006) está relacionada com o compartilhamento de responsabilidade recíproca, cada membro é pessoa singular, na qual cada um se realiza, visto que sozinho não há realização. É perceptível esse funcionamento nas comunidades LGBTI+ com o compartilhamento de experiências, suporte e apoio mútuo, assim como na luta conjunta por reconhecimento e valorização.

A sociedade possui um papel fundamental na formação dos homossexuais como ser sexual e ser humano, visto que os mesmo estão inseridos em alguma coletividade. Ainda que funcione por uma finalidade racional, a relação entre os membros os influencia de maneira significativa. Portanto, a construção dos homossexuais está arraigada nos aspectos dessa união e de sua cultura. E sabe-se que a cultura predominante em nossa sociedade quando falamos de orientação sexual é a heterossexual (JESUS, 2013; LEVOUNIS et al., 2014).

Heteronormatividade (WARNER, 1991 apud JESUS, 2013) e heterossexismo (LEVOUNIS et al., 2014) partilham do mesmo significado. Que seria sistema de crença da sociedade, de forma geral, que a heterossexualidade é uma característica própria do ser humano, natural, ignorando todos aqueles que fogem dessa regra. Complementando,

Levounis et al. (2014) esclarece ainda que o heterossexismo difere da homofobia, pois não envolve violência física e emocional para com os homossexuais.

Há também o conceito de heterocentrismo, alguns autores utilizam como sinônimo para heteronormatividade, mas Jesus (2013) acredita que:

denomina-se heterocentrismo toda forma de perceber e categorizar o universo das orientações sexuais a partir de uma ótica centrada em uma heterossexualidade estereotipada considerada dominante e normal e não apenas como estatística, mas principalmente no sentido moralizante do termo. (p. 366)

A diferença entre os primeiros e o último seria a percepção de naturalidade em oposição a dominação e superioridade. Essa cultura tende tornar as subjetividades da sexualidade ao imoral. Assim, as concepções são impregnadas nas pessoas, nas famílias, nas escolas e naturalmente levadas às novas gerações. A atuação da comunidade homossexual vêm a passos lentos mudando essa cultura e ganhando espaço.

2.2.3 Religião e Homossexualidade

Percebe-se a necessidade de abordar a religião de forma mais particular, devido a própria delimitação do tema e também devido à grande influência que esta exerce sobre a sociedade e às pessoas.

Conforme Paixão Netto e Machado (2003) espiritualidade “sempre significou o conteúdo de toda a vida espiritual como doutrinária e prática” (p. 253), abraça todos os momentos da vida religiosa e espiritual e do desenvolvimento na experiência com Deus. Pinto (2009) traz uma concepção diferente relacionada aos aspectos da personalidade da pessoa, o mesmo considera espiritualidade corresponde a estrutura da personalidade, sendo inerente a pessoa humana, embora possa ou não ser trabalhada. A espiritualidade não está necessariamente relacionada a religião, é um aprofundamento humano da pessoa a partir de uma experiência individual.

Pinto (2009) acredita ainda que a religiosidade apresenta-se como parte do processo da personalidade, isso significa dizer que seria uma espécie de acessório da personalidade, e nesse caso está associado a um ser transcendente. Sendo uma experiência religiosa, elenca que a espiritualidade pode se manifestar através da religiosidade.

Espíndula (2009) em sua tese de doutorado realizou um breve levantamento bibliográfico sobre o tema da religiosidade e espiritualidade de pacientes com câncer e

profissionais de saúde. Os resultados mostraram que a espiritualidade e religiosidade, constituem a religião, entretanto são denominações mais amplas que a religião. Assim, religião conforme Thouless (1961, p.3) apud Espíndula (2009) “a religião é uma relação vivida e praticada com o ser ou com os seres sobremundanos nos quais se crê. Em consequência, ela é um comportamento e um sistema de crenças e de sentimentos. Acrescenta ainda a ideia de Campbell (2002) de que a religião possui um papel fundamental social e pessoal.

Segundo Oliveira e Junges (2012) essas duas categorias são de caráter experiencial, enquanto a religião possui aspecto institucional e doutrinário. Complementando, Silva C. et al. (2013) ressalta esse papel social, afirmando que as religiões além de serem um instrumento que integra e organiza a sociedade, proporcionam redes sociais e traçam apoio/sustentação para a vida cotidiana. A crença religiosa faz parte da constituição das pessoas, das suas identidades (LEVOUNIS et al., 2014).

Além do mais a religião é também um instrumento fortíssimo para as pessoas que se encontram em momento de aflição (ESPÍNDULA, 2009; DALGALARRONDO, 2008b). Questiona-se então, porque a religião atua de forma tão antagônica em relação à homossexualidade?

Dalgalarrondo (2008b) discute em seu livro "Religião, psicopatologia e saúde mental" sobre os tipos de religião que Allport descreveu: a *Religião Extrínseca* e a *Religião Intrínseca*. A primeira se trata de um sentimento religioso imaturo a partir de um egocentrismo, esse sentimento oferece suporte para o preconceito, ódio e exclusão, que geralmente é adotada para saciar desejos pessoais imediatos; enquanto na segunda estamos num sentimento religioso maturo, que ocorre sob um valor intrínseco para a pessoa, partindo da compreensão, integração e motivação.

Essa diferenciação que Allport propõe nos ajuda a entender a posição de determinadas instituições religiosas, alguns se manifestam de forma acolhedora para com os homossexuais, enquanto grande parte se mostra inacessível e aversiva. Besson (2015) discute que em geral o catolicismo tradicional multiplica negatividade em relação à homossexualidade, enquanto há também algumas representações católicas inclusivas que têm por maior desejo acolher e multiplicar o amor às pessoas.

Outras religiões não demarcam fronteiras claramente com a homossexualidade, como, por exemplo, o Budismo, Espiritismo e o Candomblé. Allport inclusive não

considerava as entidades religiosas sob a religião extrínseca, o mesmo afirmava que existiam instituições que cultivavam a religião intrínseca (DALGALARRONDO, 2008b).

De modo geral, sabemos que a religião teve um papel fundamental na construção do heterossexismo e da heteronormatividade, assim como no preconceito contra homossexuais, afinal a depreciação da comunidade gay foi iniciada pela entidade religiosa que desconsidera essa forma de representação afetiva e sexual, considerando-a como pecado (FLEURY e TORRES, 2007; RIBEIRO, 2004 apud BENTO e MATÃO, 2012; VICTA e PASSOS, 2012).

Uma confirmação do preconceito contra as práticas homossexuais nas instituições religiosas é apresentado em estudo realizado por Pereira et al. (2011), que tinha por objetivo compreender como a comunidade religiosa manifesta suas atitudes em relação a homossexuais. Foram aplicados três escalas (Escala de Rejeição a Intimidade, Escala de Expressão Emocional e Escalas de Explicações da Homossexualidade) em 374 estudantes de Teologia, dentre católicos e evangélicos. Os autores ressaltam que a Escala de Explicações da Homossexualidade continha cinco esclarecimentos, explicações biológicas (a homossexualidade vista como um problema biológico); explicações ético-morais (a homossexualidade como falta de respeito e caráter); explicações religiosas (acredita que a homossexualidade é um descumprimento dos mandamentos de Deus); explicações psicológicas (a homossexualidade está relacionada a traumas vividos na infância); e por último, explicações psicossociais (a homossexualidade é inerente a identidade da pessoa).

Esses autores demonstraram que o preconceito se apresenta de forma diferente em cada tipo de Seminário (religioso). Os Evangélicos desempenhavam o preconceito flagrante e acreditavam mais nas explicações religiosas e ético-morais em comparação aos católicos; já os estudantes católicos, creem mais nas explicações biológicas e psicossociais e sua forma de preconceito é a sutil. E não foi classificada a categoria não preconceituosa (PEREIRA et al., 2011).

É notório que o preconceito é disseminado na formação do corpo religioso e conseqüentemente é compartilhado com a comunidade ao levarem seu propósito. É importante que existam comunidades religiosas intrínsecas, pois homossexuais podem contar com esse apoio e além do mais, sabe-se da existência de homossexuais

religiosos, e para estes o sofrimento é maior que homossexuais não religiosos (BESSON, 2015).

2.2.4 Família e Homossexualidade

A família é a instituição a qual se tem o primeiro contato social, é à base da construção da pessoa enquanto ser humano, produtivo, pensante e sociável. Carter e McGoldrick (1995) afirmam que família é um sistema emocional e se constitui sem escolhas conscientes, com exceção do casamento é claro.

Conceituar família é uma atividade complexa, para Carter e McGoldrick (1995) a definição de família está intrinsecamente imbricada ao ciclo vital ao qual a família está passando, assim como com os aspectos da etnicidade, e condição de povo. Portanto, depende-se dos fatores subjetivos, uma vez que a própria relação entre os membros são percebidas de acordo com o contexto, social e temporal.

Dessa maneira, podemos dizer que a relação dos homossexuais com suas famílias correspondem ao ciclo vital, considera que a principal fase que o homossexual mais tem dificuldade em se relacionar com sua família é no momento em que ele se apresenta como tal, pois até pouco tempo a família e a homossexualidade eram realidades irreconciliáveis, homossexuais perdiam as suas famílias e as famílias perdiam um parente (LÓPEZ SÁNCHEZ, 2009).

Carter e McGoldrick (1995) afirmam que os membros de uma família perdem a temporalidade quando enfrentam problemas. A família geralmente aguça o momento atual ou se prendem a uma situação futura que gostariam que acontecesse ou que a temesse. Dessa maneira, os pais idealizam um futuro para os seus filhos e são tomados pela frustração quando estes não os correspondem. Os autores complementam afirmando que geralmente as famílias de origem enxergam os homossexuais como eternos adolescentes, que mesmo avançando no ciclo da vida, têm dificuldades em constituir casamento e ter filhos, marcando os rituais de transição.

Besson (2015) garante que quando esses pais são cristãos há um sentimento duplo de culpa e de humilhação, pois as famílias religiosas correspondem aos anseios da sua crença religiosa como também da sociedade.

Pessoas que têm como realidade a homossexualidade sentem dificuldade em compartilhar sua orientação sexual com seus familiares (CEARÁ e DALGALARRONDO, 2010). López Sánchez (2009) pondera que mesmo com todas as

mudanças a respeito da homossexualidade, o que menos mudou foi a primeira reação dos pais ao saberem que seu filho ou filha é homossexual. Homossexuais têm o receio em serem rejeitados, assim como a rejeição familiar interfere na aceitação da própria homossexualidade (BESSON, 2015).

É de extrema necessidade pontuar que a forma como a família irá conduzir a situação influenciará na forma como esse sujeito construirá uma família (LÓPEZ SÁNCHEZ, 2009). Para Carter e McGoldrick (1995), o risco de ter dificuldades de fronteira com o outro é maior para homossexuais, podendo desenvolver identidade homossexual secreta impedindo a formação de um relacionamento amoroso sólido, assim como a sua constituição familiar.

Rodrigues e Carmo (2013) realizaram uma pesquisa na perspectiva fenomenológica que tinha por intuito compreender o significado de família para homossexuais. Os autores entrevistaram dois gays e duas lésbicas, e perceberam que o significado de família para esses homossexuais correspondiam com a relação com sua família e como eles eram aceitos por estas. Vale ressaltar que as famílias dos homossexuais desta pesquisa desenvolviam ações negativas em relação aos seus membros devido a sua orientação sexual. Os autores indicam também por meio dos relatos dos colaboradores que o conceito de família para os mesmos está relacionado a confiança, suporte mútuo e interesse em constituir família, indo muito além da ligação sanguínea. Acredita-se que a percepção de amor sobre o conceito de família fora construída com seus parceiros.

No estudo realizado por Perucchi et al. (2014), a qual envolvia cinco homens e cinco mulheres homossexuais, tinha o propósito de compreender a constituição da homofobia nas relações familiares. Os autores concluíram que a família atua de forma antagônica na vida de jovens homossexuais, enquanto se esperaria um papel acolhedor. Verifica-se que a família pratica atos de discriminação desencadeando sofrimento. E nesse caso, os homossexuais procuram apoio fora da instituição familiar, de amigos, o que também se mostra escasso no momento. Os resultados identificaram que a homofobia intrafamiliar apresenta-se de forma silenciosa (ignorando a sexualidade do jovem, fingindo não ver) e também de forma mais explícita, assumindo um papel mais violento. Contudo, há dificuldade dos jovens perceberem a violência sofrida quando praticada por familiares, e principalmente de reconhecerem que os danos causados (quadros de tristeza e desânimo) têm impactos psicossociais na saúde mental do jovem.

2.2.5 Preconceito como promotor de sofrimento emocional

Quando a temática homossexualidade é levantada, independente da área de conhecimento em questão e do direcionamento da discussão, sempre se abordará o preconceito de alguma maneira. É imprescindível discutir num mesmo aglomerado a homossexualidade, a religiosidade e a saúde mental fazendo as considerações sobre o preconceito sofrido por essa comunidade.

O homem é um ser integrado e constituído por múltiplos fatores. A cultura tem um forte papel na construção desse ser sociável e naturalmente a identidade estigmatizada do homossexual é arraigada na formação da pessoa (CUNHA e GOMES, 2014; FLEURY e TORRES, 2007). Identifica-se nesses casos uma identidade estigmatizada ou identidade atribuída, é construída a partir de todas as formas de preconceito e discriminação, o heterossexismo, heteronormatividade, heterocentrismo e a homofobia.

A homofobia é o preconceito direcionado a homossexuais, entretanto, antes de iniciar algumas discussões conceituais acerca do prejulgamento direcionado ao homossexual, vamos entender o que é preconceito. Segundo Fleury e Torres (2007) preconceito é:

uma atitude evitativa ou hostil contra uma pessoa que pertence a um grupo simplesmente porque ela pertence àquele grupo, e está, portanto, presumindo que objetivamente ela tem as qualidades atribuídas ao grupo (ALLPORT, 1954 apud FLEURY; TORRES, 2007).

Os autores complementam que esse conceito ainda que tenha sido definido em 1954 é utilizado até hoje nos estudos relacionado ao tema. A literatura, que aborda o preconceito, aponta duas formas de representação: flagrante e sutil. A primeira é a maneira tradicional de manifestação; é mais quente, aberta e direta. Já a segunda, forma é fria, fechada e indireta. Os autores indicam que o preconceito sutil surgiu para atender a demanda do igualitarismo e o antirracismo (LACERDA et al.,2002; PEREIRA et al., 2011).

Dessa maneira, utilizando o conceito de preconceito e direcionando a um grupo, no nosso caso, aos homossexuais, temos a Homofobia. Que se caracteriza pela discriminação e pelos atos de hostilidade e até violentos direcionados a pessoas que são homossexuais ou identificadas como tais (ANTUNES, 2016). A homofobia pode ser

considerada como uma demonstração ou prática exacerbada da heteronormatividade e do heterossexismo, no intuito de enaltecer a heterossexualidade.

Além disso, tem-se a homofobia no contexto familiar, onde o preconceito direcionado ao homossexual é praticado por um familiar, o qual se chama de homofobia intrafamiliar (PERUCHI et al., 2014).

Em uma pesquisa (CUNHA e GOMES, 2014) de revisão sistemática, foram analisados 39 artigos que abordam a saúde de jovens homossexuais, e relatam que os discursos a respeito da homofobia estão relacionados ao estigma que rodeia a identidade homossexual. A concepção de homossexualidade se mostrou atrelada a doença e transmissão de doença, perversão e ao pecado, ou seja, uma visão estereotipada.

Lacerda et al. (2002) desenvolveram uma pesquisa que baseou o estudo de Pereira et al. (2011), que analisou como as manifestações de preconceito estão atreladas as explicações que são dadas a homossexualidade em 220 estudantes de uma universidade da cidade de João Pessoa na Paraíba. Nos resultados os autores averiguaram que os estudantes que acreditavam que a homossexualidade é explicada por considerações ético-morais e religiosas, então, foram os estudantes que se enquadravam no grupo de preconceituoso flagrante. Por outro lado os preconceituosos sutis tomam as explicações biológicas e psicológicas, já o grupo de não preconceituosos adotam a explicação psicossocial. Os autores inferem que mais de três quartos dos estudantes foram classificados como preconceituosos (flagrante e sutis) e que isso confirma o fato de o Brasil ser um dos líderes mundiais em assassinatos de homossexuais.

É importante percebermos que essas explicações estão totalmente relacionadas ao nosso contexto sociocultural. As explicações ético-morais e religiosas foram pregadas arduamente quando a Igreja detinha o poder do estado (FOUCAULT, 1988; SILVA M. et al., 2013) e continuam sendo até hoje. As explicações biológicas foram disseminadas pela medicina, enquanto que as psicológicas, de certa maneira, foram iniciadas por Freud e após um longo caminho a psiquiatria e psicologia amadureceu e assumiu as explicações psicossociais com a retirada da homossexualidade do CID-10 e com a proibição da atuação do psicólogo no tratamento de homossexuais pela Resolução n. 001/99 do CFP.

Ainda que a comunidade homossexual tenha avançado em conquistas nas últimas décadas, o preconceito é algo muito presente na sociedade, visto que pessoas e

grupos continuam propagando e reforçando crenças e valores que atacam grupos minoritários. É claro que atualmente estamos apoiados num aparato legal que nos garante liberdade e igualdade. Entretanto, atualmente, as manifestações de preconceitos vêm sofrendo alterações e estão sendo feitas para atender e adaptar-se as novas exigências da sociedade moderna: a norma da igualdade (FLEURY e TORRES, 2007).

Podemos complementar também observando que o preconceito sutil analisado no estudo de Lacerda et al. (2002) é uma representação dessa nova forma de preconceito, em que fazem essa consideração comparando inclusive com o racismo.

As ações do preconceito, da discriminação e do estigma da identidade homossexual, que são alimentadas como vimos pela sociedade, pela comunidade religiosa e também pelas famílias desencadeiam reações na saúde física e mental dos homossexuais. Contudo, mais importante que isso é ressaltar que a família, a sociedade e a entidade religiosa podem ser grandes apoiadores na manutenção da qualidade de vida desse grupo.

2.3 SAÚDE MENTAL, RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE

Conforme a OMS (2001) não se pode estabelecer um conceito universal para saúde mental. Defini-la é algo bastante complexo devido aos aspectos transculturais. Ela está entrelaçada ao “bem-estar subjetivo, a auto-eficácia percebida, a autonomia, a competência, a dependência intergeracional e a auto-realização do potencial intelectual e emocional da pessoa” (p.3). Assim, é de plena concordância que a saúde mental está muito além da ausência de psicopatologias.

A instalação de um problema ou conflito que interfira na saúde mental ou um transtorno mental está relacionado aos fatores psicológicos, sociais e biológicos (OMS, 2001), e o envolvimento desses fatores é indissociável. A própria apresentação dos sintomas dos transtornos mentais varia de pessoa para pessoa, pois o conteúdo dos sintomas é carregado da história de vida e preenchido pelas características pessoais (DALGALARRONDO, 2008a).

Desse modo, com a descrição dos aspectos psicossociais dos homossexuais pode-se perceber a situação de vulnerabilidade que homossexuais religiosos se encontram. A saúde física e mental da comunidade LGBTI+ tem como agravante o preconceito, a discriminação e a violência sofrida (BRASIL, 2002; VICTA e PASSOS,

2012), influenciando na baixa autoestima o que podem contribuir para a Depressão e o Suicídio (BRASIL, 2002).

De acordo com a ABP (2014) grande parte dos suicidas estavam adoecidos mentalmente, dentre a bipolaridade, transtorno de personalidade, esquizofrenia, alcoolismo e abuso/dependência de outras drogas, sendo que a Depressão era o transtorno mais presente. Segundo Levounis et al. (2014) o Transtorno Depressivo Maior apresenta como o transtorno mental que mais acomete a população homossexual e bissexual, assim como também é o principal motivo de procura dessa população nos serviços e profissionais de saúde.

A ABP (2014) deixa explícito que conflitos em torno da identidade sexual podem agregar maior risco de suicídio. Pois se sabe que homossexuais geralmente não possuem os fatores que protegem do suicídio, sendo estes: autoestima elevada, suporte familiar, laços sociais concretizados e religiosidade. Outro aspecto, muitíssimo importante, também levantado pela Associação, no atestado de óbito não há informação sobre a orientação sexual, somente sobre o gênero. Portanto, isso pode refletir na dificuldade em estimar dados reais entre o comportamento suicida e a orientação sexual. Além da ocultação da família em razão do medo a exposição.

Além da vulnerabilidade para transtorno mental de modo geral, tem-se a descrição psicopatológica específica para a homossexualidade, embora a orientação sexual por si só não a caracterize. Existem alguns fenômenos que produzem sofrimento e adoecimento mental, como a homofobia internalizada.

De acordo com Pereira e Leal (2005a) o fenômeno da homofobia internalizada diz respeito a condução do preconceito ao self do próprio homossexual, sendo atribuída as atitudes e ações negativas. Antunes (2016) vai além, pois afirma que tal fato se dá pela introjeção da postura heteronormativa e/ou heterossexista feita pelo homossexual na sua estrutura psíquica e comportamental.

É necessário dizer que a homofobia internalizada tem em si um caráter psicopatologizante. Nunan et al. (2010) discordando do termo "homofobia internalizada" justamente por esse caráter, pois acreditam que exclui a perspectiva social do problema, aceitando o termo Preconceito Sexual Internalizado, e afirmando que apesar da diferença entre os termos, os mesmos são utilizados pela literatura como sinônimos. Além da homofobia internalizada, tem-se a Orientação Sexual Egodistônica, trata-se de mudar a orientação sexual devido a dificuldade que terá que enfrentar,

considerando que não apresenta dúvida da mesma (KERN e SILVA, 2009). A orientação sexual egodistônica tem classificação no CID-10 (F66.1), e afirma que a pessoa pode procurar tratamento para alterar a orientação sexual (OMS, 1993), entretanto, o CFP veta por meio da Resolução n. 001/99 que psicólogos realizem esse tipo de tratamento.

Contudo, diferentemente da homofobia internalizada e do preconceito sexual internalizado, a orientação sexual egodistônica não apresenta níveis e formas de preconceito direcionado ao próprio self, sendo esse preconceito patológico ou não.

A religiosidade de um homossexual também pode ser um agravante a saúde mental do mesmo. O DSM-5 (APA, 2014) e a CID-10 (OMS, 1997) consideram essa possibilidade, e incluem o Problema religioso ou espiritual quando essa é a atenção clínica (V62.89 e Z65.8 respectivamente). Levounis et al. (2015) mencionam um caso clínico de um homossexual religioso que possui diagnóstico de Bipolaridade e dependência de álcool, além do histórico familiar de Transtorno de Humor, e que foi tratado com sucesso a partir da afirmação da sua orientação sexual e da sua vocação para vida religiosa.

Besson (2015) traz em seu livro diversos depoimentos de homossexuais católicos, e discute o sofrimento duplo que estes passam, assim como aponta alternativas para quebrar os impasses entre essas duas identidades e permitir vivê-las juntamente de forma saudável.

2.3.1 Pesquisas científicas da temática: Saúde mental, Religião e Homossexualidade

Foi realizado um breve levantamento bibliográfico através das bases de dados (SCIELO, LILACS e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e livros, utilizando os seguintes descritores: saúde mental, religião e homossexualidade.

Ceará e Dalgalarro (2010) realizaram um estudo que teve por intuito pesquisar a qualidade de vida e saúde mental em homossexuais na velhice. O estudo foi realizado a partir da coleta de dados em um grupo de estudo (40 homossexuais) e grupo contraste (40 heterossexuais). Numa amostra de 80 colaboradores, 3 demonstraram risco a suicídio, sendo esse número somente encontrado no grupo de estudo. Outro dado interessante foi a ausência de diferença estatisticamente significativa na prevalência de transtornos mentais entre o grupo de estudo e o grupo contraste, embora tenham

encontrado uma diferença clinicamente significativa. Dos homossexuais que apresentaram transtornos mentais (15 % para Transtorno Depressivo Maior, 12,5% para Transtorno de ansiedade generalizada, 7,5% para risco de suicídio e 2,5% para a categoria de Transtorno distímico, agorafobia e transtorno obsessivo-compulsivo), 73% mantinham esforços para esconder a orientação sexual em vários âmbitos da vida. Além da forte associação entre os transtornos mentais e sentimentos de vergonha da orientação sexual. Os autores ainda salientam que esse fator pode estar relacionado a discriminação sofrida por essa população já que todos os colaboradores sofrem discriminação devido a orientação sexual em algum momento da vida.

Ghorayeb (2007) em sua dissertação de mestrado realizou um estudo quantitativo e qualitativo similar ao estudo de Ceará e Dalgarrondo. Participaram do estudo 120 indivíduos maiores de 18 anos, sendo 60 homossexuais (grupo de estudo) e 60 heterossexuais (grupo contraste). Diferente do estudo citado anteriormente houve diferenças estatisticamente significativas na prevalência de transtornos mentais entre o grupo contraste e o grupo de estudo. O grupo de estudo utilizou mais medicação psiquiátrica, procurou mais os serviços de saúde mental e de psicoterapia do que o grupo contraste. Vale ressaltar que foi também verificado que 87% dos homossexuais já haviam sofrido algum tipo de discriminação por sua orientação sexual.

A autora também assinala em seus resultados que a piora na saúde mental de mulheres homossexuais está relacionada à vergonha que sentia da orientação sexual. Declara ainda que esse dado reflete a necessidade de perceber as diferenças de gênero nesse sentido, embora os homens homossexuais tenham relatado também esse sentimento.

No estudo realizado por Pereira e Leal (2005b) com amostra de 805 indivíduos homossexuais e bissexuais de nacionalidades diferentes, na qual os colaboradores responderam o questionário através da internet, com o objetivo de entender a construção da identidade e perceber as implicações para a saúde de uma construção identitária positiva. Eles perceberam que os indivíduos que tiveram contato direto com a discriminação apresentaram menor abertura total em relação à identidade.

Se relacionarmos os resultados de Ceará e Dalgarrondo, Ghorayeb com Pereira e Leal percebemos que os indivíduos que mostram dificuldades em aceitar por completo sua identidade sexual e/ou sentem vergonha devido a discriminação e preconceito sofrido, tendem a ter mais problemas de saúde mental que homossexuais

que aceitam a identidade. Dessa maneira, fica nítido como os valores e crenças da sociedade têm impacto na saúde mental desse grupo minoritário.

A partir disso podemos citar alguns fenômenos preocupantes, a homofobia internalizada, o preconceito sexual internalizado e a orientação sexual egodistônica, conforme já conceituados anteriormente. Considera-se que esses três fenômenos podem gerar níveis de sofrimento psíquico, que dificilmente é canalizado pela própria dificuldade em compartilhar com alguém, seja um amigo, familiar ou até mesmo profissional da saúde mental. É indispensável dizer que temos pouquíssimos estudos que fazem a relação da homofobia internalizada e principalmente do preconceito sexual internalizado e orientação sexual egodistônica com os agravos da saúde mental. A homofobia internalizada ainda tem alguma representatividade, porém a maioria dos estudos apenas cita e não aprofunda no tema.

Ghorayeb (2007), por exemplo, faz a relação entre os sentimentos de vergonha dos colaboradores com o fenômeno da homofobia internalizada, porém sem muitas ponderações. Pereira e Leal (2002) fizeram um estudo em que identificou níveis de homofobia internalizada para relacionar os comportamentos à saúde, porém não abordou a saúde mental especificamente.

Nunan et al. (2010) realizaram uma pesquisa de revisão bibliográfica a respeito do preconceito sexual internalizado em homossexuais masculinos e afirmam que a literatura corrobora que homossexuais que apresentam essa ocorrência geralmente são indivíduos não assumidos. E que esse fator pode estar relacionado aos sintomas como a depressão, suicídio, procura terapêutica para conversão da homossexualidade, transtorno alimentares, abuso de álcool e outras drogas, comportamentos sexuais de risco e violência doméstica. Entretanto, ponderam que essa relação não pode ser vista como relação causal, mas profissionais ao detectarem esses sintomas em homossexuais e avaliam a possibilidade de presença do preconceito sexual internalizado.

A partir da revisão bibliográfica realizada pode-se constatar que temos poucas pesquisas que percebem a religiosidade como agravante do sofrimento mental devido a orientação sexual. Vale ressaltar que essa percepção é superficial e se mostra de uma forma indireta nos estudos. No estudo de Pereira e Leal (2005b) podemos verificar que os homossexuais vinculados a algum grupo organizado ideológico, filosófico e religioso têm menor tolerância a identidade homossexual e maior prevalência quando se trata da

aceitação privada (aceitação parcial), isso significa dizer que demonstram dificuldades para aceitar a própria identidade homossexual por completo.

Ghorayeb (2007) apresenta alguns resultados sobre a temática religiosidade e saúde mental, na análise quantitativa percebeu que Homossexuais que têm menor frequência a igreja, têm também menor procura aos serviços de saúde mental, principalmente a psicoterapia. Pontuou também que os Homossexuais que mais tinham vergonha da sua orientação sexual eram aqueles que mais tinham religião, e naturalmente os que mais apresentavam orgulho em ser homossexual tinham menor frequência na igreja.

Considera-se que a dificuldade em aceitar a identidade sexual quando religioso esteja também na dificuldade de encontrar pares. A literatura mostra que conviver com pessoas que passam pelo mesmo fenômeno ajuda a compressão e aceitação. Infelizmente homossexuais religiosos dificilmente convivem com outros homossexuais e isso não ajuda a desconstruir o estigma que se tem da homossexualidade (BESSON, 2015).

Diante de todo esse debate, percebemos uma demanda de serviço em saúde mental a ser sanada. Cunha e Gomes (2014) concluíram em seu estudo que há a necessidade de profissionais para atuarem na saúde mental do homossexual no que diz respeito ao uso abusivo de drogas, a satisfação com o corpo visto a autoestima, depressão, transtornos alimentares e aos altos índices de suicídio devido a conflitos internos. Complementam ainda que os estudos sejam internacionais e dessa forma discute a importância de estudos com esse recorte nos homossexuais brasileiros.

No Brasil temos poucos estudos voltados a saúde mental dos homossexuais e também uma defasagem em políticas públicas que amparem essa problemática. Cunha e Gomes (2014) citam que o Programa Brasil sem homofobia desenvolvido pelo Ministério da Saúde conseguiu trazer perspectivas diferentes a saúde do homossexual, desencadeando na saúde, na sociedade e no meio acadêmico visibilidade maior da temática. Porém são necessários mais esforços para abarcar a carência.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho refere-se a pesquisa de natureza qualitativa – exploratória sob a perspectiva fenomenológica. O delineamento metodológico do estudo se dividirá em dois momentos: primeiro foi realizado uma breve revisão bibliográfica do referencial teórico metodológico, e segundo, a trajetória metodológica da pesquisa de campo. A seguir, contextualizaremos a partir de pressupostos da pesquisa qualitativa e fenomenológica, o referencial teórico-metodológico da fenomenologia enquanto ciência.

3.1 PESQUISA QUALITATIVA E FENOMENOLÓGICA

A pesquisa qualitativa é a representação da significação do mundo (GIORGI e SOUSA, 2010) e tem por intuito esclarecer e entender a subjetividade na sua integralidade e complexidade (HOLANDA, 2006). A investigação qualitativa difere significativamente dos pressupostos quantitativos, estes demonstram objetivamente a realidade (GIORGI e SOUSA, 2010), enquanto a pesquisa qualitativa está interessada na subjetividade dessa realidade.

González Rey (2005) considera que o estudo da subjetividade, na pesquisa qualitativa, está direcionado ao saber da complexidade dos aspectos e fatores da subjetividade e não pretende o controle, a descrição e predição. Portanto, pode-se perceber a diferença entre o proposto da abordagem quantitativa e qualitativa.

A complexidade dos questionamentos das pesquisas qualitativas não permite os pesquisadores estabelecerem definições exatas, por isso que uma das grandes características da pesquisa qualitativa é a flexibilidade no processo de condução. Essa flexibilidade é dada principalmente pela relação ativa entre o pesquisador e pesquisado. Diferentemente das pesquisas quantitativas, as pesquisas qualitativas têm como característica principal o papel ativo do pesquisador, o sucesso da pesquisa no que diz respeito à condução, muitas vezes está associado à boa relação estabelecida entre o pesquisador e pesquisado (ANDRADE e HOLANDA, 2010).

É essencial demarcar que o caráter complexo e subjetivo do objeto de estudo e a flexibilidade metodológica da pesquisa qualitativa não reduz o rigor científico e metodológico desse tipo de pesquisa. Ranieri e Barreira (2010) afirmam que as ciências tradicionais, assim como as ciências de natureza qualitativa também estão preocupadas com o rigor da pesquisa. Inclusive, Giorgi e Sousa (2010) mostram que as pesquisas

qualitativas vêm crescendo exponencialmente, embora ainda esteja numa representação minoritária em relação à pesquisa quantitativa. Entretanto, acredita-se que isso venha acontecendo devido a lacuna não preenchida pelas pesquisas quantitativas no que diz respeito a subjetividade dos fenômenos relacionados ao mundo e a pessoa humana.

Nesse cenário, segundo Holanda (2011), a pesquisa fenomenológica se enquadra nas pesquisas qualitativas e é um método de pesquisa com significativo crescimento nos últimos anos. A pesquisa fenomenológica parte do pressuposto da Fenomenologia de Husserl. Dessa maneira, pretende através do clareamento do fenômeno ser capaz de entender o que acontece, seguindo uma compreensão e não uma verificação (AMATUZZI, 2011), portanto, compreendendo o fenômeno e buscando a essência a partir da experiência vivida.

Ales Bello (2006) em seu livro "Introdução à Fenomenologia" aponta que a pesquisa fenomenológica está alavancada na abordagem descritiva, pois a experiência pode se materializar na fala e assim aquele que vivencia o fenômeno pode descrever a experiência vivida. A descrição do fenômeno se dará a partir do corpo vivido agregado ao mundo e como esse sujeito se percebe no mundo diante de suas experiências (GRAÇAS, 2000).

Dentre as pesquisas fenomenológicas, têm-se variações da pesquisa e de procedimentos metodológicos. AmatuZZi (2011) faz uma diferenciação de acordo com o sentido da pesquisa fenomenológica, caso a compreensão se dê a partir da experiência comum, estamos no sentido filosófico, estaremos no sentido empírico quando fundamentarmos a compreensão a partir de uma análise objetiva de dados. E vale salientar que a presente pesquisa se encontra no sentido empírico da pesquisa. Por este perfil da pesquisa de abordagem fenomenológica, que a mesma consegue abarcar de forma menos ausente as particularidades envolvidas nas pesquisas voltadas a experiência humana (HOLANDA, 2006).

A pesquisa fenomenológica é permeada por diversas peculiaridades que servem para atender a especificidade da pesquisa qualitativa fenomenológica, particularidades que podem causar certa estranheza para grande parte dos pesquisadores, por isso, iremos clarear a seguir a respeito dos pressupostos teórico metodológico da fenomenologia.

3.2 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO: FENOMENOLOGIA

A Fenomenologia teve início na Alemanha, no final do século XIX e começo do século XX, a partir das obras de Edmund Husserl. Husserl era matemático e iniciou reflexões filosóficas a princípio na sua área de formação, posteriormente, fundando a Fenomenologia, uma escola filosófica que está interessada na reflexão do fenômeno, aquilo que se mostra (ALES BELLO, 2006).

Em sua trajetória Husserl foi fortemente influenciado por Brentano, um especialista em Filosofia de Aristóteles interessado em Psicologia com estudos sobre atos psíquicos (ALES BELLO, 2006). Essa influência resultou na consideração da intencionalidade na Fenomenologia de Husserl, considerando a consciência intencional e um modo de percepção original e imediato (ALES BELLO, 2006)

Para Husserl, o pai da Fenomenologia, a consciência está sempre relacionada à consciência de algo, ela é intencional, a existência de algo é reflexiva a consciência, é designado significado a esse algo pela consciência (ALES BELLO, 2006). É através da consciência que ocorre o registro dos atos, ou seja, o ato vivido (experiência) é percebido pela consciência. A consciência não é uma instância de lugar físico, não está posicionada na dimensão psíquica, espiritual. A consciência está relacionada ao ponto de convergência das operações humanas (ALES BELLO, 2006). Dessa maneira, percebe-se que Husserl preocupava-se com o sentido, aquele atribuído pela consciência. Alguns fenomenólogos tinham sua atenção para a existência, Husserl não tinha por interesse a existência e sim o sentido, significado do fenômeno, embora não tenha negado (ALES BELLO, 2006).

Ainda segundo Bruns (2011), não há consciência sem estar vinculada ao mundo e não há mundo que não esteja vinculado a consciência que irá lhe atribuir significado. A partir da intencionalidade, muitos acreditam que Husserl conseguiu superar a dicotomia sujeito-objeto.

Ter acesso aos fenômenos não perceptíveis diretamente era o intuito de Husserl, compreendê-los, embora não possa ser feito na sua totalidade, considerando que a verdade não se revela integralmente (GRAÇAS, 2000; HOLANDA, 2014), sendo então um método de acesso a realidade concreta do mundo (HOLANDA, 2011).

Husserl trouxe a Fenomenologia como uma possibilidade para sanar os questionamentos que as Ciências positivistas e a Filosofia e sua variabilidade não respondiam, considerando-a rigorosa, visto a cientificidade (AMATUZZI, 2009), pois

acreditava na necessidade de um método filosófico cientificamente válido para investigação dos fenômenos tal como se mostram.

Assim, conforme Holanda (2011), a fenomenologia é formada por um conjunto de passos metodológicos para a investigação da consciência imediata e experiência concreta. Afinal, a partir da consciência imediata e a experiência concreta pretende-se chegar a essência do fenômeno em estudo.

Ales Bello (2006) faz a estratificação da pessoa humana em três dimensões: Corpo, Psiquê e Espírito. As coisas físicas são conhecidas através da Corporeidade, vivências relativas às sensações corpóreas; os impulsos psíquicos e os comportamentos (atos involuntários) estão no Psíquico; e os atos de reflexão, do pensar, da compreensão, da decisão (atos voluntários) estão no Espírito. Portanto, temos a interioridade, exterioridade e os registros dos atos, e este terceiro nos possibilita ter consciência da totalidade do ser humano.

É notório que a Fenomenologia atribui importância significativa ao mundo, a relação do eu com esse mundo, com as pessoas, a intencionalidade nos mostra isso. Em fenomenologia, a subjetividade é intersubjetividade (HOLANDA, 2014), é da relação do eu com as pessoas e com o mundo que se dá a experiência vivida. O autor corrobora ainda que a intersubjetividade vá além da relação com o outro, é também estabelecida através da relação do eu com a própria constituição desse eu.

Para Ales Bello (2006) nosso intelecto depende da interpessoalidade na qual nos encontramos. Nós temos a capacidade de reconhecer o outro, ter empatia¹, ato de apreensão da alteridade do outro, ou seja, sinto a existência de outro ser humano semelhante a mim mesmo (pré-reflexivo), anterior a antipatia e simpatia. Essa relação com o outro permite a corporeidade, o psíquico e o espírito e naturalmente a consciência atribui significado a essa vivência.

Esse mundo que Husserl considerava importante ter acesso foi o que chamou de o Mundo da vida. Husserl considerava que as ciências, de maneira geral, haviam distanciado o mundo da vida das investigações (HOLANDA, 2014). O Mundo da vida constitui os fenômenos tal como eles acontecem e são enxergados pela pessoa, o mundo tal como a pessoa atribui significado a ele e o vivencia (AMATUZZI, 2009).

Ales Bello (2006) explana que Husserl tomava como fundamental alguns recursos para chegar à essência do fenômeno, para descrever o fenômeno, a experiência

¹Termo italiano usado para dizer empatia, não no sentido de simpatia, mas para além desse conceito.

vivida, o mundo da vida. O filósofo chamou de Redução Fenomenológica, que pode ser alcançada através da Redução Eidética e Redução Transcendental. Esta primeira está relacionada a Redução às essências, a busca do sentido do fenômeno, enquanto a segunda, está associada como o sujeito que busca o significado, a consciência pura, seria colocar o próprio sujeito entre parêntese e mostrar a coisa mesma.

Holanda (2014) aponta que Redução fenomenológica significa suspensão temporária dos nossos valores ou ideias, para então aproximar-se do fenômeno. Forghieri (2002) completa considerando que se trata de uma mudança de atitude, da natural para a atitude fenomenológica, onde percebem o mundo e o sujeito, como significações.

Então, o objetivo da fenomenologia pode ser alcançado a partir de três elementos. Primeiramente, a redução fenomenológica, ou como já colocamos a interrupção do juízo de valor; o segundo é a intersubjetividade estabelecida pela relação entre sujeito pensante e a pessoa que vive em prol do fenômeno; e por último, o retorno ao vivido, em que o colaborador volta seu olhar "às coisas mesmas" (HOLANDA, 2011).

3.3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

3.3.1 Colaboradores da Pesquisa

Contribuíram com a pesquisa 08 colaboradores do sexo masculino, moradores da cidade de Boa Vista, do Estado de Roraima, e que tiveram em algum momento da vida conflito com a identidade sexual e a prática religiosa.

Para a captação dos colaboradores utilizou-se do método Bola de Neve considerando os critérios de elegibilidade (Quadro 01). Não foi delineado perfil socioeconômico, pois se procurou abarcar os colaboradores de forma a garantir sua totalidade diante da vivência de conflito entre a identidade sexual e a prática religiosa e o relato da mesma.

Quadro 01 - Critérios de Elegibilidade

Critério	Inclusão	Exclusão
Orientação sexual e gênero	Homossexuais masculinos.	Heterossexuais, bissexuais, homossexuais femininos, transexuais e travestis.
Vivência do colaborador	Esteja ou tenha enfrentado conflito entre a identidade sexual e religiosa.	Não tenha vivenciado o conflito.
Idade	18 anos a 40 anos.	Menores de 18 anos e maiores de 40 anos.
Comunicação*	Homossexuais com facilidade de expressar-se oralmente.	Homossexuais com dificuldade na comunicação oral.
	Homossexuais com facilidade em expressar emoções e sentimentos sem inibições.	Homossexuais com dificuldade em expressar emoções e sentimentos sem inibições.
Aceitação de Participação**	Homossexuais que aceitaram participar e assinaram o TCLE.	Homossexuais que não aceitaram participar da pesquisa.

*Critério necessário para corresponder a condução da coleta de dados a partir da perspectiva fenomenológica (livre expressão do colaborador).

** Critério que será aplicado no encontro com o colaborador, caso autorizado a entrevista será realizada no mesmo encontro.

Quadro construído pela pesquisadora.

Os colaboradores foram identificados por nome fictício e abaixo segue quadro identificando os mesmos (Quadro 02) e posterior um pequeno resumo de cada um.

Quadro 02 - Colaboradores da pesquisa.

	Nome *	Idade	Estado Civil	Profissão	Escolaridade	Religião	
Colaboradores	C1	Mateus	30	Divorciado	Farmacêutico	Mestrando	Católico não praticante
	C2	Pedro	22	Solteiro	Estudante	Graduando	Ateu
	C3	Enrique	26	Solteiro	Administrador / Militar	Graduado	Agnóstico
	C4	Davi	21	Solteiro	Jornalista	Graduado	Cristão não praticante
	C5	Gabriel	25	Solteiro	Estudante	Graduando	Agnóstico
	C6	Lucas	30	Divorciado	Professor / Jornalista	Mestrado	Evangélico praticante
	C7	Miguel	39	Solteiro	Agrônomo	Graduado	Evangélico praticante
	C8	Levi	25	Solteiro	Fisioterapeuta / Fotógrafo	Graduado	Evangélico praticante

* Nome fictício do colaborador.

Quadro construído pela pesquisadora.

C1 - Mateus é um homem de 30 anos de idade, divorciado e está cursando mestrado. Tem formação em farmácia e exerce a profissão. Teve um relacionamento heterossexual compartilhando 4 anos de namoro e 10 meses de casado. Teve contato com a igreja evangélica por parte da adolescência, atualmente não possui vínculo com nenhuma instituição religiosa, porém tem crença em Deus e se considera católico não praticante. Soube da pesquisa através de amigos e demonstrou interesse em participar. Indicou o Enrique.

C2 - Pedro é um jovem de 22 anos de idade, solteiro e é acadêmico do curso de Agronomia. Teve contato com a igreja evangélica por parte da adolescência, e após sair da igreja para tentar vivenciar a homossexualidade, passou a se identificar como ateu. Indicado por um amigo da pesquisadora.

C3 - Enrique é um rapaz de 26 anos de idade, solteiro, bacharel em Administração, e atualmente é militar. Enrique pertence a uma família extremamente religiosa dividida entre o catolicismo e protestantismo, durante a infância, adolescência e início da fase adulta frequentava a igreja assiduamente. Atualmente se considera agnóstico. Passou a viver sua homossexualidade na fase adulta quando parou de frequentar a igreja e se distanciou de sua família. Indicou Davi.

C4 - Davi tem 21 anos de idade, é solteiro, formado e atua em jornalismo. Identifica-se como cristão, porém não frequenta nenhuma comunidade religiosa atualmente, embora não tenha dificuldade em ir. Começou a viver sua sexualidade na faculdade após adquirir outros conhecimentos e conviver com outras culturas, valores e crenças. Indicou Lucas.

C5 - Gabriel é um rapaz de 25 anos de idade, é solteiro e acadêmico do curso de medicina. Começou a frequentar a igreja na adolescência após um convite e saiu para deixar de reprimir a sexualidade. Atualmente se apresenta como agnóstico, pois considera a existência algo maior. Foi indicado por uma amiga da pesquisadora.

C6 - Lucas tem 30 anos de idade, é jornalista e professor com formação em Letras. Viveu relacionamento heterossexual por 12 anos, sendo 5 anos de namoro e 7 anos de casamento. Atualmente é divorciado e tem uma relação homoafetiva estável. É evangélico praticante e frequenta comunidade liberal. Algum tempo após seu divórcio, decidiu tentar viver a homossexualidade. Indicou Miguel e Levi.

C7 - Miguel é um homem de 39 anos de idade, solteiro, engenheiro agrônomo e servidor público. É cristão praticante e faz parte da liderança de uma comunidade

evangélica acolhedora, nasceu numa família evangélica pentecostal e passou por conflito entre homossexualidade e a prática religiosa até aos 36 anos quando se permitiu viver sua sexualidade.

C8 - Levi é um rapaz de 25 anos de idade, solteiro, porém convive com um companheiro. É bacharel em Fisioterapia, mas atua como fotógrafo. Atualmente frequenta e atua em igreja evangélica com doutrina menos rígida, diferente da igreja evangélica que pertencia e que fora expulso após assumir sua sexualidade.

3.3.2 Aspectos Éticos

A pesquisa foi autorizada a partir da notificação do pré-projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRR vinculado ao projeto guarda-chuva intitulado “*Estudos em saúde e saúde mental do usuário, da família, do profissional e do trabalhador na rede e na comunidade: um olhar da Psicologia*”, sob a coordenação da professora Joelma Ana Gutiérrez Espíndula, anteriormente aprovado, conforme Anexo I. Portanto, a coleta de dados somente foi iniciada após parecer favorável desse Comitê.

Ressaltando que, fora feito contato com os colaboradores, e após aceitação, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice I) que garante a legitimidade e confidencialidade da participação sem identificação dos colaboradores e clarifica o objetivo, a justificativa e a relevância do estudo e os direitos dos colaboradores.

3.3.3 Procedimentos de Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora nos meses de abril e maio de 2018 através do método Bola de Neve que consiste na proposição em que o pesquisador ao terminar cada entrevista solicitar indicação de um novo colaborador que possa também vir a contribuir.

Após a indicação, foi feito o convite via contato telefone e esclarecido os objetivos e a justificativa da pesquisa, além dos critérios de elegibilidade. Caso correspondido os critérios e concordado em participar voluntariamente, foi marcada entrevista em horário e local compatível para a pesquisadora e o colaborador. Quando não foram atendidos os critérios era informado da impossibilidade em contribuir com a pesquisa. Vale ressaltar que somente o primeiro colaborador não foi indicado, conforme apresentado do item 3.3.1.

No primeiro momento da entrevista foram elucidados novamente os objetivos, explicado os procedimentos e em seguida solicitado a assinatura do TCLE. Em segundo momento foram colhidos os dados de identificação (idade, naturalidade, estado Civil, profissão e religião) e iniciado a entrevista com as questões norteadoras:

1. Como é a experiência de ser homossexual?
2. Como você poderia descrever suas vivências em comunidade? Na sociedade? Na família? Na prática religiosa?
3. Como é a experiência de ser homossexual com prática religiosa?
4. A partir da sua vivência, como você lida/lidou com as dificuldades (conflitos) que surgem/surgiram no dia a dia como homossexual e praticante de uma religião?

Para Graças (2000), Ranieri e Barreira (2010), Giorgi e Sousa (2010) e Gil (2010) o ponto de partida para a coleta de dados em pesquisa fenomenológica é o estabelecimento de questão norteadora, muito embora sugiram questões além destas para elucidação da vivência dos colaboradores devido ao caráter semiestruturado da entrevista, conforme Entrevista do Colaborador 7 (Apêndice III).

As entrevistas com os colaboradores foram gravadas com duração entre 20 a 50 minutos. O encontro foi orientado pela abordagem fenomenológica, no qual os colaboradores foram convidados individualmente a falar livremente sobre sua a experiência vivida acerca da temática pesquisada. O retorno ao vivido é concretizado pelo relato, e conforme AmatuZZi (2011) é apropriado de intencionalidade própria e constitutiva. O pesquisador busca no relato a experiência intencional, vivida. Para então extrair descrições que embasaram a análise estrutural reflexiva e desenharam a essência do fenômeno (HOLANDA, 2006). O instrumento que permite o relato é a entrevista fenomenológica.

A entrevista fenomenológica, segundo Giorgi e Sousa (2010), é diferente de outras entrevistas em pesquisa científica com roteiros e questionários fechados e sistematizados. Entrevista de orientação fenomenológica não é um mero instrumento de coleta de dados, mas sim uma concepção diferente de produzir conhecimento sobre a vivência humana, pois o pesquisador e o colaborador criam uma relação empática que proporciona melhores condições para chegar à subjetividade e a essência da vivência humana e logo a entrevista fenomenológica alcança um efeito terapêutico e catártico

através do acolhimento, da escuta e pode também desencadear intervenções terapêuticas quando necessário.

Encerradas as entrevistas, seguindo os objetivos da pesquisa e enfoque fenomenológico, o pesquisador iniciou as transcrições na íntegra das mesmas no computador, considerando a fidedignidade entre o falado-gravado e o transcrito para a confiabilidade da análise de dados.

3.3.4 Procedimentos de Análise de Dados: Método Fenomenológico Psicológico de Amedeo Giorgi

Existem diversos métodos em pesquisa fenomenológica, contudo, atualmente o método mais utilizado vem sendo os passos de Amedeo Giorgi (GIL, 2010; ANDRADE e HOLANDA, 2010) que foi adotado na trajetória metodologia da presente pesquisa.

Após a realização de todos os procedimentos metodológicos até a entrevista fenomenológica e a transcrição na íntegra das entrevistas, iniciou-se a análise das descrições dos fenômenos. O método de Giorgi prevê quatro etapas, conforme Giorgi e Sousa (2010):

a) *Estabelecer o sentido geral*: Giorgi e Sousa (2010) apontam que o objetivo principal da primeira etapa é alcançar um sentido da experiência na sua globalidade através de uma leitura calma, leitura esta que poderá ocorrer mais de uma vez. Reforçam ainda a necessidade do pesquisador ter atitude, realizando uma redução fenomenológica ao realizar as leituras, ou seja, voltar o olhar ao concreto, às coisas mesmas. Andrade e Holanda (2010) afirmam que estabelecer o sentido geral é equivalente a leitura de toda descrição para atingir o sentido geral do todo;

b) *Determinação das Partes: divisão das unidades de significado*: Depois de apreender o sentido geral, inicia a segunda etapa. Esta fase consiste em retomar a leitura da descrição para dividi-las em partes menores, visto que em geral as descrições são extensas e impossibilitam análise fenomenológica cuidadosa (ANDRADE e HOLANDA, 2010; GIORGI e SOUSA, 2010). Giorgi e Sousa (2010) afirmam que estas partes são as unidades de significados, divididas sobre a orientação do sentido da experiência e estabelecidas conforme os critérios psicológicos, entretanto, resguardando ainda a linguagem do senso comum. Nesta segunda etapa, a redução fenomenológica também precisará ser

utilizada pelo pesquisador, pois os objetos e situações serão considerados exatamente como elas se apresentam (GIORGI e SOUSA, 2010);

c) *Transformação das unidades de significado em Expressões de Caráter Psicológico*: A terceira etapa é considerada um momento importantíssimo do método. É a etapa em que a linguagem do senso comum é transformada em linguagem psicológica através da redução fenomenológica-psicológica e análise eidética. O pesquisador irá descrever neste momento, as intenções psicológicas encontradas nas unidades de significados, é possível que existam unidades sem valor e caráter psicológico (GIORGI e SOUSA, 2010); Os autores supracitados alertam para dois erros que precisam ser evitados. O primeiro é tecer as descrições em relação à vida pessoal dos colaboradores, as colocações psicológicas terão especificidade nos significados psicológicos do tema do estudo, e não na abordagem de eventuais fatores da vida do colaborador. O segundo erro está relacionado com relação teórica dos aspectos psicológicos, que não pretende fazer uma elaboração teórica ao longo do processo, mas sim, estabelecer significados psicológicos global.

d) *Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos*: O último momento é caracterizado pela transformação das unidades de significado numa estrutura descritiva geral, logo, compreende uma síntese das unidades de significados psicológicos. Todos os dados devem ser contemplados na síntese, ainda que com valores diferentes (GIORGI e SOUSA, 2010).

4 RESULTADOS

Através do método de Giorgi e Souza (2010), por meio da análise das entrevistas, alcançamos as estruturas gerais e universais dos significados psicológicos da vivência gay com prática religiosa que proporcionou realizarmos a análise pós-estrutural das vivências.

4.1 DESCRIÇÃO E SÍNTESE DAS ESTRUTURAS GERAIS E UNIVERSAIS DOS SIGNIFICADOS PSICOLÓGICOS DA EXPERIÊNCIA

Os relatos das vivências indicaram três estruturas gerais e universais para a vivência gay com prática religiosa, compreendidas de maneira mais ampla pelas sete constituintes essenciais percebidas. As vivências demonstraram três estruturas possíveis pois se mostraram de maneira diferente para os colaboradores e para a pesquisadora em relação a religiosidade e as ressignificações.

As vivências compõem cada estrutura e são puramente singular, muito embora apresentaram fatores e aspectos comuns e as diferenças não expressaram grandes discrepâncias entre si. Dessa maneira, identifica-se a estrutura A que integra a vivência de Lucas, Miguel e Levi; a estrutura B, composta por Mateus e Davi; e por último a estrutura C que traduz a experiência de Pedro, Enrique e Gabriel. O agrupamento dos colaboradores se deu então nas similaridades das vivências e as estruturas serão apresentadas individualmente.

Os quadros 03, 04 e 05 apresentam as estruturas universais. De maneira geral encontrou-se o início do conflito logo após a percepção da homossexualidade motivado por crenças religiosas; além da repressão e da negação ser ponto comum para todas estruturas. Entre a estrutura A e C encontra-se as atitudes e comportamentos dolorosos que os colaboradores tomaram para si para realizar a repressão e negação dos desejos.

Na estrutura B verifica-se a incoerência diante da prática religiosa. Já na estrutura C a prática religiosa é interpretada como desgastante e inviável. Logo, na estrutura C há rompimento com a prática religiosa e uma ruptura com a figura de Deus, diferente da estrutura B que somente há a ruptura com a instituição religiosa.

A estrutura A representa um fortalecimento tanto da prática religiosa como da relação com Deus, este que passou a ser visualizado de forma mais humana, resultando

na resignificação do colaborador como pessoa humana enquanto gay e cristão diante da igualdade e liberdade.

As resignificações na estrutura B trazem também a igualdade e liberdade, porém dentro da homossexualidade e da fé com Deus. E a estrutura C dentro da pessoa do homossexual despertando outros aspectos da vida anteriormente adormecidos.

Quadro 03 - Estrutura da Vivência para Lucas, Miguel e Levi.

Estrutura da Vivência A
<p>A percepção do ser homossexual surge entre a infância e início da adolescência que se choca com a crença religiosa já existente na pessoa, seja pela própria prática religiosa ou por influências familiares.</p> <p>O conflito interno inicia-se ao <i>dar-se conta</i> da homossexualidade no qual o sujeito tenta negar, e principalmente reprimir os desejos homossexuais, utilizando-se de atitudes e comportamentos dolorosos, devido a não aceitação da sexualidade apoiado em crenças religiosas, que gera sofrimento emocional significativo, visto que estes colaboradores demonstram a superação da homofobia internalizada.</p> <p>As experiências com familiares e homofóbicas constituem a vivência gay com prática religiosa e influencia o processo de libertação e resignificação do conflito, assim como os comportamentos e sentimentos em relação à homossexualidade e o meio, como a imposição de limites na experiência devido a esse meio.</p> <p>A prática religiosa e a vivência espiritual com Deus se mostram parte fundamental da vida destes colaboradores, por isso, o conflito apresentava-se irresoluto. E ao perceber a instabilidade emocional estabelecida e a falta de estrutura para lutar contra, iniciam-se tentativas tímidas de resolução, através de redes de apoio, principalmente religioso; busca pelo conhecimento; e movimentos de reflexões que desenvolve o autoconhecimento. E de forma crucial para favorecer a permanência e manutenção da prática religiosa e da espiritualidade, portanto a resignificação da percepção de Deus, adotando uma percepção humanizada de Deus, na qual enxerga a pessoa humana além da orientação sexual.</p> <p>Por último, percebe-se que se desenvolvem as resignificações da vivência gay em torno da igualdade das orientações sexuais, da liberdade da pessoa humana enquanto gay e cristão.</p>

Quadro 04 - Estrutura da Vivência para Mateus e Davi.

Estrutura da Vivência B
<p>A percepção do ser homossexual surge e se choca com a crença religiosa já existente na pessoa, seja pela própria prática religiosa ou por influências familiares. Desde o dar-se conta da homossexualidade inicia-se o conflito entre a sexualidade e prática religiosa devido a crença de estar em pecado, gerando sofrimento emocional.</p> <p>As experiências com familiares e homofóbicas constituem a vivência gay com prática religiosa e influencia o processo de libertação e resignificação do conflito, assumindo imposição de limites na experiência devido a esse meio.</p> <p>Ao aceitar a homossexualidade, considera-se incoerência na prática religiosa no sentido de adotar comportamentos de fuga para possíveis vivências de preconceito dentro da instituição religiosa, ainda que se permita frequentar como visitante. O contato e a vivência espiritual com Deus se mostram parte fundamental da vida destes colaboradores, pois há percepção humanizada de Deus.</p> <p>A rede de apoio (amigos, familiar, religioso e espiritual) se mostrou como estratégia adotada por estes colaboradores.</p> <p>Por último, se desenvolve resignificações da vivência gay em torno da igualdade das orientações sexuais, da liberdade da pessoa humana enquanto gay e com fé em Deus, sem se ater aos limitantes da vivência.</p>

Quadro 05 - Estrutura da Vivência para Pedro, Enrique e Gabriel.

Estrutura da Vivência C
<p>A percepção do ser homossexual surge entre a infância e início da adolescência que se choca com a crença religiosa já existente na pessoa, seja pela própria prática religiosa ou por influências familiares.</p> <p>Desde o dar-se conta da homossexualidade inicia-se o conflito interno no qual o sujeito tenta negar, e principalmente reprimir os desejos homossexuais, utilizando-se de atitudes e comportamentos dolorosos e também de cunho religioso, devido a não aceitação da sexualidade apoiado em crenças religiosas, que gera sofrimento emocional significativo, visto que estes colaboradores demonstram a superação da homofobia internalizada.</p> <p>As experiências com familiares e homofóbicas constituem a vivência gay com prática religiosa e influencia o processo de libertação e ressignificação do conflito, assim como os comportamentos e sentimentos em relação a homossexualidade e o meio.</p> <p>A prática religiosa e a vivência espiritual com Deus se mostraram traumatizante e desgastante emocionalmente, colocando em descrença a religiosidade, e de forma incerta, a espiritualidade também. A prática religiosa e espiritual se mostra insustentável e inviável ao perceber a instabilidade emocional estabelecida, iniciando-se tentativas de resolução através de redes de apoio; busca pelo conhecimento sobre religião; e movimentos de reflexões que desenvolve o autoconhecimento. Resultando no rompimento com a religiosidade e espiritualidade.</p> <p>Por último, se desenvolve ressignificações da vivência gay em torno da igualdade das orientações sexuais e da liberdade da pessoa humana despertando outros aspectos da vida adormecidos anteriormente.</p>

4.2 ANÁLISE PÓS-ESTRUTURAL DAS VIVÊNCIAS DOS HOMOSSEXUAIS COM PRÁTICAS RELIGIOSAS

4.2.1 Constituintes essenciais

As constituintes essenciais são temáticas que são comuns a todas as estruturas encontradas e representam a vivência dos colaboradores. Foram encontradas sete constituintes e estão imbricadas entre si e se relacionam constantemente, embora sejam apresentadas individualmente, para melhor compreensão, devem ser consideradas como um todo no intuito de não fracionar os colaboradores e tampouco reduzir suas vivências. Dessa maneira serão elencadas as constituintes essenciais percebidas. Foram:

- a) Percepção e vivência do conflito interno;
- b) Vivência de sofrimento desencadeado por crenças religiosas;
- c) Vivências familiares e a homossexualidade;
- d) Ser gay e a homofobia;
- e) Vivência gay frente a prática religiosa e o contato com Deus;
- f) Tornando-se livre: estratégias percebidas;
- g) Ressignificações.

Cada constituinte essencial possui variáveis empíricas que são trechos dos depoimentos que representam a temática da constituinte. O Apêndice IV traz um quadro para cada constituinte com as variáveis de cada colaborador.

a) Percepção e vivência do conflito interno

Para uma pessoa inserida no meio religioso dar-se conta da homossexualidade é algo doloroso, no qual passa a lidar com a não correspondência das expectativas externas e conseqüentemente com as internas. Gerando um conflito interno de difícil manejo, principalmente pela ausência de apoio considerando que o meio de convívio também é aversivo a homossexualidade.

Conforme o próprio critério de elegibilidade dos colaboradores, todos eles apresentaram conflito interno entre a homossexualidade e a prática religiosa em algum momento da vida. O conflito se inicia na percepção do ser homossexual, como podemos perceber nas falas de Mateus e Enrique:

Depois que eu comecei a me relacionar com homens comecei a ter um conflito interno de que aquilo que eu estava tendo era ou não pecado; se eu estava ou não em pecado; se Deus aceitava a vida que eu estava tendo e por isso eu não consegui retornar pra igreja. (C1 – Mateus, 30 anos)

Eu me descobri homossexual, que eu me lembre, foram os primeiros momentos que eu tinha em torno de 10 anos a 11 anos, quando tive minha primeira paixão. A criança tem a inocência da paixão, mas a gente tem aquele lado que já sabe que está fazendo algo errado, a gente sempre ouve por ser um lar evangélico que aquilo é errado. [...] Eu dei um beijo nesse menino quando eu tinha 11 anos e eu fiquei com uma culpa enorme. Desde então, eu não tive contato nenhum com homem, só tive contato com meninas durante esse tempo. (C3 – Enrique, 26 anos)

O estabelecimento do conflito implica nas experiências vividas a partir dali. Onde se inicia também, conforme verificado, a repressão de desejos e sentimentos, assim como a negação, mecanismo de defesa que funciona no sentido de negar tal fato ou situação a fim de proteger a estrutura psíquica por exemplo. A maior parte dos colaboradores trazem a repressão como algo puramente consciente, como se percebe na fala de Davi:

Eu sempre soube que era gay e eu nunca escondi, mas como você cresce com aquela ideia de que Deus não aceita, ele é contra, aquilo te remói e você acaba tendo na mente o que: “vou lutar contra”, que isso são demônios que a religião prega, logo isso que é cheio de demônios e você está possuído. Então

eu dizia que “vou lutar que uma hora eu vou ser liberto”. (C4 – Davi, 21 anos)

Entretanto, para Miguel a estrutura da repressão se construiu de forma tão cristalizada que diminuiu a consciência e capacidade de dar-se conta da própria sexualidade, como podemos notar a seguir:

Hoje eu acho que as coisas estão um pouco mais assentadas e com facilidades na minha mente. Mas não foi fácil, não foi... No início eu acho que foi muito difícil tanto que eu me assumi como gay relativamente recente, eu tenho quase 40 anos e isso foi há um pouco menos de 4 anos atrás, então não foi uma coisa fácil. Foi um processo muito demorado e muitos momentos não foi inclusive concreto emocionalmente pra mim, eu demorei até pra perceber o que é que eu sentia, acho que eu bloqueei dentro de mim mesmo os meus sentimentos porque eu não conseguia lidar com aquilo. (C7- Miguel, 39 anos)

Ainda que seja um mecanismo de defesa, consequências negativas são percebidas, seja na própria estrutura psíquica e emocional, seja no comportamento e / ou nas relações sociais. Os colaboradores trouxeram de forma bastante rica os seus sentimentos e comportamentos que transbordaram ao reprimir a sexualidade:

“Uma vez eu lembro que eu era criança e falei pro meu pai que era gay. Aí meu pai foi ter uma conversa comigo tal e então comecei, meio que tipo assim: eu tenho raiva do que é gay” (C2 – Pedro, 22 anos).

Nos tempos de escola eu me relacionei com meninas e depois de um tempo, já na minha adolescência, eu comecei a frequentar a Igreja Evangélica. Eu fiquei 16 anos nessa mesma igreja e lá eu vivi a fase de maior conflito dessa questão de identidade, do que eu sou, sabe? E na luta constante e diária pra eu não me render ao homossexualismo. (C6 – Lucas – 30 anos)

Quis me isolar, já fiquei em fazendas e sítios durante meses para não ver ninguém, sabe? Para ver se eu conseguia tirar aquele sentimento de mim, tinha vezes que passava um rapaz bonito e eu não olhava me prendia aqui para me reprimir, para não expandir aquele sentimento. E aquilo me fez sofrer muito, me fez sofrer muito mesmo. (C8 – Levi, 25 anos)

Além destes, também foram citados sentimento de despersonalização, de ser indigno e impuro, de estar em constante pecado e adotarem o comportamento de isolamento social para complementar a repressão e negação da sexualidade. É necessário destacar que todos esses sentimentos e as falas de Pedro, Lucas e Levi caracterizam homofobia internalizada, considerando que pelo menos seis dos

colaboradores a vivenciaram. Infelizmente, esperava-se esse resultado devido à prática religiosa que em geral é permeado pela homofobia.

Com relação a todas as falas compartilhadas nesta constituinte, nota-se que a repressão e a negação são ocasionadas para corresponder às expectativas da sociedade, da comunidade religiosa e dos familiares, mas também as próprias expectativas como para Gabriel:

Sempre fui homossexual, eles [amigos] sabiam que eu era homossexual, provavelmente eu sabia que eles sabiam, mas na minha cabeça era como se eu não fosse ser aceito. Então a experiência de ser homossexual na comunidade que eu estava inserido não foi muito boa porque durante muito tempo eu tive que me reprimir e eu acho que mais do que qualquer coisa era uma pressão minha do que das pessoas. (C5 - Gabriel, 25 anos)

A percepção significa o dar-se conta sobre conflito que resultou no movimento psíquico de defesa. Custando aos colaboradores uma vasta experiência com o sofrimento acerca da sexualidade, da religiosidade e da espiritualidade.

b) Vivência de sofrimento desencadeado por crenças religiosas

Parte da comunidade homossexual identifica uma dificuldade para aceitação da identidade sexual. Entretanto, podem existir fatores e aspectos que são capazes de ampliar e intensificar esse conflito, sendo a prática religiosa uma dessas. Dessa maneira os depoimentos dos colaboradores da pesquisa, reafirmam esse propósito ao indicar a prática religiosa como um dos fatores de intensificação do sofrimento deles. Verifica-se que parte dos colaboradores nasceram em famílias religiosas e iniciaram a prática religiosa ainda na infância, outra parte ingressaram na religião na adolescência, e percebe-se que as convicções e crenças religiosas foram internalizadas pelos colaboradores e faziam parte de suas vidas assim como os valores e a cultura de sua família. Nos discursos abaixo se observa como a doutrina religiosa a respeito da homossexualidade era enraizada nos mesmos, refletindo na construção de sua identidade sexual:

Eu me reprimia. Eu lutava contra isso porque na igreja a gente aprende que ser gay é pecado, ser gay é abominação diante dos olhos de Deus. [...] A bíblia fundamenta que o desejo da carne luta contra o desejo do Espírito Santo que é o Espírito de Deus, que tem essa luta, você não deve fazer o que a carne quer, ou seja, tudo que eles dizem que é pecado e o espírito deseja tudo que é contrário a isso, que seriam as coisas santas que agradam a Deus.

Então, como ser gay é abominação na bíblia, de acordo com o Cristianismo, eu reprimia isso porque o entendimento que eu tinha era que isso era um pecado e ia me levar pro inferno. (C2 – Pedro, 22 anos)

Como é algo familiar você acredita que aquilo é à base de tudo quando você nasce num lar evangélico. Então é algo, uma angustia, que é que você vive 24 horas por dia porque você é homossexual. 24 horas por dia e aquele peso está com você. 24 horas por dia. É algo horrível, eu lembro que eu chorava, noites chorando e eu perguntava: “Gente, mas porque comigo?” “Logo eu?” “Porque eu fui nascer gay?” “Porque eu fui nascer assim?” “Porque eu não consigo mudar?” “O que mais que eu faço?” [...] Chegou um momento que eu queria me isolar porque eu já não queria mais mentir pra ninguém, entendeu? Porque tem uma cobrança “Ah, todo mundo tem uma namoradinha e você não tem!” entendeu? Então eu queria me fechar, eu não queria mais ter contato, eu não queria mais ter que mentir, então isso estava me fazendo meio que me excluir da sociedade, eu acho que eu não tive um quadro depressivo ou uma tristeza excessiva, mas eu comecei a querer ficar só em casa, meu contato era só dentro de casa com a minha mãe e computador, e na escola eu era bem fechado. (C3 – Enrique, 26 anos)

Para mim tudo era pecado, era errado e eu ficava “meu Deus tira esse sentimento de mim”. Quantas vezes eu não chorei no quarto pedindo pra Deus tirar o sentimento da homossexualidade de mim porque era pregado que aquilo era pecado, era demônio “você está com o demônio e tal”, e eu sofri muito com aquilo “meu Deus, eu não quero viver com esse sentimento dentro de mim... Tira!”. (C8 – Levi, 25 anos)

Os depoimentos de Lucas e Miguel corroboram a vivência de sofrimento emocional patológico devido ao conflito da crença religiosa e a percepção da homossexualidade indicada nos relatos anteriores:

Eu cheguei a me deprimir na época porque eu tentava viver as coisas que eu aprendia na igreja e tentava torná-la uma mulher [ex-esposa] realizada e no fundo eu não era um ser realizado, então sofri muito por conta disso. [...] E eu mesmo passei a entender que tudo que eu construí com ela, de me casar, de ter uma vida com ela, eu construí muito influenciado pelo o que a igreja pregava, influenciado pelo o que a sociedade cobrava, influenciado pela possibilidade de fazer com que os meus pais não sofressem por ter um filho homossexual. (C6 – Lucas, 30 anos)

Talvez tenha sido uma das memórias marcantes da juventude nesse quesito: eu no pátio mais social da igreja com uma cantina, o lugar onde as pessoas se reuniam, antes ou depois do culto, e o pastor presidente da igreja, uma igreja grande com possivelmente mais de mil membros na época, falar muito abertamente que certo cantor da banda da igreja não estava mais trabalhando ali, tinha ido para o acampamento da igreja, ele estava vivendo no acampamento da igreja pra ver se ele deixava de ser gay. [...] Marcou muito a minha percepção do que era sentir atração por outros homens como eu sentia e a expectativa da Comunidade em cima de mim, então eu empacotei qualquer sentimento que eu tivesse, qualquer possibilidade que eu tivesse de afeto e empacotei e tranquei. Então foi muito ruim porque dali veio depressão, ansiedade da qual eu tentei viver e eu tentei imaginar minha vida sem relacionamento durante talvez mais de 20 anos e chegou um ponto que

eu simplesmente estava completamente desestabilizado como pessoa. Eu não tinha mais como ser uma pessoa inteira comigo mesmo e viver daquela forma. (C7- Miguel, 39 anos)

Podemos considerar que a repressão e a negação motivada pelas crenças religiosas, que levaram esses colaboradores a conter a homossexualidade se apropriada de comportamentos e atitudes dolorosas para se sustentar, como, por exemplo, a constituição do casamento heterossexual de Lucas, promovendo uma resposta social a partir de uma anulação ou repressão pessoal.

Uma das formas mais aguda desse sofrimento é relatado por Gabriel, que expressa de forma assustada consigo mesmo o pensamento que teve em relação ao suicídio:

Eu sempre me considerei muito sóbrio, muito centrado, eu sempre me considerei muito assim e quando eu estava na igreja tiveram épocas... Eu lembro de uma vez que eu deitei e eu pensei em suicídio! Eu pensei! A ideia passou pela minha cabeça, eu não cheguei a... Mas só pensei. Isso nunca tinha passado pela minha cabeça, mas todo o contexto que eu estava inserido, eu acabei pensando nisso como uma forma de escape e hoje eu não vejo mais assim, sabe? (C5 - Gabriel, 25 anos)

Para Mateus o conflito se estabeleceu diretamente com a instituição religiosa, não afetando sua fé e relação com Deus, porém colocando em questionamento sua prática religiosa, na qual se percebeu impedido de mantê-la:

Na verdade a parte do meu conflito foi sobre a igreja, entendeu? Sobre frequentar a igreja, sobre ir à igreja e achar que eu estava em pecado indo à igreja, mas eu nunca deixei de fazer minhas orações porque eu achava que eu estava em pecado, entendeu? Foi algo meio confuso assim, porque eu achava que eu não poderia entrar numa igreja ou ir numa igreja porque eu estaria muito em pecado. Mas eu sempre fiz minhas orações, agradei, pedi a Deus quando estava sozinho. (C1 – Mateus, 30 anos)

É necessário perceber as consequências do sofrimento que se prolonga. Foram colocadas em questão o valor dos vínculos, da pessoa e da vida diante da falta de concepção e compreensão destes.

c) Vivências familiares e a homossexualidade

A família é o primeiro contato sociável e é responsável por uma parte considerável da construção identitária da pessoa. Os colaboradores trouxeram as relações com suas famílias considerando a homossexualidade:

“Na família é um pouco complicado. Meus pais sabem que eu sou gay, eu sou assumido, porém ninguém conversa dentro de casa sobre isso, é uma coisa muito: sabem, pronto e acabou” (C2 – Pedro, 22 anos).

Na minha família hoje está muito bom quando se trata da minha mãe. Quando se trata da minha mãe o relacionamento é perfeito, a gente não tem segredos, eu converso com ela e é super tranquilo, falo das minhas vivências, das pessoas que eu conheço, com quem eu me relaciono, então em relação a ela é super tranquilo. Quando se trata do meu pai e da minha irmã esses assuntos não acontecem, a gente não conversa sobre isso. Eles moram em outra casa, então geralmente a gente não tem esse tipo de conversa, mas desde pequeno eu não fui criado com conversas muito próxima e muito íntima em relação ao meu pai e minha irmã, então acho que é meio que da criação. (C1 – Mateus, 30 anos)

A falta de diálogo sentida pelos colaboradores no que diz respeito à temática homossexualidade se representa de diversas formas, Miguel inclusive afirma que seus pais criaram um tabu sobre o assunto ao revelar a sexualidade:

Meus pais sofreram muito ao saber que eu sou gay. [...] Isso foi há uns dois anos e meio atrás quando eu conversei com eles [pais] e praticamente virou um tabu, então quando eu percebi essa dor, esse sofrimento deles, esse não conseguir lidar com a situação, todas as expectativas que eles têm por conta da religião, especialmente pelo meu pai, meu pai é pastor, não é pastor de profissão, mas ele ajuda como pastor na comunidade, então como isso foi muito difícil pra ele, eu dei por não falar pro meu irmão pra que ele [pai] não tenha gente questionando. Imagino meu irmão falando com meu pai sobre mim e isso gerando mais dor e trazendo a memória, aquele sentimento ruim... Então como uma forma, já que meus pais criaram um tabu, eu meio que respeito esse tabu e deixo lá. Mas também não me privo de dizer que estou num relacionamento e que tenho expectativas, porém também não forço o assunto. (C7- Miguel, 39 anos)

Naturalmente a crença dos familiares influencia no diálogo sobre o assunto, como na família de Miguel. Para Gabriel, o mesmo ocorre, pois sua mãe crê que a família é amaldiçoada:

Família é bem complicado. Porque tem essa questão que eu tinha comentado antes da minha família que existem homossexuais e em uma parte da família que não tem só homossexuais, existem travesti e transexuais que inclusive passaram por terapia hormonal. Só que é aquilo que eu havia comentado, o

estigma que existe na minha família e que às vezes a minha mãe deixa isso escapar, o que ela pensa, que a homossexualidade é uma maldição na família dela, porque essas pessoas na minha família que são homossexuais acabam tendo uma vida sem muitas expectativas, sabe? Não conseguem um emprego, tem problemas com drogas... Todo tipo de problema que você puder imaginar, inclusive um parente que era travesti morreu de AIDS e isso tem uns 5 anos. Então o estigma que existe na minha família é que ser homossexual é uma decadência, isso até me prendeu muito, sabe? Hoje, eu estou num ponto que eu estou tão de boa comigo, tão bem resolvido que eu não teria problema de assumir isso para os meus pais se eles chegassem e perguntassem, é tanto que eu acabei contando para a minha mãe recentemente, para o meu pai eu não contei, mas é aquela coisa: eu tenho 25 anos, nunca apareci com namorada em casa, só se engana quem quer. (C5 - Gabriel, 25 anos)

A maioria das famílias dos colaboradores refere-se à homossexualidade como tabu, sugerindo a negação do fato e impossibilitando uma relação saudável frente à homossexualidade. Conquanto o tabu não surja na revelação da homossexualidade, talvez ele seja inflamado por esse momento, porém aparece nas raízes dessas famílias o que muito possivelmente contribuíram para o conflito interno dos colaboradores e também para a sensação de estar sozinho e falta de apoio, e podemos verificar isso no depoimento de Enrique:

Uma coisa horrível que eu convivia. Minha família toda dentro da igreja e você ouvir da sua família que são as pessoas que você confia, que aquilo é errado, eu não tinha abertura com ninguém para poder... Então foi algo que eu tive que resolver comigo mesmo, eu não tinha ninguém pra poder resolver isso. Eu sou muito próximo da minha mãe desde pequeno, e por mais que eu fosse muito próximo e confiasse muito nela o que me amarrava não era a confiança, ou o medo da minha mãe não me amar, não... Era o medo do que ela podia achar por causa da religião. (C3 – Enrique, 26 anos)

Além de os colaboradores lidarem com seus próprios conflitos, precisaram lidar com a falta e frustração frente à família. No discurso de Davi, o mesmo sugere ter que ser suficiente para si mesmo:

“Eu sofro uma barra muito grande com a minha família, mas não me afeta porque eu sou independente, eu tenho meus empregos, eu pago minhas contas, eu vivo em uma cidade distante da minha família” (C4 - Davi, 21 anos).

A postura das famílias despertou uma independência prematura, porém necessária, como também a responsabilidade de lidar com o conflito com recursos próprios, o que pode remeter tanto a sensação de solidão, como maturidade emocional e resiliência.

d) O ser gay e a homofobia

As vivências que envolvem o preconceito foram marcantes na análise de dados. Os colaboradores trouxeram o preconceito a partir da sua vivência homossexual, cada um à sua maneira. Os depoimentos evidenciam que no meio social o preconceito foi mais representativo, ainda que tenha surgido em outros espaços.

Vivo uma vida tranquila, claro que ainda existe alguns conflitos né? Assim na sociedade, ainda me prendo muito, é porque eu não acho legal andar de mãos dadas na rua, andar se beijando na rua, até porque tem criança que não entende. [...] Eu não gosto porque eu ainda tenho um pouco de resistência e até porque eu não acho legal mesmo. Ficar andando dois rapazes ou duas moças de mãos dadas na rua até porque é perigoso ainda. As pessoas vão te tratar com rejeição se vê aquilo, né? Então quando as pessoas nos veem na rua acham que somos amigos ou irmão [referindo-se ao companheiro], nós não demonstramos um sentimento de companheiro um pelo outro assim na rua. (C8 – Levi, 25 anos)

Hoje a minha experiência como pessoa gay tem alguns limitantes, como por exemplo, no meu trabalho eu não sou aberto, tem umas duas ou talvez três pessoas que sabem, mas eu não sou aberto ou compartilho minha orientação sexual no meu trabalho. Existem limitações na minha vida, algumas delas talvez autoimpostas, mas seriam autoimpostas para uma garantia de segurança e tentar diminuir certos sofrimentos que a gente já espera. Então eu não falo da minha orientação pra qualquer pessoa, eu não chego dizendo o que eu sinto, então ela tem barreiras e seriam barreiras que teriam a intenção de proteção. Mas em alguns contextos, por exemplo, entre meus amigos, eu sou muito bem aceito, a gente conversa sobre N assuntos, inclusive orientação sexual e namoros com bastante liberdade. (C7- Miguel, 39 anos)

Para alguns colaboradores a vida gay dentro da sociedade possui alguns limitantes, e na análise dos discursos fica expresso que essa limitação é autoimposta e indica comportamento de fuga e possivelmente de prevenção a possíveis situações homofóbicas, como se percebe na fala de Levi e Miguel. Mateus também aponta um comportamento de fuga com o receio de vivenciar situações de preconceito e por esse motivo evita frequentar a igreja:

Tipo assim, hoje pra eu ir pro culto ou pra uma missa eu vou sem problema nenhum, mas pra eu voltar como eu já fui um dia, de frequentar, participar das atividades da igreja ou algo do tipo, eu ainda não me sinto muito à vontade porque eu não sei, dependendo da igreja ou da religião, como vai ser essa aceitação ou se vai ter essa aceitação. (C1- Mateus, 30 anos)

Os relatos sinalizam que o preconceito é uma violência dirigida e pode gerar graves consequências biopsicossociais às vítimas. Uma dessas consequências é o

desenvolvimento da homofobia internalizada, que pode aumentar o autojulgamento, depreciação, e sentimentos, atos e comportamentos negativos sobre si mesmo, logo podemos perceber até aqui que os colaboradores dessa pesquisa precisaram superar mais essa consequência. Nesse sentido, os colaboradores apontaram as dificuldades pelas quais passam para manter o equilíbrio mental, emocional e psicológico.

Nascer, crescer e conviver diariamente com uma sociedade homofóbica é extremamente doloroso para um homossexual, não somente a nível externo, mas, sobretudo a nível interno. A vivência do preconceito ocorre não só na sociedade, mas principalmente e infelizmente no meio familiar e com amigos, Pedro afirma que muitas vezes os amigos “usam palavras como: “ah tu é viado”; “ah sai daqui seu gay”, como que ser gay ou ser viado seja um tipo de insulto no meio deles”.

Enrique vive o preconceito sutil dentro de sua família:

Às vezes em grupo de família sempre tem alguma coisa sobre religião, sobre inversão que eles chamam de mundo, o mundo está tentando inverter os valores e aí fala do Pablo Vittar fazendo aquilo... da transexualidade... da parada gay... Então assim, eu convivo com isso, mas a crítica direta pra me machucar, afrontar, eu não tive. [...] Mas eu sei que por conta da religião eles acham que eu estou fazendo algo errado, entendeu? Eu tenho certeza disso, mas assim, eu convivo com isso tranquilo. (C3 – Enrique, 26 anos)

Davi conta com muita emoção o preconceito que sofre não somente pela homossexualidade, mas também pela sua feminilidade, inclusive no próprio meio gay, como nota-se abaixo:

Você ser homossexual, no meu caso que você é muito feminino, como dizem, no próprio meio LGBT, te criam barreiras ainda maiores porque assim quando eu me formei, por exemplo, o meu medo era “Será que vou conseguir um emprego? Será?”, era o meu medo porque você se forma e acaba que no mercado o preconceito existe muito. Quando eu estava trabalhando numa empresa, teve um jornalista que disse bem assim: “olha, a sua voz é muito feminina, a gente precisa trabalhar isso porque você precisa ter voz de homem”. Eu disse: “Eu não tenho culpa disso”. Existem formas na sociedade, existem aqueles moldes que você tem que se encaixar, se você não encaixa eles vão tentando te moldar e começa a guerra e eu disse pra ele “Eu não vou!” eu não vou modificar minha voz, tentar mudar minha voz por conta de emprego, eu pedi demissão. (C4 - Davi, 21 anos)

Ser homossexual muito feminino, o que que acontece... Os outros gays não querem! Então você acaba criando uma outra barreira e um outro choque psicológico, porque eu não vou dizer pra ti que eu não sofro, eu ainda sofro muito, principalmente nas sextas-feiras, elas são matantes pra mim porque eu chego do trabalho e eu queria poder sair com alguém, eu queria ir ao cinema, comer alguma coisa, sair com alguém, dormir com alguém, eu não tenho. Então isso começa a te martirizar lá por dentro, começa a te jogar pra baixo

porque se você fosse menos feminino você conseguiria alguém. Quando você abre os aplicativos de relacionamento gay, diz bem assim: “Não gosto de afeminados” “Afeminados não me mandem mensagem, por favor!” “Sem afeminados”, então aquilo te joga mais pra baixo ainda. (C4 - Davi, 21 anos)

Isso revela uma prática preconceituosa dentro do próprio meio, causando sofrimento entre os pares. Gabriel e Lucas acreditam que conquistar status social, poder aquisitivo e intelectual distancia a diferença entre homossexuais e heterossexuais, e diminuiu a probabilidade das vivências de preconceito, como pode-se ler:

Por exemplo, na minha família tem homossexuais, inclusive primos de primeiro grau. [...] É visível a forma como eles são vistos pelas outras pessoas da família e a forma como eu sou visto, [...] a forma como a família falavam deles era diferente de como falavam de mim, entende? E ai hoje, até em casa, eu acho que eu ganhei um respeito muito grande só por estar no curso de Medicina. (C5 - Gabriel, 25 anos)

Eu tenho formação, eu fiz dois cursos universitários, eu fiz Letras depois fiz jornalismo, depois fiz uma especialização em cada área e fiz um mestrado na área de Letras e pretendo fazer um doutorado no futuro próximo, então nada me diferencia de um heterossexual, pra mim é extremamente normal ser homossexual. (C6 - Lucas, 30 anos)

Entretanto, considerando a forma sutil e flagrante do preconceito, questiona-se se realmente há uma diminuição? Pois é sensato também interpretar que o status social e a formação tornam o preconceito mais velado e sutil tanto na sociedade quanto na família.

Deve-se ressaltar que os colaboradores se mostraram conscientes, maior parte do tempo, das práticas homofóbicas sofridas, inclusive dentro de ambientes em que há envolvimento afetivo, como dentro da família e com amigos. Além da consciência, mostraram movimento de defesa e combate.

e) Vivência gay frente à prática religiosa e o contato com Deus

Foi necessário o equilíbrio entre a vivência gay e a prática religiosa, visto a importância de ambas nas vidas de Lucas, Miguel e Levi. Os mesmos conseguiram conciliá-las após encontrarem comunidades religiosas inclusivas que os acolheram. Dessa forma, podemos perceber a baixo, essa mudança de comunidade religiosa:

Eu tenho uma vivência dentro daquela comunidade muito forte, eu ajudo, eu prego em dia de domingo no culto principal da igreja [diferente da igreja que Miguel frequentava na adolescência] e naquela comunidade não existe

distinção por eu ser gay ou por não ser gay e, por exemplo, eu nunca levantei [quando faz a pregação] em defesa “Porque eu sou gay e estou pregando” nunca precisei fazer isso e não quero ter que fazer isso. Às vezes que eu preguei foi sobre a experiência de se viver sendo cristão na vida de hoje, independente se eu sou gay ou não. [...] Essa comunidade cristã é acolhedora e ela é acolhedora não só de falar, ela é na prática. (C7 – Miguel, 39 anos)

Foi quando encontramos um pastor de uma igreja evangélica daqui. A gente chegou numa igreja evangélica e quando eu entrei naquela igreja eu me senti muito bem, muito bem acolhido. É uma igreja até... Sabe aquelas igrejas de estilo americano, aquelas canções diferente, eu achei bem legal e logo de cara o pastor percebeu que nós dois éramos um casal e ele chegou e perguntou de onde vínhamos e porque estávamos ali. A gente explicou toda a situação, falamos que cantávamos e que gostaríamos de fazer parte e ele nos convidou para cantar, eu até me assustei. “Mas como? Pode?” Porque eu já tinha aquilo dentro de mim “Não pode porque somos gays e não pode cantar na igreja”. Foi quando ele (pastor) disse: “O que importa para Deus é o seu coração, se você vai cantar com vontade, se você vai cantar transmitindo o amor de Deus para as pessoas é isso que importa. Não importa se você gosta dele, não importa se você dorme com ele, não importa se você se relaciona com ele, não importa se você é casado com ele. O que importa é o seu amor ao próximo e o amor que Deus transmite para você e você transmitir para as pessoas.” Essas palavras foram palavras de conforto para nós dois, e desde então nós começamos a trabalhar isso na nossa vida e paramos com esse conflito: porque não posso, gente cresceu assim: “não pode, não pode, não pode, não pode” e acabou que recebemos o conselho dessa pessoa experiente que nos ajudou muito e até hoje nós estamos lá e toda comunidade da igreja sabe que nós dois somos um casal e nós fazemos parte do louvor dessa igreja, cantamos, oramos. (C8 – Levi, 25 anos)

Hoje eu sou de uma comunidade chamada Betesda² que me acolheu e eles nunca questionaram sobre a minha sexualidade, eles nunca interferiram em nada na vida social, inclusive eu canto na igreja Betesda coisa que eu jamais poderia fazer em qualquer outra igreja evangélica por que eles isolam os homossexuais. (C6 – Lucas, 30 anos)

Para esses colaboradores acima, ser homossexual e cristão representa uma completude da vivência e sentido humano, no qual se encontra a espiritualidade, o apoio na comunidade religiosa e nas redes sociais, além dos vínculos e aporte afetivo no sentido romântico, social e da sexualidade, gerando bem-estar biopsicossocial e espiritual. Assim, a igreja inclusiva se mostra como um grande apoio para esses homossexuais.

De modo muito particular Mateus e Davi afirmam sobre essa temática:

“Teve essa ruptura, de fato, da religião, mas isso não me fez desacreditar que Deus existe; isso não me fez desacreditar que Deus me ama independente da minha

² Igreja evangélica independente considerada pela comunidade religiosa como liberal.

condição sexual. Isso me fez acreditar que os gays não vão pro inferno” (C4 – Davi, 21 anos).

Eu acho que por enquanto eu estou bem resolvido com a questão da minha religião. Eu faço as minhas orações, eu peço a Deus quando eu tenho algo que me aflige muito, vou à igreja e faço uma oração, eu me ajoelho, eu agradeço, agradeço muito e peço, e eu não vejo, por enquanto, a necessidade de eu ter uma interação com a comunidade religiosa, entendeu? Mas isso não quer dizer que eu não tenha uma religião ou não acredite em Deus. Eu tenho fé, eu acredito, eu faço minhas orações a noite, eu agradeço, faço tudo, porém eu não tenho uma ligação muito próxima com as pessoas da igreja. (C1-Mateus, 30 anos)

Já para Gabriel, ao se perceber ser no mundo da vida homossexual e não se sentir acolhido pela sua comunidade religiosa optou por uma quebra de vínculo, rompimento tanto com Deus, quanto com a instituição religiosa:

De tudo que eu tinha aprendido e não foi porque alguém chegou para mim e falou. Eu não me via aceito. Pelo que eu li, eu sou uma abominação e não faria sentido eu continuar ali, sabe? Primeiro que para eu continuar lá todo mundo me olhava de uma forma, eu era aquela pessoa “o menino prodígio”, cantava, pregava, que era líder, se envolvia em tudo da igreja, que as mães queriam que fosse genro delas, que as meninas olhavam e se apaixonavam e eu sabia que eu não era aquilo, talvez eu fosse boa parte, mas a parte diferente era a sexualidade que eles pintaram em mim. Então não faria sentido e eu imaginei que qualquer lugar que eu fosse ia acabar caindo no mesmo, por isso que eu não voltei. E na real, eu não sinto falta. Foi um período muito conturbado. (C5 – Gabriel, 25 anos)

Aponta-se que o conflito provocou nos sujeitos a necessidade de tomar uma posição frente as relações institucionais e suas vertentes espirituais que resultou na ruptura com a instituição religiosa e espiritual para alguns e na mudança de instituição para outros.

f) Tornando-se livre: estratégias percebidas

Tornar-se livre para esta pesquisa é alcançar uma vivência a partir de si. É ser escritor e protagonista da sua própria história; ser livre para escrever e atuar no mundo próprio e no mundo da vida. Tornar-se livre para o homossexual é um processo de autoafirmação que evolui a cada dia, de forma individual e particular que modifica o seu meio. Para os colaboradores, esse processo foi motivado pelo desejo de bem-estar emocional, afetivo, amoroso, social, familiar e espiritual, em um contexto de conflitos, rupturas e de ressignificações.

De maneira transformadora os colaboradores dessa pesquisa se tornaram livre. Diversos fatores foram primordiais em tal libertação para cada um dos colaboradores. Essas são as estratégias percebidas, onde será apresentada a estratégia principal para a libertação de cada um dos colaboradores, entretanto vale ressaltar que todos identificaram mais de uma estratégia. Algumas das estratégias podem se assemelhar, mas se apresentaram e representaram de formas distintas para eles. Como por exemplo, abaixo podemos identificar o conhecimento buscado por Enrique, Davi e Miguel, acerca da religião e da crença religiosa em relação a homossexualidade:

Eu conheci um amigo e ele me apresentou um filósofo, [...] e ele trata muito legal sobre a religião e sobre as regras que a religião traz pra dentro, a pacífica que as pessoas têm de ter uma religião e não tem nada a ver com espiritualidade. Eu comecei a me desapegar nessa época da religião, daquilo que era dogma, ritual e tradição. Mas mesmo assim eu era muito preso ao cristianismo. [...] Parece que eu me distanciar mais de dentro de casa me deixou mais livre pra ser aquilo que eu era, porque eu não estava mais dentro de casa, entendeu?! Então assim eu era um pouco mais solto, meu contato com religião passou a ser zero e o fato de eu ir à igreja era um ritual que eu seguia com a minha família, já não estava mais preso àquilo. Então eu fui me distanciando da igreja e fazendo novos ciclos de amizades e eram amizades que tinha a ver comigo, eram pessoas que por mais que não fossem homossexuais, eram pessoas que não carregavam com elas aquilo que meus amigos da igreja carregavam que era um julgamento, eu não tinha o julgamento dessas pessoas. Eu me sentia melhor para poder ser quem eu era. [...] Eu tive meu primeiro contato e eu já não me senti mais tão culpado. (C3 – Enrique, 26 anos)

Eu acho que entra uma história que pra mim é muito relevante pra essa mudança na minha vida. Um dia, há quatro anos atrás, eu tive uma experiência transcendental com Deus na qual ele me falou: não tem problema, eu não tenho problema com isso. Isso abriu pra mim a possibilidade de buscar informação “bora ver se a bíblia fala realmente alguma coisa contra”, não só a opinião dos outros, mas o que eu consigo interpretar da bíblia e estudar aqueles 5 ou 6 versículos, porque a bíblia só tem 5 ou 6 versículos e a gente ver igrejas que gastam muito tempo falando contra a homossexualidade. E aí eu comecei a pesquisar e cheguei à conclusão de que aquele alarde todo que as pessoas faziam era desproporcional com o número de versículos e com o conteúdo daqueles versículos e que os textos bíblicos deveriam ser interpretados de acordo com o contexto histórico daquela época e o que eles queriam dizer, o que as traduções queriam realmente indicar, porque a tradução há 20 anos atrás não usava o termo gay ou homossexual. Usavam outros termos que não tinham nada a ver e subitamente mudou o que aconteceu. Então isso mudou, eu como gay, mudou minha relação com a minha prática religiosa e foi a partir daí que eu me abri para um relacionamento mesmo sendo cristão. (C7 – Miguel, 39 anos)

Foi a partir dessa experiência de ser homossexual e de ter vivido numa religião que me levou a pesquisar [pesquisa científica para graduação], foi a partir daí que eu quis entender, você quer entender ferramentas pra conseguir

superar isso, eu quis entender, culturalmente, como a religião se construía e porque que as pessoas atacavam tanto os homossexuais, por quê? Por que as pessoas usam da religião pra bater? Então eu fui atrás de compreender isso a partir de uma experiência e não foi fácil, foi bem difícil porque você começa a relembrar de situações e você tem que se eximir daquilo e é bem complicado, mas foi a partir daí que eu fui tentar entender e eu consegui através da pesquisa e através da própria bíblia compreender que “Não! Deus me ama, eu posso acreditar em Deus, o inferno não foi reservado pra ninguém, ninguém tem o poder de julgar ninguém, de dizer que nós somos uma nojeira e por ai vai. Então eu consegui comprovar cientificamente e religiosamente que aquilo não existia. Então eu acho que foi a partir daí, de compreender uma situação que eu me senti mais confortável frente a religião e eu acho que quando eu compreendi isso eu parei de me martirizar. (C4 – Davi, 21 anos)

A compreensão adquirida transformou a relação com religião para os três, onde Enrique se desvincula da religião, identificando-se a partir daí como agnóstico, e compreende-se que esse distanciamento contribuiu para ele começar a se liberar.

Diferentemente, Miguel e Davi ressignificaram a relação com Deus, sendo fortalecida para Davi através da percepção do amor de Deus e para Miguel através da experiência transcendental com Deus que tomou um papel acolhedor, viabilizando não somente a vivência da espiritualidade e religiosidade, como também a vivência gay. Percebe-se também uma visão menos conservadora da bíblia em prol de uma visão mais acolhedora desencadeando mudança da prática religiosa menos repressora e moral para mais inclusiva.

Para Gabriel o saber também esteve presente, porém a partir do saber de si próprio, o autoconhecimento. Gabriel acredita que o autoconhecimento foi o fator principal para se tornar livre, como podemos ver abaixo:

E eu fiquei pensando, pensando e pensei na vida que eu queria ter, se era aquela mesma, eu poderia estar lá e pagando de bonitinho e talvez no futuro ter uma família com uma mulher, só que também eu passaria a vida toda me enganando. E foi quando eu decidi que eu não ia mais ficar lá, [...] quando voltei eu sabia o que eu não queria mais ser, eu não queria mais ser a pessoa que mentia para si mesmo e por mentir para si mesmo acabava mentindo por todos os lugares que passava e eu voltei mesmo decidido a viver minha vida e ser quem eu sou. (C5 - Gabriel, 25 anos)

Esse movimento orientado para o autoconhecimento descreve a necessidade de reflexão sobre o próprio eu, trazer à consciência do self. Movimento puramente intrínseco e riquíssimo de descoberta e desenvolve a convivência consigo próprio e com o mundo externo. Salienta-se que o autoconhecimento pode também ser desenvolvido a partir das experiências sociais. O contato com o outro que é semelhante ou que desperta

uma identificação também estimula ponderações sobre si mesmo. Podemos notar essa situação na fala de Pedro que ao se relacionar com iguais visualizou aceitação em relação à homossexualidade:

“Não tinha nenhum gay, nada. Todos os meus amigos eram héteros, ou seja, eram primos, ou da faculdade ou da igreja. Aí sim, depois eu fui conhecendo alguns, foi quando fui experimentando essas coisas, e aí a gente vai vendo que não é uma coisa errada”. (C2 – Pedro, 22 anos)

Entrar em contato com iguais proporciona não somente a percepção de si, mas também funciona como rede de apoio considerando o movimento de ampliação do ciclo de amizade e também de identificação com sujeitos afins. O contato com um igual foi o fator primordial para Levi se aceitar como homossexual, como nota-se abaixo:

Encontrar alguém que tivesse o mesmo sentimento. Por que até então não tinha encontrado uma pessoa que também estivesse na igreja passando pelo mesmo conflito interno, e quando eu encontrei uma pessoa, na qual estou hoje, nós nos conhecemos na igreja e nós tínhamos o mesmo sentimento de sofrimento e de não saber o que fazer. E acabamos que decidimos parar de sofrer com aquilo. (C8 – Levi, 25 anos)

Levi sugere ter diluído a sensação de solidão e estranheza com seus desejos ao perceber apoio de iguais e sentimento amoroso.

Já para Lucas o fim do seu casamento (heterossexual) foi o aspecto fundamental na resolução do conflito, principalmente para iniciar a aceitação da homossexualidade. A fala da ex-esposa de Lucas o despertou para um processo de autorreflexão e autocrítica e naturalmente, autoconhecimento, como nota-se a seguir:

O fim do relacionamento com minha ex-mulher. Ela me disse algo muito importante: que eu precisava viver esse amor e eu só seria feliz, se eu vivesse esse amor. Porque no fim do nosso relacionamento eu disse a ela que eu era homossexual e ela disse que já sabia por que a gente já convivia há muito tempo, nós namoramos por 5 anos e ficamos casados por mais 7, então a gente teve uma história de 12 anos. E nós demos um fim no relacionamento e eu ainda resisti, eu continuei indo pra igreja lutando contra os desejos da carne e quando eu decidi que eu não caberia mais dentro dessa igreja ou dentro da igreja que eu estava, quando eu decidi que não caberia mais, eu comecei a fazer uma série de reflexões que eu não fazia anteriormente porque eu vivia a ideia de que eu poderia me tornar heterossexual. Ela foi importante no processo porque foi com ela que eu descobri que eu realmente não seria feliz vivendo com uma mulher, que eu realmente estava traçando uma trilha que no fim sempre seria de muita tristeza. [...] Ela me fez entender o que eu já sabia que precisava fazer, mas eu não tinha forças para fazer, não tinha coragem para fazer. (C6 – Lucas, 30 anos)

Dentro da rede de apoio identificada pelos colaboradores, pode-se perceber também o apoio religioso e espiritual vivenciado e que foi fundamental para a manutenção da crença em Deus para Mateus:

Eu tive uma pessoa que me ajudou muito, uma amiga que é religiosa e ela frequenta uma igreja evangélica. E em determinado momento eu conversei com ela e ela falou algo que me tranquilizou muito “que Deus sabe de todas as coisas, entendeu? Que a gente tem que pedir, tem que agradecer e que só ele pode nos julgar”. Então, que eu não me preocupasse ou que eu não ficasse pensando com o que a igreja vai dizer e com que a igreja vai ver e sim soubesse da palavra Deus, sobre Deus e que ele quer gente feliz, então se eu estou feliz na vida que eu tenho hoje, isso faz parte da vontade dele. Então pra eu não me preocupar se eu estou em pecado ou vou pro inferno, entendeu?! (C1 – Mateus, 30 anos)

Estes relatos evidenciam que religião e espiritualidade são uma construção social e uma interpretação pessoal, envolvendo todo o contexto do qual a pessoa faz parte.

De modo geral, se percebe como estratégias a rede de apoio (apoio de familiares, apoio amoroso, de amigos e apoio religioso e espiritual); autoconhecimento; a busca pelo saber; a mudança de instituição, distanciamento e/ou rompimento com a igreja; e mudança de percepção sobre Deus. Este último será apresentado na constituinte a seguir.

g) Resignificações

A elaboração do conflito desperta equilíbrio interno e emocional. Nos discursos dos colaboradores denota-se a percepção do ser considerado anormal e a superação dessa percepção a partir da ruptura com a ideia hegemônica de normalidade, não considerando a normalidade, mas a igualdade das orientações sexuais percebendo as diferenças.

Eu me descobri com 10 anos e eu demorei um tempo para me aceitar, mas passado esse período eu considero normal na maioria das vezes. Da minha parte é sempre normal, eu não vejo mais como algo que me inferioriza ou me torna diferente de outras pessoas, a única coisa diferente é que eu me interessar por pessoas do mesmo sexo. Mas dependendo do ambiente que eu estou inserido, por exemplo, na faculdade, normalmente, eu não me sinto diferente, mas as vezes por algum motivo pode acabar rolando uma situação que faça com que eu me sinta diferente. No geral, a maioria dos espaços que frequento pra mim é normal, mesmo na minha família eu acho normal. (C5 – Gabriel, 25 anos)

No começo foi um conflito interno. Hoje eu acho que já consigo lidar com essa experiência, hoje eu me considero uma pessoa normal. Porque para sociedade acha que o homossexual não é uma pessoa normal, hoje eu sei que eu sou normal, a experiência não é fácil, a convivência do dia a dia não é fácil, a gente vive com medo da sociedade, mas eu consigo lidar com isso.
(C8 – Levi, 25 anos)

É necessário abordar que nas falas acima podemos perceber que a sensação anterior de ser anormal devido à sexualidade sugere a presença de homofobia internalizada nos colaboradores e se torna claro a grande movimentação interna para superação desse conflito, inclusive considerando a cronologia visto que todos os colaboradores alcançaram a autoaceitação no início da fase adulta ou mais tarde.

Além da normalidade, a liberdade foi outra palavra utilizada para expressar a elaboração e a chance de viver, como podemos verificar no discurso de Pedro e Lucas:

“Hoje eu me sinto mais livre, entendeu?! A sensação que a gente tem é de liberdade, porque a gente é quem a gente é, sem medo e sem ficar com aquela coisa na cabeça de o que eu estou fazendo era pecado, ir pro inferno e essas coisas” (C2 – Pedro, 22 anos).

Eu falei para uma amiga evangélica esses dias que hoje eu sou livre. Esse termo “seja livre” é muito comum nas igrejas evangélicas, porque ser livre é se libertar de tudo que há nesse mundo e ser um cristão santo, viver na santidade. E para mim, ser livre não é mais isso. Ser livre é não carregar culpa. Ser livre é não ter medo de andar pela rua. Ser livre é não ter vergonha de si mesmo, é não ter vergonha de Deus, não ter vergonha de se ajoelhar e conversar com Deus por ser homossexual, isso é ser livre. (C6 - Lucas, 30 anos)

Davi traz a mesma perspectiva de liberdade, entretanto, pontua que constantemente enfrenta dificuldades, como podemos ver:

É um desafio diário. Eu acho que depois que você sai do armário, a famosa frase né, você se sente mais livre, eu acho que a liberdade é o que vem depois de muita luta, de muita resistência também. Mas acho que ser homossexual é ter ciência de uma constante guerra com você, com a família, com a sociedade, com amigos. Eu acho que a experiência homossexual é muito perturbadora ao mesmo tempo em que com o tempo ela vai se acalmando, mas ela é única, uma experiência muito única. (C4 – Davi, 21anos)

Para Davi a palavra se mostrou a resignificação das vivências de sofrimento não somente do conflito, mas também da homofobia, sugerindo inclusive força para lutas futuras.

Identificou-se que houve também a ressignificação da espiritualidade a partir da vivência de sofrimento. A ressignificação da percepção de Deus foi o fator primordial para a permanência de Davi, Lucas, Miguel e Levi na prática religiosa e a vivência espiritual, e conciliação de ambas com a vivência gay. Ressignificar a percepção sobre Deus, resultou na compreensão de um Deus amoroso e bondoso que enxerga a pessoa humana além da orientação sexual, como lê-se:

Eu não vejo que Deus tenha mudado na sua essência, mas a minha percepção dele sim e também a minha percepção de como os outros olhavam a ele. Então por exemplo, se eu começo a entender que eu preciso analisar um texto que fala sobre homens tendo relação com homens, escrito lá no Antigo Testamento, mas eu tenho que olhar aquele texto dentro de um contexto histórico e entender o que está acontecendo naquele momento e porque que aquilo está sendo dito. Isso muda a forma como eu entendo Deus e tira um pouco aquela carga de que Deus é contra mim. Então sim, eu mudei a minha forma de ver Deus, mas continuo vendo Deus como amoroso e bom, eu via antes, só que antes era um Deus amoroso e bom, mas não podia isso, eu via que Deus não era amoral ou sem moral, Deus tinha padrões de moral, mas aquilo que eu estava querendo viver não ia contra o padrão de moral de Deus. Então não é que eu descobri Deus como uma pessoa sem padrão, mas aquilo que eu desejava que fosse um relacionamento com outro homem, eu sendo homem, não ia contra a moral de Deus. (C7 – Miguel, 39 anos)

Para Mateus não foi necessário mudança de percepção sobre Deus. Mateus considera que sempre enxergou Deus como amoroso e bondoso, embora fosse praticante na igreja sempre percebeu disparidade da sua percepção para com a da igreja:

Sempre enxerguei que Deus era diferente do que a igreja pregava porque eu tive algumas experiências religiosas e eu vi que tudo depende de quem está a frente da igreja, o pensamento de quem está na frente da igreja. E a gente consegue perceber isso passando por religiões. Eu já frequentei a igreja católica, já frequentei a igreja batista e já fui a algumas outras igrejas também e a gente vê que cada uma tem um ponto de vista e um posicionamento, mas Deus é um só. Então eu acredito que ele tem uma visão, um posicionamento e que não necessariamente as igrejas e as religiões seguem aquilo que ele realmente prega ou que ele realmente diz. (C1 – Mateus, 30 anos)

As ressignificações se mostraram o rompimento com a homofobia praticada pela sociedade, por amigos e por familiares, como também a homofobia internalizada. Além de perceber a ressignificação da relação com a igreja e também sobre Deus e principalmente a ressignificação das relações familiares a partir da vivência homossexual, especialmente para aqueles que estabeleceram barreiras com suas famílias. Então, ressignificar a vida e receber apoio da rede para elaborar a realidade se

mostraram fundamentais para a vivência na perspectiva emocional, e reconhecendo e considerado seus recursos e estratégias.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste momento os resultados serão apresentados a partir de um diálogo com a literatura e as três estruturas possíveis da vivência gay com prática religiosa e as constituintes essenciais comuns a todas as estruturas identificadas, a fim de perceber o que a literatura revela a cerca destas vivências. Para complementar a compressão, de forma mais didática, acerca das constituintes e posteriormente o diálogo das mesmas com a literatura, construiu-se a Figura 1 que retrata a relação entre as constituintes essenciais da vivência gay com prática religiosa.

A figura auxilia na compreensão geral dos resultados verificando que temos o campo do sofrimento (cor azul), o campo do *insight* (cor laranja) e o campo do movimento de libertação (cor lilás). Os campos se relacionam, onde são estabelecidas zonas de fronteiras.

Dentro do campo do sofrimento temos as constituintes: Vivência de sofrimento desencadeado por crenças religiosas; Vivências familiares e a homossexualidade; e Ser gay e a homossexualidade. As constituintes desse campo apresentam uma forte interação a todo momento e são influenciadas mutuamente. A constituinte vivência de sofrimento desencadeado por crenças religiosas têm relação direta com as constituintes do campo do *insight*, principalmente com a constituinte percepção e vivência do conflito interno.

O campo de movimento de libertação agrega as constituintes: Tornando-se livre: estratégias percebidas e Ressignificação. Esse campo é possível pela constituição do campo do sofrimento e do *insight*, e embora as estratégias sejam agregadas nas vidas dos colaboradores a elaboração do conflito se dá por concreta com a ressignificação de toda a vivência, considerando então como “etapa final”. Porém, não se compreende as vivências como sequência organizada.

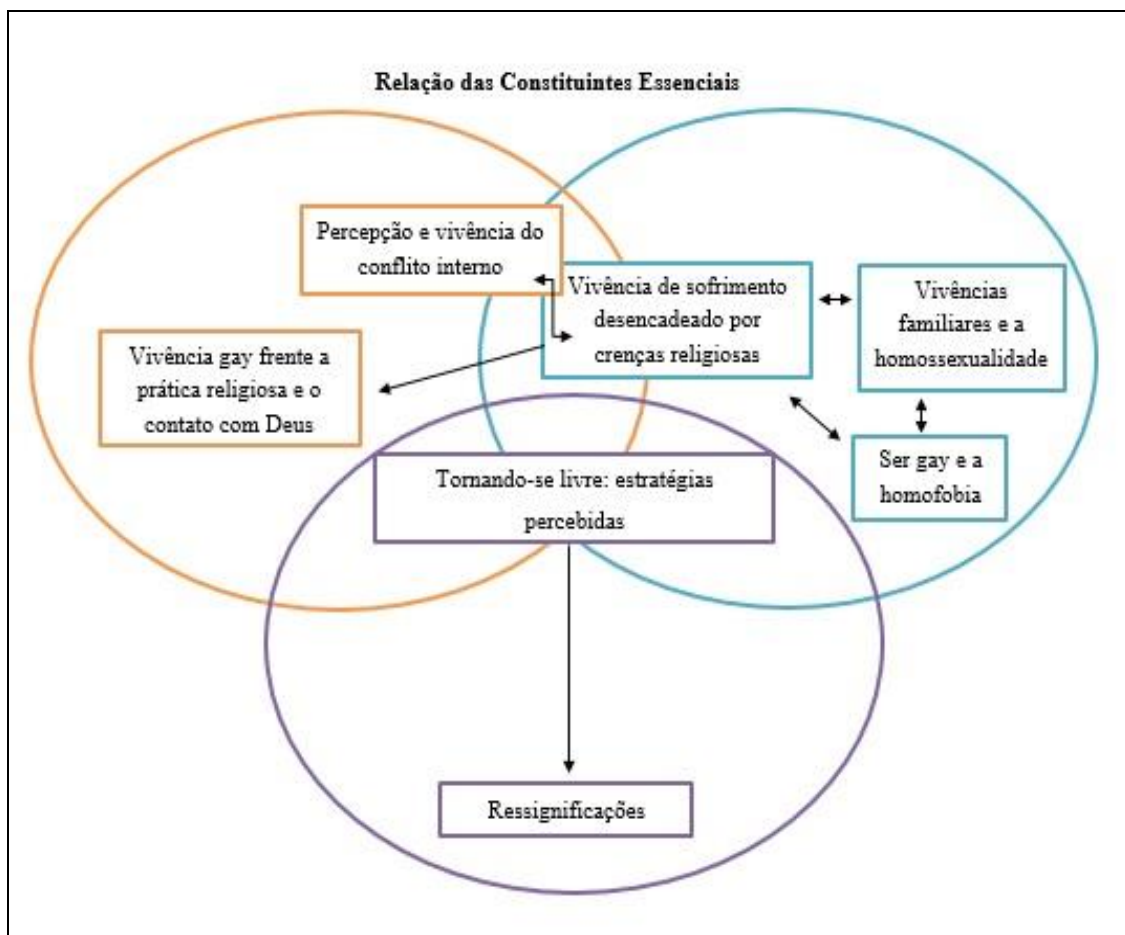


Figura 1 - Relações das Constituintes Essenciais

Figura construída pela pesquisadora.

Diálogo com a literatura

A vivência do conflito entre a orientação sexual e a prática religiosa se mostrou uma experiência fundamental na construção da identidade sexual e na história de vida dos colaboradores, sendo decisiva em diversos aspectos da subjetividade, para alguns com ênfase na religiosidade e espiritualidade, ou no âmbito familiar, social e também no meio profissional. Destacando que o conflito não foi apagado das vidas dessas pessoas ao serem enfrentados, foram ressignificados, promovendo uma subjetividade rica e resiliente.

O conflito desencadeado por crenças religiosas perpassou a infância, a adolescência, e chegou até a fase adulta, onde foram esgotados os recursos emocionais, mentais e físicos para reprimir e negar a vida homossexual. A ressignificação se mostrou possível, e os momentos, sentimentos e emoções de cada uma dessas fases foram tomando novas formas que agora proporcionam bem-estar. Estas considerações

corroboram com a teoria de Erick Erikson, exemplificada nos capítulos iniciais desta pesquisa.

Percebe-se com nitidez os dilemas formulados por Erikson, Identidade X Confusão de identidade vivido pelos colaboradores na fase da adolescência e Intimidade X Isolamento vivido na vida adulta, como, por exemplo, a constituição do casamento heterossexual de Mateus e Lucas, remetendo ao primeiro dilema, e em relação ao segundo dilema o isolamento social de Levi e isolamento afetivo e amoroso de Miguel. Todos os colaboradores em dado momento do conflito se viram retidos e sem saída, ocasionando inclusive mais tempo do que o esperado para a elaboração, fenômeno descrito também por Erickson quando os fatores desfavoráveis a elaboração estão presentes, neste caso, a prática religiosa.

Diversos autores (CERQUEIRA-SANTOS et al., 2017; ANTUNES, 2016; BESSON, 2015; GIBBS e GOLDBACH, 2015; MELADZE E BROWN, 2015; BUSIN, 2008; GHORAYEB, 2007) concordam com a influência negativa da religião sobre a autoaceitação, a revelação da orientação sexual e a forte tendência a maiores níveis de homofobia internalizada. O estudo de Silva (2016) revela a ocultação da orientação sexual dentro do ambiente religioso por homossexuais por receio de situações homofóbicas, comportamento também adotado por Mateus, Pedro, Enrique, Lucas, Miguel e Levi. Já Gabriel, livremente tratou o assunto com a instituição que frequentava para que juntamente com a igreja pudesse utilizar de todos os recursos para a cura.

Ainda assim, os colaboradores vivenciaram de forma indireta a homofobia no meio religioso, também identificada na pesquisa de Silva (2016). A opressão exercida pelas igrejas sobre os homossexuais justifica o movimento de migração de religião para Pedro que se identifica como ateu e Enrique e Gabriel que se consideram agnósticos.

A homofobia indireta vivida também pode justificar a mudança de instituição religiosa para Lucas, Miguel e Levi, assim como a falta de filiação institucional de Mateus e Davi. E nesse achado, Deus (2014) concluiu em sua pesquisa que maior proporção de homens homossexuais não se filia a alguma instituição religiosa, considerando então que a postura homofóbica de igrejas não acolhedoras gera também afastamento de cristãos homossexuais. Já no estudo quantitativo de Mesquita (2017), a mudança de religião é um dos fatores perceptíveis quando ocorre a revelação da sexualidade.

Ghorayeb (2007), Ceará (2009) e Ribeiro e Scorsolini-Comin (2017) identificaram em suas pesquisas o individualismo religioso, que sugere uma negociação

e ou integração entre a identidade religiosa e homossexual. Significa afirmar que há uma seletividade de crenças e valores religiosos que serão seguidos e desapropriados aqueles que não representam os valores pessoais do homossexual, assim como uma releitura das crenças religiosas. Dessa maneira, podemos afirmar que a migração e o individualismo religioso apresentam pontos comuns e se complementam para alcançar a religiosidade esperada. É igualmente considerável afirmar, que o individualismo religioso também foi apresentado pelos participantes, podemos identificar, principalmente no discurso de Mateus, que acredita que não necessariamente a igreja apresenta Deus como ele realmente é e os valores que ele prega.

Além do mais, a migração de religião e o individualismo religioso sugerem *Ressignificações* da experiência religiosa e espiritual dos colaboradores, pois todos consideram terem atingido o bem-estar emocional, maior expressão da vida humana, sensação de liberdade enquanto pessoa e maior compreensão de si mesmo e do próprio corpo, e superação do julgamento de anormalidade. Os colaboradores Mateus, Enrique, Davi, Lucas, Miguel e Levi também percebem maior compreensão da espiritualidade e conhecimento do seu eu. Acredita-se que uma das ressignificações mais marcantes que emergiu, foi a mudança de percepção sobre Deus, não pela frequência, afinal somente Davi, Lucas, Miguel e Levi a realizaram, mas a importância atribuída por esses colaboradores. Para esses quatro somente após a ressignificação sobre Deus que o conflito religioso foi se transformando em uma forma harmônica entre a espiritualidade e homossexualidade, eliminando a ideia de pecado. Ghorayeb (2007) percebeu que homossexuais possuem uma visão transcendental de Deus, diferentemente de heterossexuais que possuem uma percepção mais dogmática. A partir de Pinto (2009) considera-se que esses colaboradores atingiram maior nível de espiritualidade, o que sugere uma diferença significativa quando comparada a religião, pois mostrou uma maior reflexão e aprofundamento da pessoa humana.

As ressignificações também foram encontradas por Silva (2016). Entretanto, nesta mesma pesquisa um dado se opõe aos achados do presente estudo, o autor afirma que foi a tomada de consciência que iniciou a busca por novas expressões da religiosidade, o que difere em parte das vivências dos colaboradores, que somente iniciaram suas buscas por outras expressões após exaustão emocional, mental e físico, e esgotados os recursos para manter uma vida heterossexual.

Busin (2008) ao falar das ressignificações identificadas na sua pesquisa trouxe a palavra “resistência”, pois mesmo diante do sofrimento, desgaste e a discriminação,

homossexuais encontram respostas para esse meio, não somente no intuito de reagir, mas na direção de transformar a sociedade e a si mesmo, sua subjetividade.

A ressignificação representa o bem-estar espiritual e religioso, mas também sexual. Os sentimentos acerca da sexualidade e afetividade também tomaram novas perspectivas. Acreditando na superação ou diminuição, dessa maneira, dos níveis de homofobia internalizada. Não foi aplicado nenhum instrumento para verificação dos níveis de homofobia internalizada nos colaboradores, entretanto os discursos dos mesmos a partir de uma interpretação psicológica sugerem essa vivência, convergindo com a literatura.

A literatura traz um dado bastante interessante a respeito da homofobia internalizada. Campos (2015) encontrou associação entre a resiliência e a religiosidade, na qual homossexuais com práticas religiosas apresentam maior resiliência, e explicou que essa ocorrência é devido a maior probabilidade de os mesmos terem homofobia internalizada e conseqüentemente maior desgaste emocional ao passar por situações estressantes, assim maior resistência. O raciocínio de Campos converge com as vivências dos colaboradores, afinal todos colecionaram diversas situações dolorosas dentro das instituições religiosas e ainda assim se mostraram resilientes as mesmas, como por exemplo, o relato de Lucas que por 12 anos teve forças (e aqui podemos dizer, resiliência) para manter um relacionamento heterossexual e ao mesmo tempo participava de todas as atividades da igreja com a ilusão de se tornar heterossexual.

A homofobia internalizada traz um aspecto bastante recorrente nos resultados, a repressão sexual e a negação da homossexualidade. Ambos têm forte relação também com a prática religiosa, afinal esses homossexuais vivem constantemente a repressão externa também. Para Besson (2015) a prática religiosa exerce grande repressão sobre desejos homossexuais e que homossexuais com essa prática levam mais tempo para alcançar a autoaceitação do que os homossexuais sem prática religiosa. Essa constatação de Besson também pode ser percebida nesta pesquisa, visto que todos os colaboradores somente se aceitaram na fase adulta, Miguel inclusive somente alcançou após os 30 anos de idade. Silva (2016) identificou a repressão sexual como recorrente em seu estudo.

Na constituinte *Percepção e vivência do conflito interno*, é latente a presença da repressão e do mecanismo de defesa negação, altamente difundido e estudado pela psicanálise e aceito pela psicologia. Porém compreende-se que exercer a repressão sexual não demanda somente das próprias exigências, mas principalmente das

exigências externas. Como é o exemplo de Pedro que passou a ter raiva da homossexualidade após uma conversa com o pai ainda quando criança.

Neste aspecto, convém trazer o achado de Busin (2008) que concluiu que as instituições religiosas utilizam as famílias como multiplicadoras da crença religiosa, e considera que isto configura dupla dificuldade para os homossexuais.

Crescer dentro de um lar religioso e perceber o discurso homofóbico também em suas famílias foi doloroso para Enrique, Davi e Miguel. Onde sentem também a falta de apoio e uma ambivalência de sentimentos. Para Campos (2015) a família pode agir de forma mista e a falta de apoio corresponde a uma prática homofóbica que está intimamente relacionada à religião praticada pela família.

Ales Bello (2006) considera que família é uma comunidade que compartilha laços afetivos e psíquicos além do laço consanguíneo, diferentemente de uma sociedade que está agregada por uma finalidade comum. Entretanto, a sociedade enquanto constituinte do meio social das famílias tem um papel fundamental na formação destas, logo a cultura da sociedade pode influenciar significativamente a cultura das comunidades familiares e, por isso, as famílias podem se posicionar de forma antagônica frente à homossexualidade, considerando a cultura heteronormativa e questões morais.

Antunes (2016) e Perucchi et al. (2014) percebem que o tema da homossexualidade se configura um tabu para as famílias de homossexuais, ignorando a sexualidade dos mesmos. No presente estudo também podemos encontrar esse fenômeno, após revelar aos pais sua sexualidade, Miguel sentiu a necessidade de não tocar mais na temática. Já para Pedro, Levi e Gabriel o assunto não é discutido. Logo, identificamos que a presença da homofobia intrafamiliar nas vivências dos colaboradores da pesquisa. Somente Mateus e Enrique têm diálogo aberto com suas mães.

Portanto, a opressão exercida pela igreja e intensificada pelas famílias reforça a repressão sexual que homossexuais exercem sobre si. Ales Bello (2006; 2015) identifica esse fenômeno como contágio psíquico dito por Edith Stein, que seria a influência psíquica sobre algo, logo a desenvoltura da homofobia intrafamiliar e abstraído por homossexuais. Entretanto, gerenciar a sexualidade resguardada, maquiada e em segredo é profundamente desgastante e desenvolve consequências emocionais e psíquicas significativas, como instabilidade emocional, depressão, e maior risco de suicídio (BUSIN, 2008).

Os próprios colaboradores identificaram a instabilidade emocional. Miguel afirmou que dado momento “não se sentia estabilizado enquanto pessoa”; Gabriel se assustou com a ideia suicida que teve; e Lucas percebeu seu estado depressivo quando estava casado com sua ex-esposa.

Além desses aspectos da saúde mental, as narrativas são carregadas de vergonha, sentimento de culpa, indigno e impuro, ideias de pecado, medo recorrente de cair em possessão ou de estar endemoniado. O cunho religioso é claro e são sentimentos percebidos desde a pré-adolescência, Busin (2008) também percebe esses sentimentos e a precocidade dos mesmos. Já Ghorayeb (2012) afirma que o sentimento de vergonha é um fator de risco para a saúde mental de adolescentes.

O preconceito de homofobia atravessou todas as narrativas de forma significativa, alcançando a família, a sociedade, a comunidade religiosa e o homossexual em si. Sugerindo ser o principal aspecto que torna a vivência homossexual dolorosa. Entretanto, os colaboradores identificam estratégias que possibilitam a ressignificação do conflito, e que em palavras próprias dos colaboradores trouxe o real significado de ser livre.

De maneira geral, acredita-se que o individualismo religioso, a migração religiosa, e a mudança de percepção sobre Deus funcionaram como estratégias para os colaboradores. Os mesmos não as identificaram expressamente, porém na análise corrobora-se essa afirmação, principalmente considerando as discussões aqui realizadas.

O conhecimento e autoconhecimento surgiram de forma expressiva nas entrevistas, cada colaborador o representou de forma muito particular. O conhecimento seja através de pesquisas, estudos ou do contato com outras pessoas se mostrou um alívio para colaboradores e também uma nova percepção daquilo que foi encontrado. Percebemos com bastante nitidez essa perspectiva na vivência de Miguel que após realizar estudos bíblicos, se sentiu mais tranquilo com sua homossexualidade. Antunes (2016) concluiu em sua pesquisa que quanto maior for a educação do homossexual, mais fora do armário e menor é o nível de homofobia internalizada.

Embora, nenhum dos colaboradores tenha mencionado a procura por psicoterapia ou ajuda profissional e também não foram questionados sobre, é indispensável abordar que o autoconhecimento é um dos objetivos na psicoterapia. Enxergar a si mesmo e dar-se conta dos próprios sentimentos, emoções, comportamentos, potencialidade e limites possibilita tomar consciência do próprio eu.

Processo realizado pelos colaboradores ao reconhecer o esgotamento emocional e a possibilidade de viver a homossexualidade sem culpa.

Cordioli (2008) traz em seu livro sobre “Psicoterapias”, o *insight* como um dos fatores e agentes de mudança dentro da psicoterapia. Compreende-se que os colaboradores da pesquisa atingiram ao longo de suas vidas e na entrevista o *insight*, um dos principais instrumentos dentro da clínica psicanalítica, que remete exatamente a tomada de consciência de determinado sintoma, situação, fato ou conclusão. Entretanto, o autor afirma que o *insight* é chamado verdadeiro quando essa tomada de consciência proporciona a elaboração do conflito, problema ou sintoma, quando não, é chamado de *insight* intelectual.

Desse modo, acredita-se que parte dos colaboradores alcançaram primeiramente o *insight* intelectual, para então poder chegar ao *insight* verdadeiro. Isso se dá, muitas vezes, pela dificuldade de aceitar tal realidade. Atingir o *insight* dentro do processo terapêutico é algo doloroso, trabalhoso e demanda tempo (CORDIOLI, 2008), logo, mais uma hipótese para o longo período de autoaceitação dos colaboradores, visto que uma demora já é previsto no processo terapêutico e nenhum dos colaboradores teve ajuda profissional.

Gabriel, por exemplo, necessitou participar de vários cursos de libertação, aconselhamento com seus líderes devido à homossexualidade. Decidiu entrar para uma companhia de teatro gospel na tentativa de estar longe de casa, pois, acreditava que sua homossexualidade tinha total relação com sua família para então ter *insight* de que reprimir sua sexualidade estava ocasionado mais sofrimento do que imaginava.

Silva (2016) identificou nos participantes de seu estudo um movimento de autenticidade frente à sexualidade para se libertarem da opressão. Podemos também relacionar esse movimento de autenticidade percebida por Silva com o *insight*, pois se trata de entrar em contato com o eu verdadeiro para si mesmo, portanto o processo de *insight* configura autenticidade do *self*, do próprio eu. Assim há com a literatura e a afirmação dos colaboradores ao reconhecer o autoconhecimento como uma estratégia.

Também se encontra na literatura referências ao autoconhecimento despertado pelo contato com iguais e semelhantes. Forghieri (2002) considera que conhecer o outro e o mundo é conhecer a si mesmo e podemos complementar através de Ales Bello (2006) que aponta que a entropatia desenvolve o contato com o mundo intersubjetivo e que naturalmente ajuda o desenvolvimento pessoal nos aspectos culturais e espirituais. Aborda que a consciência está sempre relacionada a algo ou alguém. Na atividade

psíquica há motivos baseados em estímulos psicofísicos e de modo racional pelo qual os colaboradores se dirigem para algo ou alguém de modo ativo ou por impulso, desse modo a pessoa tem a liberdade da tomada de decisão de aceitação ou negação. Ales Bello (2016) menciona a tomada de decisão, como *Fiat*, que são atividades da dimensão espiritual, nível superior, que já iniciam na percepção de algo. O homem tem maior facilidade de dar-se conta quando este algo está em relação com o outro, possibilitando enxergar a si mesmo de modo mais complexo. Os colaboradores mostram reflexões sobre si fundadas em suas experiências prévias, o que Ales Bello nomeia de síntese passiva. Isso influencia na tomada de decisão deles o que pensar, crer e sentir. Claro que aqui podemos relacionar que a percepção como registro consciente que pode acontecer, como por exemplo no nível psicofísico os dados sensíveis do próprio corpo, no nível intelectual ou cognitivo o que se percebe nesta experiência.

Assim a consciência estimula a reflexão de determinada temática em questão, no caso a sexualidade e religiosidade, posteriormente elaboração da problemática. Carneiro (2006) concluiu em sua tese que homossexuais que tinham vínculo com associações LGBTI+ demonstravam maior identificação com a própria sexualidade. Portanto, o contato com o outro proporciona tanto a consciência como também a melhor relação com a própria sexualidade.

Percebemos exatamente essa relação nos colaboradores Pedro, Levi e Lucas que precisam do outro para reconhecer a si mesmo e aceitar-se. Levi afirma que sua principal estratégia fora encontrar alguém com o “mesmo sentimento” (sofrer por ser homossexual e religioso); Pedro identifica a necessidade de conhecer outros homossexuais e se envolver para perceber que não havia nada de mais em ser homossexual; já Lucas também identificou o envolvimento amoroso com um igual como fundamental para sua aceitação.

Os colaboradores identificaram também uma rede de apoio composta por apoio de familiares, de amigos e apoio religioso e espiritual. Para Silva (2016) o homossexual busca por acolhimento e aceitação, portanto o acolhimento e aceitação serão enxergados aqui como suporte.

Os achados do estudo de Mesquita (2017) sugerem que o apoio social se comporta como fatores protetivos e colabora na diminuição da homofobia internalizada. O autor ainda afirma que o apoio social pode contribuir na melhor vivência da própria religiosidade e espiritualidade dos homossexuais. Campos (2015) identifica ainda que o apoio social pode ainda atribuir afetos positivos aos homossexuais.

Mateus, Lucas, Levi e Miguel tiveram o apoio de cunho religioso. Mateus em momento de confusão procurou ajuda de uma amiga religiosa. Lucas, Levi e Miguel se sentiram acolhidos ao encontrar uma igreja inclusiva, e muito mais ao participarem do coral da igreja e também da liderança, Campos (2015) aponta que a religiosidade funciona como apoio social visto o caráter de pertencimento e coesão social, e Ribeiro e Scorsolini-Comin (2017) e Mesquita (2017) percebem em seus resultados que a igreja é um vínculo importante para os participantes.

Igualmente ao estudo de Mesquita (2017), para os colaboradores acima citados a postura homofóbica das igrejas cristãs não os afastou da religiosidade e espiritualidade, embora as mesmas tenham sido reforçadas e potencializadas ao se integrarem a igrejas acolhedoras e inclusivas. O estudo identificou a presença de oito estratégias utilizadas por homossexuais com prática religiosa, Mesquita (2017) chamou de Estratégias de integração religiosidade/espiritualidade e homossexualidade. As estratégias encontradas foram: saída do armário seletiva (seleção de locais para qual irá se revelar a homossexualidade); rede de apoio social; ativismo religioso (tentativa de transformar a igreja no movimento de dentro para fora); participação em igrejas inclusivas; práticas espirituais individuais (prática sem vínculo institucional); manutenção de uma das identidades - a identidade religiosa ou a homossexual (romper com a religião e viver a homossexualidade ou suprimir a homossexualidade e manter a religiosidade), negação (negar a homossexualidade e viver a heterossexualidade) e por último, mudança na percepção/foco (ressignificar as leituras teológicas e escuta seletiva, focar na visão de um Deus amoroso e acreditar na igreja como passível de falha).

Considerando o estudo de Mesquita (2017) podemos identificar que a presente pesquisa percebeu-se também a saída do armário seletiva; rede de apoio social; participação em igrejas inclusivas igualmente como para Lucas, Levi e Miguel; práticas espirituais individuais adotadas por Mateus; manutenção de uma das identidades - a identidade religiosa ou a homossexual, como o rompimento de Pedro, Enrique e Gabriel; e mudança na percepção/foco como o individualismo religioso e a mudança da percepção percebidas.

Somente o ativismo religioso não foi encontrado no nosso estudo. A negação fora identificada e utilizada por todos os participantes, entretanto, considera-se que a negação é uma ferramenta que acarreta consequências psíquicas significativas, logo não a nomeamos como estratégia de elaboração de conflito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos objetivos deste estudo, compreender as vivências de ser gay com prática religiosa e identificar as estratégias de enfrentamento para os conflitos de homossexuais que têm prática religiosa acredita-se que os mesmos foram alcançados e sanados frente às vivências dos colaboradores. Acredita-se também que nesse processo de coleta e análise de dados, a metodologia fenomenológica foi fundamental no auxílio para um olhar humanizado para com os homossexuais com práticas religiosas, que claramente possuem uma carga de sofrimento emocional em suas vivências e puderam perceber acolhimento e a aceitação de ser como é, assim como ter um espaço de escuta.

Conforme esperado a vivência dessas pessoas se inicia em meio de conflitos externos e principalmente internos permeada pela homofobia, se mostra de forma singular e significativamente subjetivada. Uma experiência de ser, viver e ressignificar constantemente que se enlaça pelo sentimento único de liberdade, proporcionado por uma verdadeira guerra interna e posteriormente familiar e religiosa.

Considera-se que a religiosidade e a espiritualidade se constituem na subjetividade dos homossexuais pelo valor que a mesma tem na vida de cada um. Para aqueles em que o valor deixa de ser percebido, a religiosidade é rompida e a espiritualidade é posta em dúvidas. E para os que atribuem um valor inestimável, juntamente a religiosidade e a espiritualidade se fortalecem e perpetuam por completo o sujeito, não se revelando como incompatíveis.

As igrejas inclusivas demonstram um importante papel para essas pessoas na manutenção da religiosidade e espiritualidade. Como também para a própria sociedade, pois essas igrejas sugerem a todos nós que a religião é para todos representando uma possibilidade de mudança, abertura e um diálogo saudável entre a homossexualidade e as instituições religiosas tornando as práticas possíveis e ressignificadas.

As estratégias se apresentaram igualmente singular, ainda que pudessem ser estabelecidos pontos comuns. Percebendo assim o individualismo religioso, a migração religiosa, a mudança de percepção sobre Deus, a rede de apoio; autoconhecimento e a busca pelo saber como estratégias para o processo de liberdade de homossexuais com prática religiosa.

Dessa maneira, conclui-se que as estratégias fazem parte do processo de liberdade que é complementado pelas ressignificações que os homossexuais concretizam de todas as suas vivências, ampliando-se como pessoa humana, gay e para

alguns como cristãos. E por final, infere que as ressignificações permitem que gays, possam aprender a lidar dia a dia com a homofobia assumindo uma postura harmoniosa, coerente, saudável e sólida.

As considerações obtidas neste estudo não são estáticas ou conclusivas, são apenas uma iniciativa de diálogo entre a homossexualidade e a religião, visando o bem comum, a valorização da pessoa humana, do homossexual e da religiosidade e espiritualidade na subjetividade humana. Elas também visam contribuir no aporte teórico - científico de práticas dos profissionais da saúde mental no manejo clínico e na orientação da pessoa gay e cristã.

REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, A.. **Introdução à Fenomenologia**. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- ALES BELLO, A.. **Pessoa e Comunidade**: comentários: psicologia e ciência do espírito de Edith Stein. Trad. Ir. Miguel Mahfoud e Jacinta Turolo Garcia. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.
- AMATUZZI, M. M.. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estud. psicol.** (Campinas) [online], vol. 26, n.1, pp. 93-100, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>. Acesso em: 09 de julho e 2017.
- AMATUZZI, M.M.. Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. In: BRUNS, M. A. T. e HOLANDA, A. **Psicologia e Fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas, SP: Editora Línea, 2011.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento et al.. Revisão Tec. Aristides Volpato Cordioli, et al.. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A. F.. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, vol. 27, n. 2, p. 259-268, abril - junho 2010.
- ANTUNES, P. P. S.. **Homofobia Internalizada**: o preconceito contra si mesmo. 2016. 433f. Tese (Doutorado). Programa de Pós graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2016.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. Suicídio: informando para prevenir. **Comissão de Estudos e Prevenção de Suicídio**. Brasília: CFM / ABP, 2014.
- BEE, H.A **criança em desenvolvimento**. trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 9. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BELO, P. K. S. Relatos sobre a autopercepção do ser homossexual. In: XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades - CONAGES, 2016, Campina Grande, PB. **Anais [do] XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades – CONAGES**. V. 1, 2016. ISSN 2177-4781.
- BELO, P. K. S. et al. A percepção de gays sobre a apresentação da identidade homossexual. In: ROSA, K. D. et al. (Org). **Gênero e Sexualidade: interfaces e discursos** [Livro eletrônico]. Campina Grande: Realize Editora, 2017. 9700kb. – 937p.
- BENTO, L. M.; MATÃO, M. E. L. Homossexualidade: processo de revelação da sexualidade uma experiência homossexual. **Estudos**, Goiânia, vol. 39, n. 4, p. 507-521, 2012.
- BESSON, C. **Homossexuais católicos**: como sair do impasse. Trad. Nicolás Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. Guia de Prevenção das DST/Aids e Cidadania para homossexuais/Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids. – Brasília: **Ministério da Saúde**, 2002.

- BRUNS, M. A. T.. A redução Fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses da dicotomia subjetividade-objetividade. In: BRUNS, M. A. T. e HOLANDA, A. **Psicologia e Fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas, SP: Editora Línea, 2011.
- BUSIN, V. M.. **Homossexualidade, Religião e Gênero**: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas. 2008. 175f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008.
- CAMPBELL, J. **Isto és tu**: redimensionando a metáfora religiosa. São Paulo: Landy Editora. 2002.
- CAMPOS, L. S.. **O bem-estar de homossexuais**: associações com o apoio social familiar, resiliência, valores e religiosidade. 2015. 149f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito. 2015.
- CARNEIRO, N. F. M. S.. **Ser, Pertencer e Participar**: Construção da Identidade Homossexual, Redes de Apoio e Participação Comunitária. 2006. 375f. Tese (Doutorado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto). 2006. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56666/2/88022.pdf>
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M.. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- CEARÁ, A. T..**Saúde mental, identidade, qualidade de vida e religiosidade em homossexuais na maturidade e na velhice**. 2009. 109f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. 2009.
- CEARÁ, A. T.; DALGALARRONDO, P. Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice. **Revista psiquiatria clínica**, vol. 37, n. 3, p.118-123, 2010.
- CERQUEIRA-SANTOS, E..et al.. Homofobia Internalizada e Religiosidade entre Casais Homoafetivos. **Temas em Psicologia**, Vol. 25, n. 2, p.691-702, 2017. DOI: 10.9788/TP2017.2-15.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 001/99. Brasília: Autor. 1999.
- CORDIOLI, A. V. Org. **Psicoterapias**: abordagens atuais. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- CUNHA, R. B. B.; GOMES, R.. Os jovens homossexuais masculinos e sua saúde: uma revisão sistemática. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, 2014. DOI: 10.1590/1807-57622014.0089
- DALGALARRONDO, P.. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**.2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008a.
- DALGALARRONDO, P.. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008b.

DEUS, L. F. A.. **Contextos de revelação da orientação sexual: no final do arco-íris tem um pote de ouro?**. 2014. 129f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. 2014.

ESPÍNDULA, J. A.. **O significado da religiosidade para pacientes com câncer e para profissionais de saúde**. 2009. 234f. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. 2009.

FLEURY, A. R. D.; TORRES, A. R. R.. Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais. **Estudos de Psicologia** – Campinas, vol. 24, n. 4, p. 475-486, out./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a07.pdf>. Acessado em: 07 de maio de 2017.

FOUCAULT, M. A **Vontade do Saber, em História da Sexualidade**. Vol. I. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learling. 2002.

GIBBS, J. J. e GOLDBACH, J.. Religious Conflict, Sexual Identity, and Suicidal Behaviors among LGBT Young Adults. **Archives of Suicide Research**. Vol.19, n. 4, 472-488, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13811118.2015.1004476>

GIL. A. C.. O projeto da pesquisa fenomenológica. In: Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 4, 2010, Rio Claro, SP. **Anais [do] IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**. Verilda Speridião Kluth, Tadeu dos Santos, organizadores. - São Paulo: [s.n.], 2010 658 p. : il.

GIORGI, A.; SOUSA, D. **Método fenomenológico de investigação em Psicologia**. Lisboa: Fim de século, 2010.

GHORAYEB, D. B.. **Homossexualidades na adolescência: aspectos de saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial**. 2012. 147f. Tese (Doutorado). Programa de Pós graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2012.

GHORAYEB, D. B.. **Saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial nas homossexualidades**. 2007. 214 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2007

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. Trad. Marcel Aristides Ferrada Silva. Revisão técnica: Fernando Luis González Rey. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GRAÇAS, E. M.. Pesquisa qualitativa e a perspectiva fenomenológica: fundamentos que norteiam sua trajetória. **Rev. Min. Enf.**, vol.4, n ½, p. 28-33, jan./dez., 2000.

HOLANDA, A. F.. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica**, vol. 3, n 24, p. 363-372, 2006.

HOLANDA, A. F.. Pesquisa Fenomenologia e Psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, M. A. T. e HOLANDA, A. **Psicologia e Fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas, SP: Editora Línea, 2011.

HOLANDA, A. F.. **Fenomenologia e Humanismo: reflexões necessárias**. Curitiba: Juruá, 2014.

- JESUS, J. G.. O conceito de heterocentrismo: um conjunto de crenças enviesadas e sua permanência. **Psico-USF** [online], vol.18, n.3, p.363-372, set./dez. 2013. ISSN 2175-3563. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712013000300003>.
- KERN, F. A.; SILVA, A. L.. A homossexualidade de frente para o espelho. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, vol. 40, n. 4, p. 508-515, out./dez. 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4939/4938>. Acesso em: 15 de maio de 2017.
- LACERDA, M. et al.. Um Estudo sobre as Formas de Preconceito contra Homossexuais na Perspectiva das Representações Sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 2002, vol.15, n. 1, pp. 165-178. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a18v15n1.pdf>. Acessado em 14 de maio de 2017.
- LEVOUNIS, P. et al.. Org. **O livro de casos clínicos GLBT**. Trad. Gabriela Wondracek Linck. Rev. Tec. Carmita H. N. Abdo. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- LÓPEZ SÁNCHEZ, F. **Homossexualidade e família: novas estruturas**. Trad. Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- MELADZE, P. e BROWN, J.. Religion, Sexuality, and Internalized Homonegativity: Confronting Cognitive Dissonance in the Abrahamic Religions. **Journal of Religion & Health**, 54, 1950–1962. 2015. DOI 10.1007/s10943-015-0018-5
- MESQUITA, F. M. D.. **A Experiência da Religiosidade/Espiritualidade em Lésbicas, Gays e Bissexuais da Cidade de Fortaleza-CE**. 2017. 89f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Fortaleza. 2017.
- NUNAN, A. et al.. O Preconceito Sexual Internalizado por Homossexuais Masculinos. **Interação Psicol.**, vol.14, n. 2, p. 255-262, 2010. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/12212/13925>. Acessado em: 13 de maio de 2017.
- OLIVEIRA, M. R.; JUNGES, J. R.. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. **Estudos Psicologia** (Natal) [online], vol.17, n.3, pp.469-476, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300016>.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997. vol.1.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diagnósticas**. Trad. Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artmed, 1993.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório sobre a saúde no mundo 2001: Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. 2001. Disponível em: <http://www.abebe.org.br/wp-content/uploads/oms2001.pdf>. Acesso em 30 de julho de 2017.
- PAIXÃO NETTO, J.; MACHADO, A. A. **Dicionário Teológico Enciclopédico**. São Paulo: Loyola, 2003.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. Trad: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi et al.. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEREIRA, B. et al.. Consumo entre gays: compreendendo a construção da identidade homossexual através do consumo. **Caderno EBAPE. BR**, vol.4, n.2, p. 01-16, 2006. ISSN 1679-3951.

PEREIRA, C. R. et al.. Preconceito Contra Homossexuais e Representações Sociais da Homossexualidade em Seminaristas Católicos e Evangélicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 27 n. 1, pp. 73-82, Jan-Mar 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v27n1/a10v27n1.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2017.

PEREIRA, H.; LEAL, I. P..A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. **Análise Psicológica**, vol.20, n. 1, p. 107-113, 2002.

PEREIRA, H.; LEAL, I. P.. Medindo a homofobia internalizada: A validação de um instrumento. **Análise Psicológica** [online], vol.23, n.3, pp.323-328, 2005a. Disponível em:<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/191/1/AP%2023%283%29%20323-328.pdf>. Acessado em 21 de maio de 2017.

PEREIRA, H.; LEAL, I. P..A Identidade (homo)sexual e os seus determinantes: Implicações para a Saúde. **Análise Psicológica** [online], vol.23, n. 3, p.315-322, 2005b. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v23n3/v23n3a09.pdf>. Acessado em: 05 de maio de 2017.

PERUCCHI, J. et al.. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, vol. 19, n. 1, p. 67-76, jan./mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v19n1/09.pdf>. Acessado em: 07 de maio de 2017.

PINTO, E. B.. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **Revista de Estudos da Religião**, dezembro, pp. 68-83, 2009. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/index.html. Acessado em: 28 de agosto de 2017.

RANIERI, L. P. e BARREIRA, C. R.A.. A entrevista fenomenológica. In: Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 4, 2010, Rio Claro, SP. **Anais** [do] IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. Verilda Speridião Kluth, Tadeu dos Santos, organizadores. - São Paulo: [s.n.], 2010 658 p. : il.

RIBEIRO, L. M. e SCORSOLINI-COMIN, F.. Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. **Psicologia & Sociedade**, vol. 29, e162267. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i162267>

RODRIGUES, M. A.; CARMO, M.. A configuração do significado de família para homossexuais: um estudo fenomenológico. **Rev. abordagem gestalt.** [online], , vol.19, n.1, p. 12-20, 2013. ISSN 1809-6867.

SANTOS, I.A.. **Narrativas de um adolescente homoerótico: conflitos do ‘eu’ na rede de relações sociais da infância à adolescência**. 2008. Dissertação (Mestrado). Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0610578_08_Indice.html. Acesso em: 27 de agosto de 2017.

SILVA, C. G. et al.. Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. **Interface: Botucatu**, vol. 17, n. 44, p. 103-117, 2013.

SILVA, M. L. A. et al. O homossexualismo: a descoberta do ser. **Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde**: Aracaju, vol. 1,n.16,p. 27-36, 2013. ISSN 2316-3151.

SILVA, L. V. **A influência da espiritualidade/religiosidade na subjetividade de jovens homossexuais**: uma proposta de compreensão fenomenológica. 2016. 124f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2016.

VICTA, A. G. L. B.; PASSOS, E. C. S.. Homossexualidade e Violência: Revisão de Literatura. In: **VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura**. 2012. Salvador – BA. **Anais**, realizado em Salvador/BA, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) pela pesquisadora Paôla Belo, do Programa de Pós-graduação de Ciências da Saúde (PROCISA), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), sob a orientação da professora Dr^a Joelma Ana G. Espíndula, para participar do projeto “**guarda-chuva**” intitulado: “**Estudos em saúde mental de usuário, família, profissional e trabalhador na rede psicossocial na instituição e na comunidade urbana e rural: um olhar da Psicologia**”. O objetivo geral analisar as práticas de cuidado na saúde mental dos usuários, familiares, profissionais e trabalhadores nos diversos eixos temáticos em saúde e saúde mental, prevenção e promoção de saúde em diferentes instituições e comunidades, Boa Vista- Roraima, visando uma reflexão sobre a prática dos profissionais nesses diversos contextos, nas diferentes fases do desenvolvimento humano na Amazônia Setentrional. Este projeto é vinculado ao sub-projeto intitulado: “**Saúde Mental e Estratégias Psicossociais para conflitos de Identidade Homossexual e Religiosa: um olhar fenomenológico**”, o qual tem como objetivo compreender as vivências de conflito identitário e as estratégias/recursos de enfrentamento de homossexuais religiosos. Para a realização da pesquisa será feita entrevista individual semiestruturada. A colaboração na pesquisa, poderá apresentar benefícios como melhor compreensão e elaboração do conflito vivido, alívio de tensões sociais, emocionais e psicológica, além de contribuir com a comunidade científica, profissionais de saúde que trabalham com esse público, homossexuais em geral e seus familiares. O possível risco possível são danos psicológicos e sociais (intensificar o conflito vivido ou reinstalar um conflito anteriormente elaborado; prejudicar a saúde mental e qualidade de vida e segregar o colaborador de possíveis convívios sociais, religiosos, familiares e amigos) aos colaboradores, pois no momento da entrevista podem revivenciar sentimentos e conflitos através da fala, caso ocorra tal situação o participante será encaminhado para acolhimento psicológico do Serviço de atendimento psicológico (SAP) da UFRR. A qualquer momento poderá se recusar a participar do estudo, e tendo a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo, sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto. Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFRR): Av. Cap. Ene Garcez, 2413 - Aeroporto (Campus do Paricarana), Bl. da PRPPG. Fone: (95) 3621-3112 R: 26.

Eu, _____, declaro estar ciente do anteriormente exposto e concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do participante da pesquisa _____

Eu, _____, declaro que forneci todas as informações referentes a pesquisa ao participante, de forma apropriada e voluntária.

Assinatura do pesquisador _____

Boa Vista, RR _____ de _____ de _____.

Para fins de esclarecimentos, entrar em contato com os pesquisadores nos endereços abaixo relacionados:

Nome:	Paôla Kessy de Souza Belo		
Endereço:	Av. Capitão Ene Garcez, Nº2413 – Aeroporto. Departamento PROCISA- Sala: 32.	Cidade: Boa Vista	UF: RR
Fones:	(95) 99134-5329	e-mail: paolabelo.psi@gmail.com	
Nome:	Joelma Ana Gutiérrez Espíndula		
Endereço:	Av: Capitão Ene Garcez, Nº2413 – Aeroporto. Centro de Educação - CEDUC, Bloco I, sala 4.	Cidade: Boa Vista	UF: RR
Fones:	(95) 98104-5627 ou 36213103	e-mail: espindulajoelma@gmail.com	

APÊNDICE II - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Idade: _____

Origem: _____ Estado Civil: _____

Profissão: _____ Religião: _____

1. Como é a experiência de ser homossexual?
2. Como você poderia descrever suas vivências em comunidade? Na sociedade? Na família? Na prática religiosa?
3. Como é a experiência de ser homossexual e com prática religiosa?
4. A partir da sua vivência, como você lida/lidou com as dificuldades (conflitos) que surgem/surgiram no dia-a-dia como homossexual e praticante de uma religião?

APÊNDICE III -TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTADO MIGUEL (C7)

P. Bom, para você como é a experiência de ser homossexual?

C7 - Como é a experiência de ser homossexual... (Pausa) Essa pergunta é tão guarda-chuva que é difícil de localizar. Tá bom, deixa eu pensar. A experiência de ser homossexual... Quando você pergunta isso, você localiza por exemplo... Porque eu não sei as outras perguntas o que virá.

P. Essa é uma forma mais generalizada pra gente poder iniciar.

C7 - Tá bom. Mas é pra poder falar a partir do passado ou é um sentimento presente?

P. Você pode falar dos dois, envolvendo os dois.

C7 - Tá bom. Hoje eu acho que as coisas estão um pouco mais assentadas e com facilidades na minha mente. Mas não foi fácil, não foi... (pausa) Eu posso olhar? Que aí eu não esqueço (Se referindo ao Roteiro de Entrevista).

P. Claro.

C7 - Deixa eu pensar aqui... (Pausa de 10s)

P. Você disse que foi difícil pra você?

C7 - Sim... Eu estou tentando localizar a pergunta e ter certeza que eu não vou entrar em outra pergunta.

P. Se você entrar não tem problema.

C7 - Tá bom então. No início eu acho que foi muito difícil tanto que eu me assumi como homossexual, como gay relativamente recente, eu tenho quase 40 anos e isso foi há 4 anos atrás, um pouco menos de 4 anos atrás, então não foi uma coisa fácil. Foi um processo muito demorado e muitos momentos não foi inclusive concreto emocionalmente pra mim, eu demorei até perceber o que é que eu sentia, acho que eu bloqueie dentro de mim mesmo os meus sentimentos porque eu não conseguia lidar com aquilo. Então pouco menos de 4 anos atrás ou 3 anos e meio eu tive uma certa vivência, uma certa experiência com Deus que me abriu uma nova possibilidade pra um relacionamento homoafetivo e depois disso foi um processo que.. Às vezes eu raciocínio que seria normal lá na sua adolescência e eu fui fazer com 36 anos. Foi um processo de a possibilidade de um relacionamento que eu me impedi de ter por conta da minha crença e das expectativas familiares e sociais e do contexto que eu vivi, então eu impedi qualquer coisa e aí eu bloqueie e depois dessa experiência que eu tive, que eu penso de uma forma transcendental, eu me abri para possibilidades que foram desencadeando a ter um relacionamento, que durou uns 2 anos e meio, e expectativas que deram pra... um padrão de família, uma família que seria o que as pessoas sonham,

“Ah quero está com alguém, quem sabe ter uma criança” no caso por adoção a sociedade.

Então o início foi muito conturbado, bloqueado, teve uma ruptura e hoje ela é uma experiência de ser, de viver e ter essa interação do fato de eu ser gay, diferente de eu do que eu tinha na minha infância e juventude. Hoje a minha experiência como pessoa homoafetiva, gay tem alguns limitantes como por exemplo no meu trabalho eu não sou aberto, tem umas duas ou talvez três pessoas que saibam mas eu não sou aberto ou compartilho minha orientação sexual no meu trabalh. Existem limitações na minha vida, algumas delas talvez auto impostas mas seriam auto impostas para uma garantia de segurança e tentar diminuir certos sofrimentos que a gente já espera. Então eu não falo da minha orientação pra qualquer pessoa, eu não chego dizendo o que eu sinto, então ela tem barreiras e seriam barreiras que teriam a intenção de proteção.

Mas em alguns contexto, por exemplo entre meus amigos, eu sou muito bem aceito, a gente conversa sobre n assuntos inclusive orientação sexual e namoros com bastante liberdade. E no ambiente religioso, que talvez seja o foco, pela comunidade onde eu estou inserido, eu tenho muita liberdade, mas a comunidade que eu estou inserido hoje e não a comunidade religiosa que eu fui inserido quando criança ou na adolescência e juventude, teve esse impacto também.

E minha família, meu pais sabem da minha orientação sexual mas foi tão doloroso que eu optei por não falar pro meu irmão, minha cunhada e meus sobrinhos. Então eles moram longe, moram em outro estado, isso... Pra diminuir a dor eu decidi não falar.

P. Você contou para os seus pais?

C7 - Meu pais sofreram muito ao saber que eu sou gay. Como teve esse impacto que sofrimento, eu meio que decidi não... Eu acho que aguentaria contar pro meu irmão e ele ter uma reação parecida com a dos meus pais, mas meus pais criaram até como forma de mecanismo um tabu em cima do assunto. Isso foi há uns dois anos e meio atrás quando eu conversei com eles e praticamente virou um tabu, então quando eu percebi essa dor, esse sofrimento deles, esse não conseguir lidar com a situação, todas as expectativas que eles têm por conta da religião, especialmente pelo meu pai, meu pai é pastor não é pastor de profissão mas ele é professor universitário aposentado e ajuda como pastor na comunidade, então como isso foi muito difícil pra ele, eu dei por não falar pro meu irmão pra que ele (pai) não tenha gente questionando, imagino meu irmão falando com meu pai sobre mim e isso gerando mais dor e trazendo a memória, aquele sentimento ruim... Então como uma forma, já que meus pais criaram um tabu, eu meio que respeito esse tabu e deixo lá. Mas também não me privo de dizer que estou num relacionamento e que tenho expectativas, mas eu também não forço o assunto.

Então ali no familiar é complicado. No trabalho, profissionalmente, eu tenho barreiras, não sou aberto a todo mundo mas também não preciso ser porque é ambiente profissional. E com meus amigos em geral, alguns se afastaram depois como dizem eu saí do armário, quando eu me assumi eu percebi alguns amigos se afastarem um pouco,

alguns como eu já conheci o perfil deles eu também me afastei. E na igreja por seja uma igreja acolhedora, no sentido acolhe indistintamente de orientação sexual, eu sou bem acolhido naquela comunidade.

P. Na igreja que você frequenta hoje?

C7 - Isso.

P. Você respondeu maior parte da segunda pergunta que fala das tuas vivências em relação a comunidade, a sociedade, a tua família e também a prática religiosa. Teria alguma coisa que você gostaria de acrescentar em relação a segunda questão?

C7 - Tá, deixa eu olhar... (Pausa) Na prática religiosa eu poderia adicionar que como essa comunidade cristã é acolhedora e ela é acolhedora não só de falar, ela é na prática. Eu tenho uma vivência dentro daquela comunidade muito forte, eu ajudo, eu prego em dia de domingo no culto principal da igreja e naquela comunidade não existe distinção por eu ser gay ou por não ser gay e por exemplo, se eu for pregar no domingo eu nunca levantei em defesa “Porque que eu sou gay e estou pregando” nunca precisei fazer isso e não quero ter que fazer isso. Às vezes que eu preguei foi sobre a experiência de se viver sendo cristão na vida de hoje, independente se eu sou gay ou não.

P. E pra você como é a experiência de ser homossexual e ao mesmo tempo ter uma prática religiosa?

C7 - No início isso foi muito complicado na minha juventude, porque como adolescente ou jovem existe uma expectativa e as vezes não é nem escrito em lugar nenhum, mas existe uma tabuada, uma cartela, uma cartilha as vezes não verbal da forma como se deve e as vezes é muito notório, você sente a pressão do que é certo e do que é errado da expectativa da comunidade religiosa. Então na adolescência era muito errado sentir atração por outros homens e que isso não poderia acontecer, então foi muito lento a minha própria aceitação por conta da vivência religiosa naquela comunidade, era uma comunidade cristã, protestante, evangélica, pentecostal e isso marcou muito e fez com que eu demorasse muito para me assumir e me permitir ter uma vida, um relacionamento, uma vida sentimental e isso me fez muito mal.

Nessa questão da prática da vivência religiosa, eu lembro, talvez tenha sido uma das memórias marcantes da juventude nesse quesito, eu no pátio mais social da igreja com uma cantina, o lugar onde as pessoas se reuniam ou antes ou depois do culto, e o pastor presidente da igreja, uma igreja grande com possivelmente mais de mil membros na época, falar muito abertamente que certo cantor da banda da igreja não estava mais trabalhando ali, tinha ido para o acampamento da igreja, ele estava vivendo no acampamento da igreja pra ver se ele deixava de ser gay. E eu como adolescente aquilo marcou muito a minha percepção do que era sentir atração por outros homens como eu sentia e a expectativa da Comunidade em cima de mim, então eu empacotei qualquer sentimento que eu tivesse, qualquer possibilidade que eu tivesse de afeto e empacotei e tranquei. Então foi muito ruim porque dali veio depressão, ansiedade da qual eu tentei

viver e eu tentei imaginar minha vida sem relacionamento durante talvez mais de 20 anos e chegou um ponto que eu simplesmente estava completamente desestabilizado com pessoa, eu não tinha mais como ser uma pessoa inteira comigo mesmo e viver daquela forma.

Eu acho que entra uma história pra mim é muito relevante, mas eu acho que é muito relevante pra essa mudança na minha vida. Um dia há quatro anos atrás eu tive uma experiência transcendental com Deus na qual ele falou pra mim “Não tem problema, eu não tenho problema com isso” e aquilo abriu pra mim a possibilidade de buscar informação “Bora ver se a bíblia fala realmente alguma coisa contra”, não só a opinião dos outros mas o que eu consigo interpretar da bíblia e estudar da bíblia daqueles 5 ou 6 versículos porque a bíblia só tem 5 ou 6 versículos e a gente ver igrejas que gastam muito tempo falando contra a homossexualidade e aí eu comecei a pesquisar e cheguei à conclusão de que aquele alarde todo que as pessoas faziam era desproporcional com o número de versículos e com o conteúdo daqueles versículos e que os textos bíblicos deveriam ser interpretados de acordo com o contexto histórico daquela época e o que que eles queriam dizer, o que que as traduções queriam realmente indicar, porque que a tradução a 20 anos atrás não usava o termo gay ou homossexual, usavam outros termos que não tinham nada a ver e subitamente mudou o que aconteceu. Então isso mudou eu como gay, mudou minha relação com a minha prática religiosa e foi a partir daí que eu me abri para um relacionamento mesmo sendo cristão.

P. Você está dizendo que uma forma de ter conseguido superar isso foi o contato com Deus, uma resposta dele, e também através de estudar e entender melhor a bíblia, certo?

C7 - Sim, foi isso.

P. Você diria que teve mais alguma coisa que contribuiu pra você, além dessas duas coisas?

C7 - Sim. A igreja que eu frequentei por muitos anos aqui em Boa Vista depois que eu me mudei pra cá, eu moro em Boa Vista quase há 13 anos e essa igreja na época não dizia tão abertamente como diz hoje sobre a aceitação inclusive aos gays mas ela sempre foi muito acolhedora, ela tinha uma linguagem de aceitação e isso foi muito positivo o acolhimento daquela comunidade cristã, um acolhimento incondicional e isso possibilitou que eu chegasse naquele ponto de autodescoberta e de olhar o texto com outro olhar. Se não tivesse aquela vivência durante anos eu não teria conseguido mudar a minha forma de enxergar o meu relacionamento com Deus e a minha expectativa com Deus para que mudasse minha prática de vida.

P. Nossa entrevista está quase encerrando. Eu só gostaria de fazer mais uma pergunta, quando você diz que precisou mudar tua relação com Deus você está dizendo que precisou enxergá-lo diferente? O que você quer dizer com mudar a relação?

C7 - É... Eu acho que é isso que você disse. (Pausa) Porque Deus não mudou, eu não vejo que Deus tenha mudado na sua essência, mas a minha percepção dele sim e

também a minha percepção de como os outros olhavam a ele. Então por exemplo, se eu começo a entender que eu preciso analisar um texto que fala sobre homens tendo relação com homens escrito lá no antigo Testamento mas eu tenho que olhar aquele texto dentro de um contexto histórico e entender o que está acontecendo naquele momento e porque que aquilo está sendo dito, isso muda a forma como eu entendo Deus e tira um pouco aquela carga de que Deus é contra mim. Então sim, eu mudei a minha forma de ver Deus mas continuo vendo Deus como amoroso e bom, eu via antes, só que antes era um Deus amoroso e bom mas não podia isso, eu via que Deus não era amoral ou sem moral, Deus tinha padrões de moral mas aquilo eu estava querendo viver não ia contra o padrão de moral de Deus. Então não é que eu descobri Deus como uma pessoa sem padrão, mas aquilo que eu desejava que era um relacionamento com outro homem, eu sendo homem, não ia contra a moral de Deus.

P. Bom, nossa entrevista chegou ao final. Essa última pergunta você já respondeu, perguntei de outra forma. Eu agradeço muito por compartilhar a sua experiência.

APÊNDICE IV – QUADROS DE VARIAÇÕES EMPÍRICAS DAS
CONSTITUINTES

Quadro 06 - Variações empíricas da Constituinte - Percepção e vivência do conflito interno

Colaboradores	Variações empíricas
C1 - Mateus	Depois que eu comecei a me relacionar com homens comecei a ter um conflito interno de que aquilo que eu estava tendo era ou não pecado; se eu estava ou não em pecado; se Deus aceitava a vida que eu estava tendo e por isso eu não consegui retornar pra igreja.
C2 - Pedro	Uma vez eu lembro que eu era criança e falei pro meu pai que era gay. Ai meu pai foi ter uma conversa comigo tal e então comecei, meio que tipo assim: eu tenho raiva do que é gay.
C3 - Enrique	Eu me descobri homossexual, que eu me lembre, foram os primeiros momentos que eu tinha em torno de 10 anos a 11 anos, quando tive minha primeira paixonite. A criança tem a inocência da paixão, mas a gente tem aquele lado que já sabe que está fazendo algo errado, a gente sempre ouve por ser um lar evangélico que aquilo é errado. [...] Eu dei um beijo nesse menino quando eu tinha 11 anos e eu fiquei com uma culpa enorme. Desde então, eu não tive contato nenhum com homem, só tive contato com meninas durante esse tempo.
C4 - Davi	Eu sempre soube que era gay e eu nunca escondi, mas como você cresce com aquela ideia de que Deus não aceita, ele é contra, aquilo te remói e você acaba tendo na mente o que: “vou lutar contra”, que isso são demônios que a religião prega, logo isso que é cheio de demônios e você está possuído. Então eu dizia que “vou lutar que uma hora eu vou ser liberto”.
C5 - Gabriel	Sempre fui homossexual, eles [amigos] sabiam que eu era homossexual, provavelmente eu sabia que eles sabiam, mas na minha cabeça era como se eu não fosse ser aceito. Então a experiência de ser homossexual na comunidade que eu estava inserido não foi muito boa porque durante muito tempo eu tive que me reprimir e eu acho que mais do que qualquer coisa era uma pressão minha do que das pessoas.
C6 - Lucas	Nos tempos de escola eu me relacionei com meninas e depois de um tempo, já na minha adolescência, eu comecei a frequentar a Igreja Evangélica. Eu fiquei 16 anos nessa mesma igreja e lá eu vivi a fase de maior conflito dessa questão de identidade, do que eu sou, sabe? E na luta constante e diária pra eu não me render ao homossexualismo.
C7 - Miguel	Hoje eu acho que as coisas estão um pouco mais assentadas e com facilidades na minha mente. Mas não foi fácil, não foi... No início eu acho que foi muito difícil tanto que eu me assumi como gay relativamente recente, eu tenho quase 40 anos e isso foi há um pouco menos de 4 anos atrás, então não foi uma coisa fácil. Foi um processo muito demorado e muitos momentos não foi inclusive concreto emocionalmente pra mim, eu demorei até pra perceber o que é que eu sentia, acho que eu bloqueei dentro de mim mesmo os meus sentimentos porque eu não conseguia lidar com aquilo.
C8 - Levi	Quis me isolar, já fiquei em fazendas e sítios durante meses para não ver ninguém, sabe? Para ver se eu conseguia tirar aquele sentimento de mim, tinha vezes que passava um rapaz bonito e eu não olhava, me prendia aqui para me reprimir, para não expandir aquele sentimento. E aquilo me fez sofrer muito, me fez sofrer muito

	mesmo.
--	--------

Quadro 07 - Variações empíricas da Constituinte - Vivência do sofrimento apoiado em crenças religiosas

Colaboradores	Variações empíricas
C1 - Mateus	Na verdade a parte do meu conflito foi sobre a igreja, entendeu? Sobre frequentar a igreja, sobre ir à igreja e achar que eu estava em pecado indo a igreja, mas eu nunca deixei de fazer minhas orações porque eu achava que eu estava em pecado, entendeu? Foi algo meio confuso assim, porque eu achava que eu não poderia entrar numa igreja ou ir numa igreja porque eu estaria muito em pecado. Mas eu sempre fiz minha orações, agradeci, pedi a Deus quando estava sozinho.
C2 - Pedro	Eu me reprimia. Eu lutava contra isso porque na igreja a gente aprende que ser gay é pecado, ser gay é abominação diante dos olhos de Deus. [...] A bíblia fundamenta que o desejo da carne luta contra o desejo do Espírito Santo que é o Espírito de Deus, que tem essa luta, você não deve fazer o que a carne quer, ou seja, tudo que eles dizem que é pecado e o espírito deseja tudo que é contrário a isso, que seriam as coisas santas que agradam a Deus. Então, como ser gay é abominação na bíblia, de acordo com o Cristianismo, eu reprimia isso porque o entendimento que eu tinha era que isso era um pecado e ia me levar pró inferno.
C3 - Enrique	Como é algo familiar você acredita que aquilo é a base de tudo quando você nasce num lar evangélico. Então é algo, uma angústia, que é que você vive 24 horas por dia porque você é homossexual 24 horas por dia e aquele peso está com você 24 horas por dia. É algo horrível, eu lembro que eu chorava, noites chorando e eu perguntava: “Gente, mas porque comigo?” “Logo eu?” “Porque eu fui nascer gay?” “Porque eu fui nascer assim?” “Porque eu não consigo mudar?” “O que mais que eu faço?” [...] Chegou um momento que eu queria me isolar porque eu já não queria mais mentir pra ninguém, entendeu? Porque tem uma cobrança “Ah, todo mundo tem uma namoradinha e você não tem!” entendeu? Então eu queria me fechar, eu não queria mais ter contato, eu não queria mais ter que mentir, então isso estava me fazendo meio que me excluir da sociedade, eu acho que eu não tive um quadro depressivo ou uma tristeza excessiva, mas eu comecei a querer ficar só em casa, meu contato era só dentro de casa com a minha mãe, computador e na escola eu era bem fechado.
C4 - Davi	Você tem que se segurar, se resguardar, lá pra dentro, você tem que demonstrar que você é heterossexual pra sociedade e isso machuca e muito, muito, muito e muito. Por isso que eu entendo, hoje, alguns amigos que continuam na religião que eu sei que são gays porque já falaram pra mim, mas não tem força pra sair e se libertar daquelas correntes que a religião prende.
C5 - Gabriel	Eu sempre me considerei muito sóbrio, muito centrado, eu sempre me considerei muito assim e quando eu estava na igreja tiveram épocas... Eu lembro de uma vez que eu deitei e eu pensei em suicídio! Eu pensei! A ideia passou pela minha cabeça, eu não cheguei a... Mas só pensei. Isso nunca tinha passado pela minha cabeça mas todo o contexto que eu estava inserido, eu acabei pensando nisso como uma forma de escape e hoje eu não vejo mais assim, sabe?
C6 - Lucas	Eu cheguei a me deprimir na época porque eu tentava viver as coisas que eu aprendia na igreja e tentava torna-la uma mulher [ex-esposa] realizada e no fundo eu não era um ser realizado, então sofri muito por conta disso. [...] E eu mesmo passei a entender que tudo que eu construí com ela, de me casar, de ter uma vida com ela, eu construí muito influenciado pelo o que a igreja pregava, influenciado pelo o que a sociedade cobrava, influenciado pela possibilidade de fazer com que os meus pais não sofressem por ter um filho homossexual.

C7 - Miguel	Talvez tenha sido uma das memórias marcantes da juventude nesse quesito: eu no pátio mais social da igreja com uma cantina, o lugar onde as pessoas se reuniam ou antes ou depois do culto, e o pastor presidente da igreja, uma igreja grande com possivelmente mais de mil membros na época, falar muito abertamente que certo cantor da banda da igreja não estava mais trabalhando ali, tinha ido para o acampamento da igreja, ele estava vivendo no acampamento da igreja pra ver se ele deixava de ser gay. [...] Marcou muito a minha percepção do que era sentir atração por outros homens como eu sentia e a expectativa da Comunidade em cima de mim, então eu empacotei qualquer sentimento que eu tivesse, qualquer possibilidade que eu tivesse de afeto e empacotei e tranquei. Então foi muito ruim porque dali veio depressão, ansiedade da qual eu tentei viver e eu tentei imaginar minha vida sem relacionamento durante talvez mais de 20 anos e chegou um ponto que eu simplesmente estava completamente desestabilizado com pessoa, eu não tinha mais como ser uma pessoa inteira comigo mesmo e viver daquela forma.
C8 - Levi	Para mim tudo era pecado, era errado e eu ficava “meu Deus tira esse sentimento de mim”. Quantas vezes eu não chorei no quarto pedindo pra Deus tirar o sentimento da homossexualidade de mim porque era pregado que aquilo era pecado, era demônio “você está com o demônio e tal”, e eu sofri muito com aquilo “meu Deus, eu não quero viver com esse sentimento dentro de mim... Tira!”.

Quadro 8. Variações empíricas da Constituinte - Vivências familiares e a homossexualidade

Colaboradores	Variações empíricas
C1 - Mateus	Na minha família hoje está muito bom quando se trata da minha mãe. Quando se trata da minha mãe o relacionamento é perfeito, a gente não tem segredos, eu converso com ela e é super tranquilo, falo das minhas vivências, das pessoas que eu conheço, com quem eu me relaciono, então em relação a ela é super tranquilo. Quando se trata do meu pai e da minha irmã esses assuntos não acontecem, a gente não conversa sobre isso. Eles moram em outra casa, então geralmente a gente não tem esse tipo de conversa, mas desde pequeno eu não fui criado com conversas muito próxima e muito íntima em relação ao meu pai e minha irmã, então acho que é meio que da criação.
C2 - Pedro	Na família é um pouco complicado. Meus pais sabem que eu sou gay, eu sou assumido, porém ninguém conversa dentro de casa sobre isso, é uma coisa muito: sabem, pronto e acabou.
C3 - Enrique	Uma coisa horrível que eu convivia. Minha família toda dentro da igreja e você ouvir da sua família que são as pessoas que você confia, que aquilo é errado, eu não tinha abertura com ninguém para poder... Então foi algo que eu tive que resolver comigo mesmo, eu não tinha ninguém pra poder resolver isso. Eu sou muito próxima da minha mãe desde pequeno, e por mais que eu fosse muito próximo e confiasse muito nela o que me amarrava não era a confiança, ou o medo da minha mãe não me amar, não... Era o medo do que ela podia achar por causa da religião.
C4 - Davi	Eu sofro uma barra muito grande com a minha família, mas não me afeta porque eu sou independente, eu tenho meus empregos, eu pago minhas contas, eu vivo em uma cidade distante da minha família.
C5 - Gabriel	Família é bem complicado. Porque tem essa questão que eu tinha comentado antes da minha família que existem homossexuais e em uma parte da família que não tem só homossexuais, existem travesti e transexuais que inclusive passaram por terapia

	hormonal. Só que é aquilo que eu havia comentado, o estigma que existe na minha família e que as vezes a minha mãe deixa isso escapar, o que ela pensa, que a homossexualidade é uma maldição na família dela, porque essas pessoas na minha família que são homossexuais acabam tendo uma vida sem muitas expectativas, sabe? Não conseguem um emprego, tem problemas com drogas... Todo tipo de problema que você puder imaginar, inclusive um parente que era travesti morreu de AIDS e isso tem uns 5 anos. Então o estigma que existe na minha família é que ser homossexual é uma decadência, isso até me prendeu muito, sabe? Hoje, eu estou num ponto que eu estou tão de boa comigo, tão bem resolvido que eu não teria problema de assumir isso para os meus pais se eles chegassem e perguntassem, é tanto que eu acabei contando para a minha mãe recentemente, para o meu pai eu não contei mas é aquela coisa: eu tenho 25 anos, nunca apareci com namorada em casa, só se engana quem quer.
C6 - Lucas	Eu cresci numa família de conduta e prática católica. Mas eu sempre fui muito diferente dos meus irmãos, inclusive eu sempre fui tratado como irmão diferente lá na minha casa e depois pelas pessoas da minha família.
C7 - Miguel	Meus pais sofreram muito ao saber que eu sou gay. [...] Isso foi há uns dois anos e meio atrás quando eu conversei com eles [pais] e praticamente virou um tabu, então quando eu percebi essa dor, esse sofrimento deles, esse não conseguir lidar com a situação, todas as expectativas que eles têm por conta da religião, especialmente pelo meu pai, meu pai é pastor, não é pastor de profissão mas ele ajuda como pastor na comunidade, então como isso foi muito difícil pra ele, eu dei por não falar pro meu irmão pra que ele [pai] não tenha gente questionando. Imagino meu irmão falando com meu pai sobre mim e isso gerando mais dor e trazendo a memória, aquele sentimento ruim... Então como uma forma, já que meus pais criaram um tabu, eu meio que respeito esse tabu e deixo lá. Mas também não me privo de dizer que estou num relacionamento e que tenho expectativas, porém também não forço o assunto.
C8 - Levi	Na família foi uma rejeição. Hoje já é tranquilo, mas no início foi uma rejeição mesmo, foi complicado.

Quadro 9 - Variações empíricas da Constituinte –O ser gay e a homofobia

Colaboradores	Variações empíricas
C1 - Mateus	Tipo assim, hoje pra eu ir pro culto ou pra uma missa eu vou sem problema nenhum, mas pra eu voltar como eu já fui um dia, de frequentar, participar das atividades da igreja ou algo do tipo, eu ainda não me sinto muito à vontade porque eu não sei, dependendo da igreja ou da religião, como vai ser essa aceitação ou se vai ter essa aceitação.
C2 - Pedro	Usam palavras como: “ah tu é viado” “ah sai daqui seu gay”, como que ser gay ou ser viado seja um tipo de insulto no meio deles.
C3 - Enrique	Às vezes em grupo de família sempre tem alguma coisa sobre religião, sobre inversão que eles chamam de mundo, o mundo está tentando inverter os valores e aí fala da Pablo Vittar fazendo aquilo... da transexualidade... da parada gay... Então assim, eu convivo com isso, mas a crítica direta pra me machucar, afrontar, eu não tive. [...] Mas eu sei que por conta da religião eles acham que eu estou fazendo algo errado, entendeu? Eu tenho certeza disso, mas assim, eu convivo com isso tranquilo.
C4 - Davi	Você ser homossexual, no meu caso que você é muito feminino, como dizem no próprio meio LGBT, te criam barreiras ainda maiores porque assim quando eu me formei, por exemplo, o meu medo era “Será que vou conseguir um emprego?”

	<p>Será?”, era o meu medo porque você se forma e acaba que no mercado o preconceito existe muito. Quando eu estiva trabalhando numa empresa, teve um jornalista que disse bem assim: “olha, a sua voz é muito feminina, a gente precisa trabalhar isso porque você precisa ter voz de homem”. Eu disse: “Eu não tenho culpa disso”. Existem formas na sociedade, existem aqueles moldes que você tem que se encaixar, se você não encaixa eles vão tentando te moldar e começa a guerra e eu disse pra ele “Eu não vou!” eu não vou modificar minha voz, tentar mudar minha voz por conta de emprego, eu pedi demissão.</p>
C5 - Gabriel	<p>Por exemplo, na minha família tem homossexuais, inclusive primos de primeiro grau. [...] É visível a forma como eles são vistos pelas outras pessoas da família e a forma como eu sou visto, [...] a forma como a família falavam deles era diferente de como falavam de mim, entende? E ai hoje, até em casa, eu acho que eu ganhei um respeito muito grande só por estar no curso de Medicina.</p>
C6 - Lucas	<p>Eu tenho formação, eu fiz dois cursos universitários, eu fiz Letras depois fiz jornalismo, depois fiz uma especialização em cada área e fiz um mestrado na área de Letras e pretendo fazer um doutorado no futuro próximo, então nada me diferencia de um heterossexual, pra mim é extremamente normal ser homossexual.</p>
C7 - Miguel	<p>Hoje a minha experiência como pessoa gay tem alguns limitantes, como por exemplo no meu trabalho eu não sou aberto, tem umas duas ou talvez três pessoas que sabem mas eu não sou aberto ou compartilho minha orientação sexual no meu trabalho. Existem limitações na minha vida, algumas delas talvez autoimpostas, mas seriam autoimpostas para uma garantia de segurança e tentar diminuir certos sofrimentos que a gente já espera. Então eu não falo da minha orientação pra qualquer pessoa, eu não chego dizendo o que eu sinto, então ela tem barreiras e seriam barreiras que teriam a intenção de proteção. Mas em alguns contextos, por exemplo entre meus amigos, eu sou muito bem aceito, a gente conversa sobre N assuntos, inclusive orientação sexual e namoros com bastante liberdade.</p>
C8 - Levi	<p>Vivo uma vida tranquila, claro que ainda existe alguns conflitos né? Assim na sociedade, ainda me prendo muito, é porque eu não acho legal andar de mãos dadas na rua, andar se beijando na rua, até porque tem criança que não entende. [...] Eu não gosto porque eu ainda tenho um pouco de resistência e até porque eu não acho legal mesmo. Ficar andando dois rapazes ou duas moças de mãos dadas na rua até porque é perigoso ainda. As pessoas vão te tratar com rejeição se vê aquilo, né? Então quando as pessoas nos veem na rua, acham que somos amigos ou irmão [referindo-se ao companheiro], nós não demonstramos um sentimento de companheiro um pelo outro assim na rua.</p>

Quadro 10 - Variações empíricas da Constituinte – Vivência gay frente a prática religiosa e o contato com Deus

Colaboradores	Variações empíricas
C1 - Mateus	<p>Eu acho que por enquanto eu estou bem resolvido com a questão da minha religião. Eu faço as minhas orações, eu peço a Deus quando eu tenho algo que me aflige muito, vou a igreja e faço uma oração, eu me ajoelho, eu agradeço, agradeço muito e peço e eu não vejo, por enquanto, a necessidade de eu ter uma interação com a comunidade religiosa, entendeu? Mas isso não quer dizer que eu não tenha uma religião ou não acredite em Deus. Eu tenho fé, eu acredito, eu faço minhas orações a noite, eu agradeço, faço tudo, porém eu não tenho uma ligação muito próxima com as pessoas da igreja.</p>
C2 - Pedro	<p>Eu sempre acredito muito na ciência porque é uma base verdadeira, a ciência é uma coisa que você pode seguir porque você sabe que lá na frente... Vai mudar? Pode</p>

	<p>mudar, mas... Por exemplo, essa pesquisa que você está fazendo, você vai fazer seguindo normas científicas que vão te dar uma garantia de que o que você faz aqui é correto. E que não há motivo pra eu dizer que algo é sobrenatural só porque eu não consigo explicar... Ah uma pessoa estava doente, estava na beira da morte e rapidinho viveu e não posso dizer que isso foi Deus, só porque eu não consigo explicar isso, entendeu?!</p>
C3 - Enrique	<p>Como eu falei eu sempre procurei estudar muito religião, e religião eu sempre achei política, não existe política sem religião e religião sem política, religião é um negócio de interesse. Eu não me senti bem com nenhuma das religiões que eu conheci, porque todas estavam ligadas com jogos de poder, com política e esse tipo de coisa, mas assim, dentro de todas eu me identifico muito com o Budismo. Foi o que eu mais me identifiquei dentre todas e que também tem um cunho político-religioso, não essa de misturar as coisas não pode principalmente nas origens e história, mas o que me levou ao budismo foi a meditação que foi algo que eu encontrei aí no caminho e me fez muito bem. [...] A filosofia que eles seguem é uma filosofia que eu me identifiquei, mas eu não abracei a religião “ah, eu sou budista e faço as práticas”, não! Foi a que eu mais me identifiquei.</p>
C4 - Davi	<p>Teve essa ruptura, de fato, da religião, mas isso não me fez desacreditar que Deus existe; isso não me fez desacreditar que Deus me ama independente da minha condição sexual. Isso me fez acreditar que os gays não vão pro inferno.</p>
C5 - Gabriel	<p>De tudo que eu tinha aprendido e não foi porque alguém chegou para mim e falou, eu não me via aceito. Pelo que eu li, eu sou uma abominação e não faria sentido eu continuar ali, sabe? Primeiro que para eu continuar lá todo mundo me olhava de uma forma, eu era aquela pessoa “o menino prodígio”, cantava, pregava, que era líder, se envolvia em tudo da igreja, que as mães queriam que fosse genro delas, que as meninas olhavam e se apaixonavam e eu sabia que eu não era aquilo, talvez eu fosse boa parte mas a parte diferente era a sexualidade que eles pintaram em mim. Então não faria sentido e eu imaginei que qualquer lugar que eu fosse ia acabar caindo no mesmo, por isso que eu não voltei. E na real, eu não sinto falta. Foi um período muito conturbado.</p>
C6 - Lucas	<p>Hoje eu sou de uma comunidade chamada Betesda que me acolheu e eles nunca questionaram sobre a minha sexualidade, eles nunca interferiram em nada na vida social, inclusive eu canto na igreja Betesda coisa que eu jamais poderia fazer em qualquer outra igreja evangélica porquê eles isolam os homossexuais.</p>
C7 - Miguel	<p>Eu tenho uma vivência dentro daquela comunidade muito forte, eu ajudo, eu prego em dia de domingo no culto principal da igreja [igreja que Miguel frequentava na adolescência] e naquela comunidade não existe distinção por eu ser gay ou por não ser gay e por exemplo, eu nunca levantei [quando faz a pregação] em defesa “Porque eu sou gay e estou pregando” nunca precisei fazer isso e não quero ter que fazer isso. Às vezes que eu preguei foi sobre a experiência de se viver sendo cristão na vida de hoje, independente se eu sou gay ou não. [...] Essa comunidade cristã é acolhedora e ela é acolhedora não só de falar, ela é na prática.</p>
C8 - Levi	<p>Foi quando encontramos um pastor de uma igreja evangélica daqui. A gente chegou numa igreja evangélica e quando eu entrei naquela igreja eu me senti muito bem, muito bem acolhido. É uma igreja até... Sabe aquelas igrejas de estilo americano, aqueles cânticos diferentes, eu achei bem legal e logo de cara o pastor percebeu que nós dois éramos um casal e ele chegou e perguntou de onde vínhamos e porque estávamos ali. A gente explicou toda a situação, falamos que cantávamos e que gostaríamos de fazer parte e ele nos convidou para cantar, eu até me assustei. “Mas como? Pode?” Porque eu já tinha aquilo dentro de mim “Não pode porque somos gays e não pode cantar na igreja”. Foi quando ele (pastor) disse: “O que importa para Deus é o seu coração, se você vai cantar com vontade, se você vai cantar transmitindo o amor de Deus para as pessoas é isso que importa. Não importa se você gosta dele, não importa se você dorme com ele, não importa se você se</p>

	<p>relaciona com ele, não importa se você é casado com ele. O que importa é o seu amor ao próximo e o amor que Deus transmite para você e você transmitir para as pessoas.” Essas palavras foram palavras de conforto para nós dois, e desde então nós começamos a trabalhar isso na nossa vida e paramos com esse conflito: porque não posso, gente cresceu assim: “não pode, não pode, não pode, não pode” e acabou que recebemos o conselho dessa pessoa experiente que nos ajudou muito e até hoje nós estamos lá e toda comunidade da igreja sabe que nós dois somos um casal e nós fazemos parte do louvor dessa igreja, cantamos, oramos.</p>
--	--

Quadro 11 - Variações empíricas da Constituinte – Tornando-se livre: estratégias percebidas

Colaboradores	Variações empíricas
C1 - Mateus	<p>Eu tive uma pessoa que me ajudou muito, uma amiga que é religiosa e ela frequenta uma igreja evangélica. E em determinado momento eu conversei com ela e ela falou algo que me tranquilizou muito “que Deus sabe de todas as coisas, entendeu? Que a gente tem que pedir, tem que agradecer e que só ele pode nos julgar”. Então que eu não me preocupasse ou que eu não ficasse pensando com o que a igreja vai dizer e com que a igreja vai ver e sim soubesse da palavra Deus, sobre Deus e que ele quer gente feliz, então se eu estou feliz na vida que eu tenho hoje, isso faz parte da vontade dele. Então pra eu não me preocupar se eu estou em pecado ou vou pro inferno, entendeu?!</p>
C2 - Pedro	<p>Não tinha nenhum gay, nada. Todos os meus amigos eram heteros, ou seja eram primos, ou da faculdade ou da igreja. Ai sim, depois eu fui conhecendo alguns, foi quando fui experimentando essas coisas, e ai a gente vai vendo que não é uma coisa errada.</p>
C3 - Enrique	<p>Eu conheci um amigo e ele me apresentou um filósofo, [...] e ele trata muito legal sobre a religião e sobre as regras que a religião traz pra dentro, a pacífica que as pessoas tem de ter uma religião e não tem nada a ver com espiritualidade. Eu comecei a me desapegar nessa época da religião, daquilo que era dogma, ritual e tradição. Mas mesmo assim eu era muito preso ao cristianismo. [...] Parece que eu me distanciar mais de dentro de casa me deixou mais livre pra ser aquilo que eu era, porque eu não estava mais dentro de casa, entendeu?! Então assim eu era um pouco mais solto, meu contato com religião passou a ser zero e o fato de eu ir à igreja era um ritual que eu seguia com a minha família, já não estava mais preso aquilo. Então eu fui me distanciando da igreja e fazendo novos ciclos de amizades e eram amizades que tinha a ver comigo, eram pessoas que por mais que não fossem homossexuais, eram pessoas que não carregavam com elas aquilo que meus amigos da igreja carregavam, que era um julgamento, eu não tinha o julgamento dessas pessoas. Eu me sentia melhor para poder ser quem eu era. [...] Eu tive meu primeiro contato e eu já não me senti mais tão culpado.</p>
C4 - Davi	<p>Foi a partir dessa experiência de ser homossexual e de ter vivido numa religião que me levou a pesquisar [pesquisa científica para graduação], foi a partir daí que eu quis entender, você quer entender ferramentas pra conseguir superar isso, eu quis entender, culturalmente, como a religião se construía e porque que as pessoas atacavam tanto os homossexuais, porque? Porque que as pessoas usam da religião pra bater? Então eu fui atrás de compreender isso a partir de uma experiência e não foi fácil, foi bem difícil porque você começa a relembrar de situações e você tem que se eximir daquilo e é bem complicado, mas foi a partir daí que eu fui tentar entender e eu consegui através da pesquisa e através da própria bíblia compreender que “Não! Deus me ama, eu posso acreditar em Deus, o inferno não foi reservado pra ninguém, ninguém tem o poder de julgar ninguém, de dizer que nós somos uma nojeira e por ai vai. Então eu consegui comprovar cientificamente e religiosamente</p>

	que aquilo não existia, então eu acho que foi a partir daí, de compreender uma situação que eu me senti mais confortável frente a religião e eu acho que quando eu compreendi isso eu parei de me martirizar.
C5 - Gabriel	É eu fiquei pensando, pensando e pensei na vida que eu queria ter, se era aquela mesma, eu poderia estar lá e pagando de bonitinho e talvez no futuro ter uma família com uma mulher, só que também eu passaria a vida toda me enganando. E foi quando eu decide que eu não ia mas ficar lá, [...] quando voltei eu sabia o que eu não queria mais ser, eu não queria mais ser a pessoa que mentia para si mesmo e por mentir para si mesmo acabava mentindo por todos os lugares que passava e eu voltei mesmo decidido a viver minha vida e ser quem eu sou.
C6 - Lucas	O fim do relacionamento com minha ex-mulher. Ela me disse algo muito importante: que eu precisava viver esse amor e eu só seria feliz se eu vivesse esse amor. Porque no fim do nosso relacionamento eu disse a ela que eu era homossexual e ela disse que já sabia porque a gente já convivia há muito tempo, nós namoramos por 5 anos e ficamos casados por mais 7, então a gente teve uma história de 12 anos. E nós demos um fim no relacionamento e eu ainda resisti, eu continuei indo pra igreja lutando contra os desejos da carne e quando eu decidi que eu não caberia mais dentro dessa igreja ou dentro da igreja que eu estava, quando eu decidi que não caberia mais, eu comecei a fazer uma série de reflexões que eu não fazia anteriormente porque eu vivia a ideia de que eu poderia me tornar heterossexual. Ela foi importante no processo porque foi com ela que eu descobri que eu realmente não seria feliz vivendo com uma mulher, que eu realmente estava traçando uma trilha que no fim sempre seria de muita tristeza. [...] Ela me fez entender o que eu já sabia que precisava fazer mas eu não tinha forças para fazer, não tinha coragem para fazer.
C7 - Miguel	Eu acho que entra uma história que pra mim é muito relevante pra essa mudança na minha vida. Um dia, há quatro anos atrás, eu tive uma experiência transcendental com Deus na qual ele me falou: não tem problema, eu não tenho problema com isso. Isso abriu pra mim a possibilidade de buscar informação “bora ver se a bíblia fala realmente alguma coisa contra”, não só a opinião dos outros mas o que eu consigo interpretar da bíblia e estudar aqueles 5 ou 6 versículos, porque a bíblia só tem 5 ou 6 versículos e a gente ver igrejas que gastam muito tempo falando contra a homossexualidade. E aí eu comecei a pesquisar e cheguei à conclusão de que aquele alarde todo que as pessoas faziam era desproporcional com o número de versículos e com o conteúdo daqueles versículos e que os textos bíblicos deveriam ser interpretados de acordo com o contexto histórico daquela época e o que eles queriam dizer, o que as traduções queriam realmente indicar, porque a tradução há 20 anos atrás não usava o termo gay ou homossexual. Usavam outros termos que não tinham nada a ver e subitamente mudou o que aconteceu. Então isso mudou eu como gay, mudou minha relação com a minha prática religiosa e foi a partir daí que eu me abri para um relacionamento mesmo sendo cristão.
C8 - Levi	Encontrar alguém que tivesse o mesmo sentimento. Por que até então não tinha encontrado uma pessoa que também estivesse na igreja passando pelo mesmo conflito interno, e quando eu encontrei uma pessoa, na qual estou hoje, nós nos conhecemos na igreja e nós tínhamos o mesmo sentimento de sofrimento e de não saber o que fazer. E acabamos que decidimos parar de sofrer com aquilo.

Quadro 12 - Variações empíricas da Constituinte – Resignificações

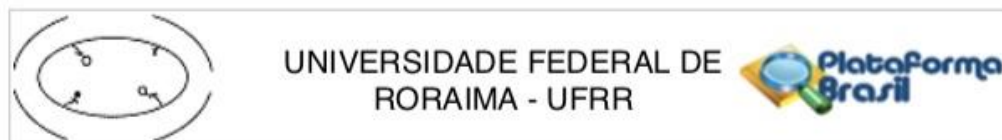
Colaboradores	Variações empíricas
C1 - Mateus	Sempre enxerguei que Deus era diferente do que a igreja pregava porque eu tive algumas experiências religiosas e eu vi que tudo depende de quem está a frente da igreja, o pensamento de quem está na frente da igreja. E a gente consegue perceber

	<p>isso passando por religiões, eu já frequentei a igreja católica, já frequentei a igreja batista e já fui em algumas outras igrejas também e a gente ver que cada uma tem um ponto de vista e um posicionamento, mas Deus é um só. Então eu acredito que ele tem uma visão, um posicionamento e que não necessariamente as igrejas e as religiões seguem aquilo que ele realmente prega ou que ele realmente diz.</p>
C2 - Pedro	<p>Hoje eu me sinto mais livre, entendeu?! A sensação que a gente tem é de liberdade, porque a gente é quem a gente é, sem medo e sem ficar com aquela coisa na cabeça de o que eu estou fazendo era pecado, ir pro inferno e essas coisas.</p>
C3 - Enrique	<p>Quando eu consegui entender, quando eu saí do foco da religião tirou um peso. Ela era o ponto, então eu está fora dela... Porque eu não tinha, por incrível que pareça, problema em ser homossexual, eu assim em me ver homossexual, eu tinha problema porque eu sabia que aquilo era errado, que eu estava condenado ao inferno, que tinha um espírito maligno, o tempo todo era isso na minha cabeça: nossa, eu vou cair endemoniado na igreja.</p>
C4 - Davi	<p>É um desafio diário. Eu acho que depois que você sai do armário, a famosa frase né, você se sente mais livre, eu acho que a liberdade é o que vem depois de muita luta, de muita resistência também. Mas acho que ser homossexual é ter ciência de uma constante guerra com você, com a família, com a sociedade, com amigos. Eu acho que a experiência homossexual é muito perturbadora ao mesmo tempo que com o tempo ela vai se acalmando, mas ela é única, uma experiência muito única.</p>
C5 - Gabriel	<p>Eu me descobri com 10 anos e eu demorei um tempo para me aceitar, mas passado esse período eu considero normal na maioria das vezes. Da minha parte é sempre normal, eu não vejo mais como algo que me inferioriza ou me torna diferente de outras pessoas, a única coisa diferente é que eu me interesse por pessoas do mesmo sexo. Mas dependendo do ambiente que eu estou inserido, por exemplo na faculdade, normalmente, eu não me sinto diferente, mas as vezes por algum motivo pode acabar rolando uma situação que faça com que eu me sinta diferente. No geral, a maioria dos espaços que frequento pra mim é normal, mesmo na minha família eu acho normal.</p>
C6 - Lucas	<p>Eu falei para uma amiga evangélica esses dias que hoje eu sou livre. Esse termo “seja livre” é muito comum nas igrejas evangélicas, porque ser livre é se libertar de tudo que há nesse mundo e ser um cristão santo, viver na santidade. E para mim ser livre não é mas isso. Ser livre é não carregar culpa. Ser livre é não ter medo de andar pela rua. Ser livre é não ter vergonha de si mesmo, é não ter vergonha de Deus, não ter vergonha de se ajoelhar e conversar com Deus por ser homossexual, isso é ser livre.</p>
C7 - Miguel	<p>Eu não vejo que Deus tenha mudado na sua essência, mas a minha percepção dele sim e também a minha percepção de como os outros olhavam a ele. Então por exemplo, se eu começo a entender que eu preciso analisar um texto que fala sobre homens tendo relação com homens escrito lá no Antigo Testamento, mas eu tenho que olhar aquele texto dentro de um contexto histórico e entender o que está acontecendo naquele momento e porque que aquilo está sendo dito, isso muda a forma como eu entendo Deus e tira um pouco aquela carga de que Deus é contra mim. Então sim, eu mudei a minha forma de ver Deus mas continuo vendo Deus como amoroso e bom, eu via antes, só que antes era um Deus amoroso e bom mas não podia isso, eu via que Deus não era amoral ou sem moral, Deus tinha padrões de moral mas aquilo que eu estava querendo viver não ia contra o padrão de moral de Deus. Então não é que eu descobri Deus como uma pessoa sem padrão, mas aquilo que eu desejava que era um relacionamento com outro homem, eu sendo homem, não ia contra a moral de Deus.</p>
C8 - Levi	<p>No começo foi um conflito interno. Hoje eu acho que já consigo lidar com essa experiência, hoje eu me considero uma pessoa normal. Porque para sociedade acha que o homossexual não é uma pessoa normal, hoje eu sei que eu sou normal, a</p>

	experiência não é fácil, a convivência do dia a dia não é fácil, a gente vive com medo da sociedade mas eu consigo lidar com isso.
--	--

ANEXOS

ANEXO I - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA UFRR SOBRE A NOTIFICAÇÃO DO SUB-PROJETO VINCULADO AO PROJETO GUARDA-CHUVA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Estudos em Saúde mental dos usuários, familiares e profissionais na rede psicossocial e na comunidade: um olhar da Psicologia

Pesquisador: Joelma Ana Espíndula

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 58455916.5.0000.5302

Instituição Proponente: Universidade Federal de Roraima - UFR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DA NOTIFICAÇÃO

Tipo de Notificação: Outros

Detalhe: CARTA INFORMATIVA AO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Justificativa: Informação referente aos subprojetos vinculados ao projeto guarda-chuva.

Data do Envio: 12/12/2017

Situação da Notificação: Parecer Consubstanciado Emitido

DADOS DO PARECER

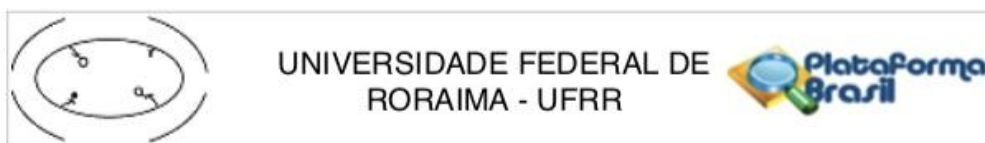
Número do Parecer: 2.486.436

Apresentação da Notificação:

Informar ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRR a vinculação dos subprojetos:

- 1) Saúde mental de adolescentes que se autolesionam em uma escola pública: um estudo fenomenológico;
- 2) Saúde mental e estratégias psicossociais para o enfrentamento da homossexualidade e prática religiosa: um olhar fenomenológico;
- 3) Estudo das vivências de profissionais da saúde mental em projetos de inclusão em Centros de Atenção Psicossocial em Boa Vista, Roraima, por meio do método fenomenológico;
- 4) Profissionais nos serviços em saúde mental na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS): sobrecarga, estresse e qualidade de vida;
- 5) Contribuições da fenomenologia na psicologia clínica do transtorno de hábitos e impulsos de uma jovem: estudo de caso;

Endereço: Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413, UFRR, Campus Paricarana, Bloco PRPPG/UFRR, Sala CEP/UFRR.
Bairro: Aeroporto **CEP:** 69.304-000
UF: RR **Município:** BOA VISTA
Telefone: (95)3621-3112 **Fax:** (95)3621-3112 **E-mail:** coep@ufr.br



Continuação do Parecer: 2.486.436

6) Compreendendo o significado dos modos de ser-no-mundo dos usuários com transtorno mental em um CAPS-III de Boa Vista-RR;

7) Luto materno: a resignificação do viver após a perda de um filho com câncer;

8) Vivência comunitária dos venezuelanos que migraram para Boa Vista-RR: um olhar a partir da fenomenologia de Edith Stein;

9) Contribuições da fenomenologia na psicoterapia em situação de separação dos pais: estudo de caso.

Estes sub-projetos estão vinculados ao projeto guarda-chuva intitulado: "Estudos em saúde e mental de usuário, família, profissional e trabalhador na rede psicossocial na instituição e na comunidade urbana e rural: um olhar da Psicologia". O projeto guarda-chuva é um Projeto de pesquisa com duração de cinco anos (2016/2021) com o propósito de desenvolver subprojetos de pesquisas de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso (TCC) e mestrados, principalmente com os alunos do curso de graduação em Psicologia da UFRR, alunos do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde (PROCISA) e o sub-projeto de Pós-doutorado da docente.

Objetivo da Notificação:

Informar ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRR a vinculação dos subprojetos ao projeto guarda-chuva.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

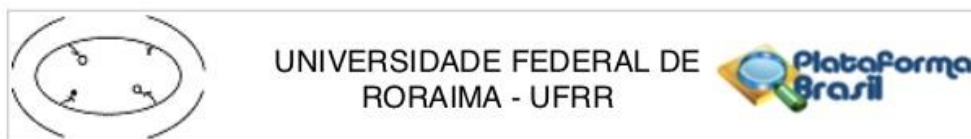
Segundo a pesquisadora, a pesquisa oferece riscos mínimos como a possibilidade de eventual desconforto psicológico pela manifestação de diferentes emoções, como por exemplo, a tristeza gerada pela reflexão e/ou pela recordação que alguma pergunta possa desencadear ao participante.

Os benefícios em participar deste estudo consistem em contribuir com a produção de conhecimento para prevenir e promover o desenvolvimento pleno e positivo, ao longo do ciclo vital, e assim, auxiliar os indivíduos a vivenciarem de forma mais apropriada e saudável as etapas e os desafios em diferentes âmbitos da vida, inerentes a cada período de vida.

Comentários e Considerações sobre a Notificação:

A pesquisa é relevante, segundo a pesquisadora, pois visa discutir a temática da saúde mental especialmente em relação a atuação do psicólogo com usuários, familiares e profissionais em diferentes instituições, no município de Boa Vista, no âmbito urbano e rural, visando uma reflexão sobre a prática dos profissionais nesses diversos contextos, nas diferentes fases do desenvolvimento, em uma abordagem qualitativa e fenomenológica.

Endereço: Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413, UFRR, Campus Paricarana, Bloco PRPPG/UFRR, Sala CEP/UFRR.
Bairro: Aeroporto **CEP:** 69.304-000
UF: RR **Município:** BOA VISTA
Telefone: (95)3621-3112 **Fax:** (95)3621-3112 **E-mail:** coep@ufr.br



Continuação do Parecer: 2.486.436

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios foram apresentados e estão de acordo com as exigências da Resolução Nº 466/12.

Recomendações:

Sugere-se a aprovação do Colegiado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Notificação aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	Notificacao_Carta_informativa.pdf	12/12/2017 14:40:45	Joelma Ana Espíndula	Postado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BOA VISTA, 05 de Fevereiro de 2018

Assinado por:
MANUELA SOUZA SIQUEIRA CORDEIRO
(Coordenador)

Endereço: Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413, UFRR, Campus Paricarana, Bloco PRPPG/UFRR, Sala CEP/UFRR.
Bairro: Aeroporto **CEP:** 69.304-000
UF: RR **Município:** BOA VISTA
Telefone: (95)3621-3112 **Fax:** (95)3621-3112 **E-mail:** coep@ufr.br